



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA - UFBA**

**ESCOLA DE NUTRIÇÃO – ENUFBA**

Programa de Pós-Graduação

**MESTRADO EM ALIMENTOS, NUTRIÇÃO E SAÚDE - MANS**

**ARTIGO ORIGINAL**

***Segurança Alimentar e Nutricional na comunidade  
quilombola de Ilha de Maré:  
um estudo etnográfico sobre práticas alimentares***

Aluno: Fábio Rodrigo Santana dos Santos<sup>1</sup>

Professora Orientadora: Maria do Carmo Soares de Freitas<sup>2</sup>

1 – Nutricionista, aluno inscrito no Mestrado em Alimentos, Nutrição e Saúde, Escola de Nutrição / Universidade Federal da Bahia (ENUFBA); Professor Substituto do Curso de Nutrição da ENUFBA; Professor do Curso de Nutrição da Faculdade de Tecnologia e Ciências (FTC)

2 – Nutricionista, Doutora em Saúde Pública, Professora Adjunto IV da graduação e Professora Permanente do Curso de Mestrado em Alimentos, Nutrição e Saúde da Escola de Nutrição / UFBA.

**Salvador - BA  
Março - 2007**

## Introdução

“A alimentação humana envolve aspectos psicológicos, fisiológicos e socioculturais; é um fenômeno de grande complexidade e assim sendo, o estudo das práticas alimentares tem suscitado o desenvolvimento de instrumentos e métodos no interior de várias disciplinas” (Poulain e Proença, 16(4),2003)

A relação entre segurança alimentar e o estudo de grupos populacionais constitui um elo fundamental na compreensão dos problemas nutricionais que afligem estas populações. O estudo das especificidades do comportamento alimentar conforme diferentes culturas é sem dúvida um ponto fundamental para o entendimento deste elo.

Segundo Valente (1999), a segurança alimentar e nutricional (SAN) é definida como o acesso permanente a todos os indivíduos, aos alimentos básicos de qualidade e em quantidades suficientes para levar uma vida digna e saudável, sem comprometer outras necessidades básicas. Tal conceito, reafirmado pela II Conferência Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional (2004) pode ser ampliado relacionando os aspectos de aptidão biológica dos indivíduos, inocuidade e respeito aos padrões culturais. Além disso, a incorporação do significado do uso adequado e sustentável dos recursos naturais ao conceito de segurança alimentar (RAMALHO, 2002), leva-nos a considerar que a sucessiva degradação do meio ambiente, configura-se como uma situação complexa de insegurança alimentar.

Ramallo (2002), afirma que diante da evolução do sistema alimentar, o acesso aos alimentos por parte das populações tradicionais<sup>1</sup> depende, quase exclusivamente, da exploração dos recursos naturais, permitindo a reprodutibilidade econômica, social, ambiental e cultural. Para Diegues (1994), as populações tradicionais se reproduzem explorando diversos ecossistemas, a exemplo das florestas, estuários, mangues e áreas já transformadas para fins agrícolas. O autor acrescenta ainda que essas populações são detentoras de sistemas de manejo dos recursos naturais norteadas pelo respeito aos ciclos naturais, revelando formas de exploração econômica e, também, um conjunto de conhecimentos adquiridos de geração a geração, repletos de mitos e símbolos que levam ao uso sustentado dos ecossistemas.<sup>1</sup>

O estudo dos processos organizacionais pelos quais as populações locais inscrevem suas necessidades básicas e os recursos naturais fornecidos pelo meio ambientes para a subsistência constitui-se, segundo Castro (2000), em eixos

---

<sup>1</sup> Populações tradicionais são aquelas populações próprias de uma organização socioeconômica pré-capitalista, que não empregam o trabalho assalariado e que desenvolvem atividades a partir do uso de recursos naturais renováveis (DIEGUES, 1994)

fundamentais para explicar as correlações entre grupos humanos e os espaços regionais que eles ocupam. O direcionamento dado pela literatura brasileira à segurança alimentar e nutricional ao tratar do acesso aos alimentos quase exclusivamente pela produção agrícola, deixa de evidenciar outras potencialidades que o país possui, a exemplo do mar e manguezal, como apontado por Josué de Castro há mais de trinta anos. Também, Ramalho dá ênfase a esta questão quando diz:

É necessário chamar a atenção para os recursos aquáticos, importantes provedores de alimentos, livres das políticas agrárias escravocratas. Mesmo o oceano com a produção pesqueira em grande escala, detentora dos meios de produção, garante os alimentos das populações tradicionais. Esse enquadramento, de fato, evidencia nexos entre a nutrição, o meio ambiente e o desenvolvimento econômico. (RAMALHO, 2002)

Dado a deficiência em pesquisas sobre a temática da significação das práticas alimentares de populações tradicionais que vivem do mar e do mangue, este estudo vem acrescentar com uma abordagem qualitativa questões do cotidiano alimentar de uma população de pescadores remanescente de quilombo na região do município de Salvador: a Ilha de Maré. Trata-se de um dos recantos mais belos do litoral baiano; uma exuberante e densa vegetação, com relevo acentuado localizado na Baía de Todos os Santos ao fundo da Baía de Aratú (centro industrial).

Entretanto, a infra-estrutura local é deficitária; o acesso à Ilha é difícil e não há um sistema de transporte interno. Por isso, o deslocamento para os povoados é sempre difícil, sendo geralmente feito a pé. Algumas pessoas com maior renda possuem cavalos ou jumentos, que servem como transportes. Da mesma maneira, as travessias Maré-Salvador-Maré, são realizadas de forma precária, devido à inexistência de transporte público; para as viagens diárias são utilizados pequenos barcos a motor de proprietários locais. O único atracadouro foi inaugurado recentemente (janeiro de 2002) na comunidade de Botelho. Nos demais povoados as pessoas são obrigadas a embarcar e desembarcar dentro d'água desde sempre.

Esta situação fica ainda mais difícil nos períodos chuvosos e de vento forte. A inconveniência é ainda maior para crianças, idosos, doentes que necessitam caminhar pela lama da praia, depois, entrar no mar para finalmente subir nos pequenos barcos a motor, em geral sem fiscalização da marinha pela condição de segurança. São nestes barcos e canoas que crianças, adolescentes atravessam para freqüentar escolas, visto que a Ilha não dispõe do ensino médio. Também, os moradores buscam serviços de saúde

fora da Ilha, pois somente uma vez por semana o povoado de Santana recebe a visita de uma médica clínica na sede da Colônia de Pescadores. Segundo um membro desta entidade, Sr. Djalma, no ano de 2006 eram 830 as crianças e adolescentes que atravessavam diariamente da ilha para escolas de municípios vizinhos à Salvador (São Sebastião do Passé e Candeias).

A população total da Ilha de Maré é de 6.717 habitantes permanentes, sendo 675 as crianças com idade igual ou inferior a 05 anos e 673 de 5 a 9 anos de idade (IBGE, 2000 in MS-UFBA 2004) distribuída em nove Povoados, a saber: Praia Grande, Santana, Botelho, Caquende, Neves, Itamoabo, Bananeiras, Maracanã e Martelo.

No momento, as redes elétrica e telefônica atingem toda Ilha e o abastecimento de água, 90% dos povoados. Entretanto, não há saneamento básico e tantos outros serviços de saúde nem cartório e policiamento. Cenas de violência têm sido comuns, principalmente nos finais de semana, quando o consumo de bebidas alcoólicas dos visitantes é excessivo.

Nascimento e morte são registrados em um livro cartorial no povoado de Praia Grande responsabilizado a uma escrituraria da prefeitura de Salvador. Mas é comum não haver registros de mortes de crianças que são enterradas em cemitérios não oficiais nos povoados. As principais fontes de renda dos moradores são: pescaria para homens (há apenas duas mulheres), mariscagem para mulheres, cultivo agrícola de banana, coco, cana-de-açúcar, artesanatos de conchas e palha (cana-brava) e renda de bilros (outra atividade feminina). Recentemente, um dos problemas que afetam a população é a questão da segurança policial.

Outra dificuldade da comunidade marezeira é a contaminação ambiental proveniente das indústrias químicas, petroquímicas e petrolíferas, instaladas na Baía de Aratu (porto e base naval), Ilha de Madre de Deus (Refinaria de Petróleo Landolfo Alves), próximas à Ilha de Maré. Na comunidade de Porto de Cavalos desde a década de 80, a Petrobrás instalou poços de petróleo, ainda ativos. Toda esta situação contamina a produção pesqueira, destrói a flora e a fauna marinha repercutindo em dificuldades de sobrevivência familiar.

A ausência de políticas públicas aliada ao contexto de profunda pobreza e baixa escolaridade, cria uma situação de grave insegurança alimentar e nutricional ferindo princípios fundamentais dos direitos humanos à sobrevivência. Conforme nosso registro, a população de Ilha de Maré apresenta como a mais importante atividade

remunerada a pesca artesanal e a captura de mariscos, sendo poucos os que se deslocam para o trabalho fora.

É nesse contexto socioeconômico que este estudo discute o território quilombola de Ilha de Maré como um espaço da segurança alimentar de seus moradores. Não nos restringimos à produção pesqueira e aos problemas estruturais do modo de produção (coleta/cultivo), mas, tentamos compreender o consumo alimentar, os problemas de acesso aos alimentos, o preparo, hábitos e tabus que envolvem as relações sociais do lugar. Este que representa a periferia da cidade de Salvador, e não *isolado do mundo* é assistido apenas por membros de Organizações Não Governamentais como a Comissão Pastoral da Pesca e outras que levam projetos para a melhoria da sobrevivência, como creches e cursos sobre direitos sociais e previdenciários.

Para Marcus (1995), o nível local reproduz o campo global na medida em os interesses ou desinteresses políticos são reconduzidos. Há, portanto uma estreita ligação entre os valores que envolvem ilhéus e continentais (moradores de municípios vizinhos). Nesse aspecto o comércio de mariscos e bananas abastece restaurantes desse circuito de vizinhos urbanos, e as visitas de finais de semana são recebidas em Maré.

Este exercício etnográfico com um ano de observação e registros aborda dimensões teóricas e empíricas referentes ao tema da segurança alimentar, do ambiente e da prática alimentar desta população. A complexidade desta tríade impõe uma abordagem que demanda conceitos de vários campos de saberes conformando uma área de conhecimento delimitada em campo junto às informações acolhidas.

Para um melhor entendimento da questão nutricional focalizamos os hábitos alimentares locais, os quais são estabelecidos desde muito cedo, ainda na infância, e estão relacionados a uma série de fatores: desde os valores culturais e afetivos aos de ordem econômica.

### **A importância dos estudos da cultura e de hábitos alimentares para a nutrição**

Meio ambiente natural e cultura se encontram na alimentação humana ao aliar a necessidade deste ato vital a outros aspectos que fazem parte deste sistema socio-biológico que atribui significados ao comer. Nesse sentido, o fenômeno cultural alimentação vai além do “comer para viver”, pois nasce de uma forma de sobrevivência culturalmente marcada e culturalmente forjada, vez que os seres humanos criam técnicas e “maneiras de viver” através da alimentação (Maciel, 2002).

Alimento e comida, [...] ainda que o primeiro seja o mesmo que a comida, são categorias que expressam modos diversos de perceber a mesma coisa, em momentos diferentes (antes da preparação/ depois da preparação). Em outras palavras, o processo culinário transforma alimento em comida (WOORTMAN, 1978)

Woortman (1978), cita em seus estudos dois eixos principais para compreensão dos hábitos alimentares: o primeiro privilegia as teorias alimentares por meio de classificação dos alimentos (ex: quente/frio, forte/fraco, reimoso/descarregado), que orientam as prescrições, proibições e os hábitos alimentares; o segundo associa o sistema ao conjunto de diferentes práticas e significações, conferidas pelos distintos grupos sociais e que se baseiam na ideologia e na cultura e não apenas nas categorias alimentares previamente concebidas.

Sobre isto, Canesqui (2005) relaciona a abordagem do primeiro eixo como parte do universo cognitivo e simbólico, o qual define as qualidades e propriedades dos alimentos e dos que se alimentam; as indicações e prescrições alimentares apropriadas a situações específicas e o valor dos alimentos. Desta forma a autora define com base nos estudos de Woortman, a relação entre alimento e organismo *versus* consumidor. Nesta associação aparece a identidade simbólica da posição social do indivíduo.

Para Canesqui & Garcia (2005), os estudos de comunidade devem focalizar a dimensão cultural da alimentação expressa por crenças e tabus relacionais aos estados fisiológicos, acesso e tradição. Como Woortman, mostram que o sistema de produção e abastecimento alimentar das economias de subsistência e extrativas determinam a composição da dieta. Ao lado dessa condição econômica está o modo de pensar o cotidiano alimentar, com crenças e tabus que permeiam a noção de preparo dos alimentos, hábitos e classificações dos alimentos (quentes e frios, fortes e fracos). (CANESQUI & GARCIA, 2005)

Estas e outras noções conceituais sobre a alimentação ou comida (adentrando o mundo da cultura), ocorrem ao relacionar alimento, natureza e sociedade, em que a historicidade antecede as formas de pensamento. Os diversos objetos que convivem no mesmo espaço social do cotidiano se constituem em combinações culturais que se reproduzem para significar o comer. Em particular, as combinações dos diversos objetos do cotidiano alimentar em Ilha de Maré (o que se produz e o que compra) fazem parte das diferenças entre os que vivenciam o comércio, os que pescam em grupos, os que tem acesso apenas a mariscos etc. A interpretação do sustento é um

texto que tem sentido histórico. Desse modo, como vemos a seguir, a busca de uma coerência sobre um contexto específico encontra um acordo com o adverso, para obter alguma explicação do mundo (Gadamer, *Op. cit.* 1997:52-53). No caso de Ilha de Maré, o sentido desse movimento funda a significação da sobrevivência num agir que tem como base a antecipação do sentido histórico das práticas alimentares. A tradição dessas noções desde gerações passadas e as atuais se mescla a valores que re-significam antigas e novas práticas alimentares. O renovado (cerveja, óleo vegetal, margarina, pão, tipos de biscoitos e outros) e o antigo (pescados, mariscos e farinha de mandioca) convivem no mesmo espaço e grupo social. A interpretação textual sobre essa temática alude um contínuo circular entre antigo e novo, denominado sustento.

A compreensão sobre o comer, como um conjunto de princípios ordenados a conduzir concepções particulares de nutrição e saúde, tem como componente cognitivo a leitura sobre a prática alimentar dos moradores da Ilha. Com isto se descreve e analisa a prática alimentar que envolvem hábitos, crenças.

O *habitus* é determinante do comportamento. Na definição de Pierre Bourdieu é uma condição humana que se constitui como práticas estruturantes movidas por tradições (Bourdieu, 1979). Ou ainda: hábitos alimentares são disposições da cultura que possuem um capital simbólico particularizado em cada região, cada grupo social, com inscrições emblemáticas ou referenciais de um modo de ver e sentir o mundo. Trata-se da apreensão sobre as coisas do mundo, alimentos, trabalho etc. e funciona como uma ordenação cognitiva e avaliativa adquiridas através da experiência do sujeito em seu mundo social (*Idem*).

Um conjunto de preparações identificáveis como categorias, apoiadas por uma tradição ou um *habitus* se traduzem em determinadas práticas sociais. A dietética regional com receituários expressos nas unidades domésticas dos povoados estudados em Maré mostra que é possível compreenderem a gênese social desse campo investigativo, em que as práticas alimentares são textos culturais reveladoras das necessidades que geram tradições e as sustentam, como coisas materiais e simbólicas produzidas e re-produzidas. A comida pode ser vista como uma necessidade para estes agentes sociais que se relacionam com o cotidiano de pesca e preparações, ou uma comensalidade própria: o modo de comer, as receitas, as escolhas, a seleção de utensílios e materiais utilizados. São estes indicadores de significados e valores que fazem parte da estratégia de inserção e identificação dos agentes sociais entrevistados.

Bourdieu construiu o conceito de *habitus* relacionado a crenças, valores e práticas dos agentes sociais dentro de um campo de investigação (*Idem*).

Ao tratar da relação entre alimentação e saúde Rodrigues (in Canesqui, 2005) traz um sistema classificatório dos alimentos relacionado aos seus efeitos no organismo (produção/agravo de doenças e garantia/manutenção da saúde). Algumas destas classificações trazem saberes médicos antigos. O conceito de “reimoso”, por exemplo, refere-se a conhecimentos da medicina humoral hipocrática, difundida pelos portugueses no Brasil. Tais alimentos são relacionados a proibições alimentares por causarem alterações no fluxo dos humores corporais e gerarem doenças.

Vale ressaltar que a proibição ou prescrição de alimentos, segundo a teoria popular advém da observação e experimentação, de modo que, mesmo diferenciando-se da ciência tradicional, não devem ser consideradas irracionais ou ilógicas, devem sim, ser captadas pela riqueza que contém. (CANESQUI, 2005)

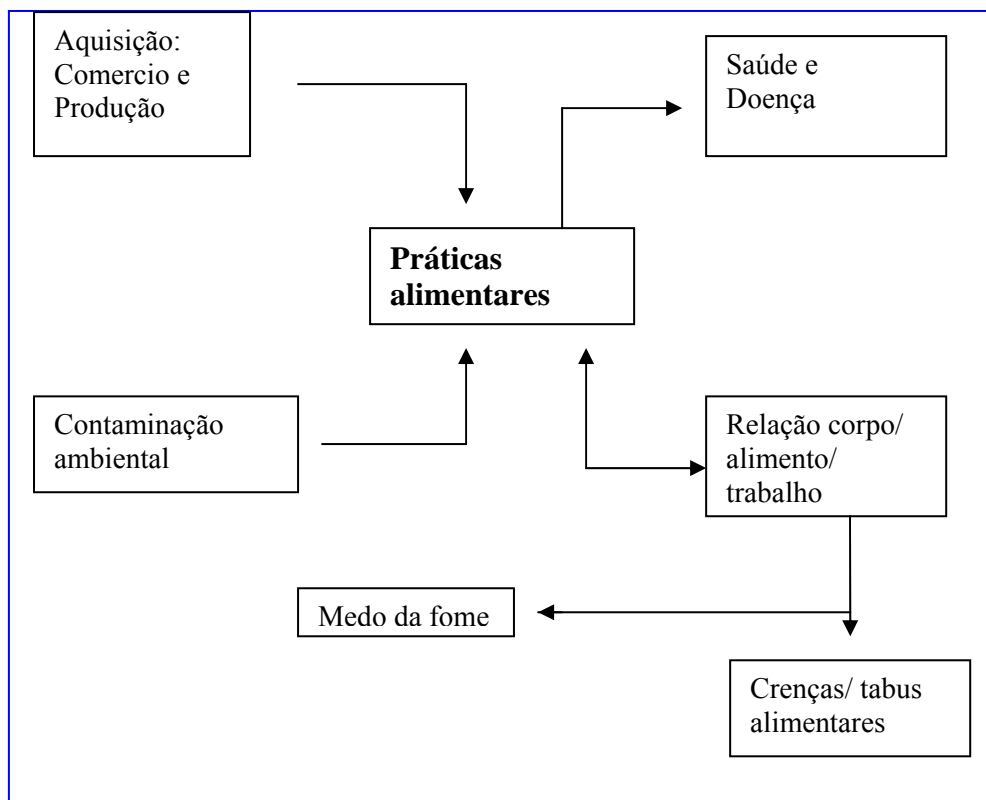
A comida tem como um de seus pontos centrais a avaliação de força transmissível ao organismo pela ingestão frequentemente chamada de sustança ou avaliada pela presença de elementos como vitaminas, ferro etc. A oposição entre alimentos fortes e fracos relacionada também com a síndrome quente/frio articula-se de maneira íntima e não linear com as qualidades diferenciais do homem/mulher, adulto, velho e criança, estadas regulares e especiais (gravidez, puerpério, menstruação etc) ou ainda com as características das partes ou órgãos e das diversas doenças e perturbações (DUARTE, 1986)

A aquisição e a seleção dos alimentos, a organização da unidade doméstica, a divisão sexual do trabalho, controle e prática do consumo alimentar, refeições e composição de cardápios são informações que ganham expressão ao associar o sistema de valores e crenças que cercam o comer. Ao investigar a unidade doméstica podemos compreender estratégias de sobrevivência que reproduzem práticas alimentares como: compra miúda, crédito (ou pendura), fontes mercantilizadas de abastecimento alimentar (mercado) combinadas com as não-mercantilizadas (pesca e mariscagem) e sistema de trocas, solidariedade (ajuda de parentes, amigos e vizinhos).

Para Maria Eunice Maciel (1996), a alimentação é impregnada pela cultura e para compreender seus significados é necessário convocar um conjunto complexo de fatores: ecológicos, históricos, culturais, econômicos e sociais.

Nesse aspecto, desenhamos o seguinte quadro sobre as práticas alimentares dos pescadores e suas famílias em Ilha de Maré:





Dessa complexidade, observamos que os hábitos alimentares dependem, de um lado das possibilidades de acesso ao alimento: produção e consumo em função da posição que indivíduos e grupos ocupam no processo produtivo. De outro, dependem de contextos culturais precisamente por ser a alimentação um fenômeno sócio-bio-cultural. Ou seja, os hábitos alimentares possuem conteúdos simbólicos e cognitivos, relativos a percepção do organismo humano e das relações entre as sensações e as substâncias ingeridas. Nesse aspecto, em meio às muitas indagações para uma compreensão mínima sobre segurança alimentar e nutricional em Ilha de Maré, perguntamos: Há suficiente pescados e mariscos que podem garantir a segurança alimentar e nutricional, biológica e doméstica desses pescadores e marisqueiras?

### **Questões de estudo**

Os sistemas de idéias são formados por relações internas, de um modo particular de pensar o mundo podendo em contextos específicos, serem interpretados como sustentáculos às atividades sociais. Geertz (1989) define cultura e estrutura social, apoiando-se no conceito de ação e mostra a importância de compreender na organização da atividade social em si e suas relações, os elementos que formam sua natureza (da ação) e as idéias que apóiam as atividades sociais.

A concepção sobre segurança alimentar e nutricional encontra dificuldades referenciais pela falta de interação e interpretação com outros temas associados. As culturas teóricas dos profissionais de nutrição, por exemplo, falam pouco sobre a integração entre corpo/alimento e self, em que estruturas simbólicas estabelecem modos de condutas do comer, aleitar, cuidar da alimentação da criança etc (FREITAS & PENA, 2005).

Os hábitos e as práticas alimentares estão diretamente associados às tradições e refletem as condições de nutrição e a qualidade de vida (CERTEAU, 1990; GEERTZ, 1989). Um estudo etnográfico sobre habitualidade alimentar da população de algumas localidades mais poluídas de Ilha de Maré possibilita um conhecimento histórico e cultural dos valores que envolvem o consumo e a nutrição, ainda desconhecidos.

Diante de tantos elementos colocados para interpretação das práticas alimentares em Maré destacamos questões que consideramos necessárias ao entendimento sobre este objeto: Como as pessoas significam a alimentação? Como significam o acesso de alimentos em Maré? Como interpretam e significam a contaminação ambiental (falta de saneamento e poluição química) em relação a alimentação? Como entendem as enfermidades nutricionais (obesidade, diabetes e desnutrição)?

A busca de respostas à uma série de interrogações permitiu construir o principal objetivo deste trabalho: compreender os significados da Segurança Alimentar e Nutricional dos pescadores e marisqueiras em comunidades de Ilha de Maré a partir de suas práticas alimentares<sup>2</sup>. Trata-se de analisar as expressões significativas referentes à segurança alimentar observadas no discurso da população em estudo, descrevendo práticas de sobrevivência e os hábitos alimentares gerados no cotidiano dos moradores da ilha. E ao caminhar em Maré observamos os modos de pensar dos marezeiros, como eles se percebem a si mesmos, como se sentem no tempo das marés e que conexões estabelecem entre vida individual e coletiva, sobretudo, como significam suas práticas alimentares<sup>2</sup>.

---

<sup>2</sup> Concebemos neste estudo como práticas alimentares: a obtenção de alimentos (mariscagem, pesca, agricultura e compra), o preparo e o consumo. Nas práticas, também observamos crenças, símbolos, escolhas, condutas.

## Material e métodos

A Segurança Alimentar e Nutricional é um tema que envolve diversas disciplinas. Este estudo, realizado em três comunidades da Ilha de Maré utiliza a abordagem da etnografia para uma aproximação da realidade alimentar cotidiana e intersubjetiva na tentativa de apreender concepções que envolvem a temática da segurança alimentar. Observação participante, histórias de vida, entrevistas semi-estruturadas ou em profundidade e anotações em diário de campo, são as técnicas recorrentes do exercício etnográfico utilizadas nesta investigação<sup>3</sup>.

No universo de significantes e significados apreendidos das falas dos moradores, buscamos entender prioritariamente as representações que são conferidas ao alimento e as práticas alimentares. Dos diversos valores culturais foi relevante conhecer como a população entende o cuidado alimentar para evitar enfermidades relacionadas à nutrição, também noções sobre contaminação ambiental e os alimentos. Sobretudo, a natureza e a alimentação. Nesse âmbito, a abordagem etnográfica tornou possível focalizar os aspectos sócio-culturais que envolvem o tema numa perspectiva analítica capaz de trazer conteúdos da realidade ainda pouco contextualizados nos estudos sobre o assunto.

Também foi possível nos aproximar da compreensão sobre as estratégias de acesso aos alimentos dos pescadores, marisqueiras e suas famílias; seus saberes e práticas que envolvem o comer, o tradicionalismo, o novo ou como denominam: alimentos *daqui* e de *fora* (da cidade). Como são construídas as restrições, as preferências. Como interpretam a contaminação química ambiental em relação aos alimentos. No campo interpretativo as noções conceituais sobre alimentação saudável ou não, aparecem para decifrar significados da segurança alimentar e nutricional para o corpo e a unidade doméstica.

O estudo analisa as atividades cotidianas dos moradores das duas comunidades fisicamente opostas na ilha o que diferencia as condições socioculturais. A comunidade de Bananeiras com atividades mais primárias de pesca e mariscagem e Santana, lugar de veraneio e artesanatos, ademais das atividades de pesca e mariscagem. São daí as rendas

---

<sup>3</sup> A pesquisa conta com aprovação do Comitê de Ética da Universidade Federal da Bahia, Hospital Clímério de Oliveira.

de Maré, e os cestos de palha, trabalhos reconhecidos nos mercados de Salvador, ainda que economicamente pouco valorizados.

A organização social em ambas as comunidades são dirigidas para ações práticas da vida cotidiana, com conhecimentos baseados no senso comum sobre as estruturas sociais e o raciocínio prático, assim como entendem a realidade social e explicam seus problemas de saúde e suas emoções a partir de suas próprias crenças. Como agentes sociais colocam sentidos na comida diária: sentidos que circundam no processo de interação uns com os outros para tornar o mundo significativo. Significativo como o hábito alimentar.

Trata-se, pois de um acervo de conhecimentos incluídos na rotina das práticas alimentares. Esta referência diária mantém um ganho psicológico e centra o indivíduo em sua realidade alimentar (GEERTZ, 1989). Os marezeiros conformam sua auto-percepção a partir dos sentidos que têm sobre o tempo com a leitura que sabem sobre as chuvas, os tipos de marés, para a produção pesqueira do dia. Também, são estas mesmas sensações as que explicam o corpo e o alimento.

Por se tratar de um estudo complementar a um projeto maior, “*Crianças Quilombolas: práticas alimentares, contaminação ambiental e dos alimentos em Ilha de Maré*” (MS-UFBA) este trabalho se apóia em dados levantados por este para enriquecer as análises. Dados antropométricos, exames de material biológico (sangue, fezes, urina) para avaliação de anemia ferropriva, níveis sangüíneos e urinários de chumbo e cádmio, avaliação do impacto da contaminação química ambiental no pescado consumido pela população de Ilha de Maré e outras informações poderão auxiliar a compreender melhor os achados.

### **Análise das narrativas**

Para o desenvolvimento deste trabalho foram analisados onze entrevistas e o registro de impressões do cotidiano em três comunidades da Ilha de Maré: Bananeiras, Porto de Cavalos e Santana.

O ponto central sobre o tema da segurança alimentar e nutricional em Ilha de Maré é a triangulação entre o mar (e ou o mangue), o pescado (peixe, marisco) e o homem ou a mulher (pescador/marisqueira). Estes se relacionam com o cotidiano alimentar, a disposição para o trabalho, as fases da vida, a percepção do corpo (o que faz bem ou mal para a saúde) ademais do consumo, o comércio e a preparação da comida.

Apesar das dificuldades estruturais do local, a imagem do conjunto de elementos que cercam o mundo da vida cotidiana (a lua, o tempo, a maré) faz parte do acervo de referências que torna as atividades de mariscagem e pesca uma forma digna e prazerosa de obtenção do sustento. Para as marisqueiras a Maré é “tudo”.

É coisa boa. Às vezes estou preocupada dentro de casa com a cabeça quente, pego minha vasilha e vou para a Maré [...] Esqueço os problemas. Não fico pensando nada. Mesmo que volte pra casa e comece tudo de novo (Maria).

Eu gosto da lama na minha pele, gosto de botar a mão e vê que estou arrancando alguma coisa que está sendo útil [...]. Posso pegar meu marisco, levar pra minha casa, colocar na minha mesa pra minha família comer. Então eu faço isso com amor (Renata).

Como uma estratégia da sobrevivência o ofício de pescador ou marisqueira é ensinado às crianças desde muito cedo. Sobre isso Dora diz:

Foi mãe. Ela me levava junto dela e quando chegava na poça tinha o sirizinho mole, ela ia (deixava-a sozinha para que aprendesse). Quando ficava difícil ela (a mãe) fazia assim com o pé (cavava no areia) e me mostrava. Aí eu pegava. [...] Pesca desde 5 anos de idade. . Não se aperta, se ele desempregar, ele vai pescar. Não vai ficar com fome ( Dora)

Na pesca não há desemprego. O marezeiro sempre será pescador. Além desta tradição de sobrevivência e sustento da família, seja como principal ofício de pescador ou marisqueira ou como forma de complementar outra atividade desenvolvida pelo chefe da família. o contexto do lugar é tido como provedor de alimentos para a família, o que os ajuda a afastar o fantasma da fome.

A fome não é somente a sensação fisiológica de vazio no estômago, mas é interpretada e re-significada como um estado de carência social. Ter fome é não ter emprego ou renda que contribua com as necessidades básicas da unidade doméstica; é a perda gradual da dignidade e da auto-estima. Nesse sentido, Dora define a fome como uma situação em que só se pensa o pior. E atribui a superação deste estado de carestia na sua vida à ajuda divina. Para ela, a certeza de obter alimentos no mangue e no mar está associada a conquista de outros bens, como a luz, o comércio, a possibilidade de não só ter o peixe, mas também o dinheiro para comprar outros alimentos como o tempero e a farinha.

A situação financeira da maioria dos moradores é precária e o número de filhos é em média cinco por unidade doméstica. Ainda que este número esteja mais

reduzido nas gerações mais jovens. As crianças iniciam o trabalho desde cedo na coleta de mariscos. Uma lata e uma colher são seus instrumentos de trabalho para a toda a vida. Na divisão sexual do trabalho, os meninos vão para o mar, as meninas aprendem a conviver com a lama do manguezal. Seus horizontes estão no mar e suas mãos a procura do alimento. Todo dia a panela de barro esquentava a água de sal para colocar mariscos. Depois se come sem ritos de almoço ou jantar, o pirão amassado com marisco. Os adolescentes comem no quintal junto aos pequenos. Os adultos comem depois, quando voltam do mar e do mangue. As vezes só voltam no por do sol. E, há sempre em casa uma mocinha que ajuda na casa, a filha maior. Um dia ou outro se vai ao mato catar dendê para fazer azeite. Dendê é quente e se come com receios. O idoso teme o dendê pois acredita que seu fígado está gasto e não aguenta mais comer alimento tão forte. As crianças menores de um ano também não devem experimentar ainda. Entretanto, tudo depende da “natureza da pessoa”. Os pescados reimosos, de pele grossa, são considerados sujos por isso sujam o corpo da pessoa.

\*

Aqui é um lugar muito bom de viver. Aqui é um paraíso escondido e que ninguém olha pra ele. Só olha em tempo de política, de eleição. Aí aparece um bocado prometendo que vai fazer posto médico, ponte, isso e aquilo. Quando termina a eleição desaparecem, esquecem que a ilha existe (Sr. João).

A falta de políticas sociais e de atenção governamental é pauta constante de debates entre moradores e suas associações, que tem na carência de saneamento, de serviços de saúde e de segurança a ilustração da segregação sofrida por este território quilombola.

Os serviços de saúde não são priorizados. Dona Dora traz como exemplo a sua saúde fragilizada, pela labirintite e problemas renais. Sem assistência na comunidade, ela se submete ao desconforto da viagem em pequenas embarcações de madeira para visitar alguma unidade de saúde em Salvador ou outro município vizinho. Trata-se de um processo dispendioso e demorado. A dificuldade de assistência leva muitas vezes a um pré-atendimento local, como no caso de cortes, em que são feitas suturas por algum membro da comunidade que tenha mais habilidade. *“Os meninos se cortam, precisam dar um ponto ou dois, tem que viajar. Se não tiver dinheiro, não viaja, fica aqui”*. A pouca assistência é prestada por uma médica que vem em uma comunidade uma vez por semana, em apenas um turno do dia. Mas para os moradores isto não basta. *“Aqui*

*precisa mesmo é de um hospital, mas que tenha médico 24h, que não tem e quando tem é assim: vem de manhã, meio-dia vai embora.[...] É aquele lá de cima (Deus) pra atender a gente aqui [...] Um pião que nem eu só tem as graças de Deus de dia a noite e nove filhos (Sr. João).*

Segundo dados do Projeto Crianças Quilombolas (MS-UFBA, 2004), a situação das crianças menores de 05 anos merece destaque, pelo nanismo nutricional (21%), além do quadro de contaminação por metais pesados presentes nos mariscos e peixes ingeridos na dieta (94% na comunidade de Santana). A intoxicação por metais pesados (chumbo, cádmio) também afeta adultos e tem conseqüências diversas, principalmente na regulação do ciclo hormonal de mulheres, disfunção renal, anemia severa, problemas neurológicos. O risco ambiental altera vida do lugar. Afeta a produção pesqueira e o manguezal.

*A pesca aqui pra gente começou a fracassar depois que entrou as fábricas aqui no porto de Aratu. E muitas vezes essas fábricas dão descargas pra dentro d'água. Morre vinte ou trinta quilos de peixe. Eles lá trabalham com produtos perigosos, químicos. Tequimar, Dow Química, essas firmas são tudo química [...] eles queimam o gás Etano. Tem uma chaminé e a fumaça chega a sair preta e joga toda aqui pro lado de Maré. A poluição é tremenda. Quer dizer, eles só fazem prejudicar ilha de Maré e não faz nada pra gente (Sr. João)*

Conforme a narrativa, é possível notar que os efeitos da poluição são sentidos diretamente no ambiente, mas de maneira curiosa, poucos relacionam poluição à saúde. O que mais se dizem prejudicados é com a queda da produção de pescados e mariscos.

*No mar, aquela borra, óleo. Os mariscos e os peixes morriam não agüentavam aquela queutura. Ficaram mais escassos os mariscos, os peixes. A gente chegava na coroa e encontrava os mariscos em cima da terra, tudo morto [...]. Não agüentavam. A borra é quente e na maré ofendia os mariscos. Mas só atingia os mariscos, as pessoas não. O pessoal nunca foi atingido (D. Aparecida).*

A destruição do mangue e conseqüente desequilíbrio deste ecossistema fazem relação direta com a produção e o consumo de produtos marinhos, que são a base da cadeia alimentar desta população. Tal situação, segundo relato de moradores, ocasiona o decréscimo na produção de pescado em grande escala o que dificulta a manutenção do consumo doméstico e a venda do produto.

*Antes tinha muito marisco, caranguejo. E quando amanhecia e não tinha nada pra comer, eu ia ao mangue pegar caranguejo, aratú, siri, sururu, fazia aquele escaldado e a gente comia. E agora não. Se duvidar nós não trazemos nada para comer, porque está difícil. Os caranguejos morreram. Antes chegava a juntar um túnel. Tanto caranguejo andando... E esse ano que passou, não deu caranguejo nenhum. Só andou*

caranguejo no 1º mês, que foi janeiro. Mas nem fevereiro, março, não andou mais caranguejo, porque não tinha. Pra chegar no mangue, tanto caranguejo morto, que fazia dó (D. Maria)

[...]

Ela ia apanhando siri duro e eu apanhando siri mole nas poças, porque ela não sabia como era para apanhar. Eu vendia o mole pra comprar alguma coisa, farinha, limão, uma coisa pra mãe comprar. E aí o duro que ela apanhava a gente comia (D. Dora)

Com a dificuldade de obtenção de mariscos o abastecimento da Ilha cresceu em produtos processados. Entra em cena nos últimos cinco anos a oferta de biscoitos de vários tipos, massa de sopa, macarrão, extrato de tomate, óleos vegetais, temperos, achocolatados, sucos etc.

Com a presença de geladeira e freezer, a visita aos mercados e feiras dos municípios de Candeias, São Sebastião e São Tome (Salvador) favorece o abastecimento de frango congelado. Isto modifica a relação com a criação de galinhas de quintal, que para os moradores, não são mais animais bons para comer porque se alimentam de “porcarias da terra”. Esse valor aparece no mesmo tempo da poluição química na região.

O déficit entre renda familiar e o valor de comercio das mercadorias na Ilha, leva a uma diminuição do poder de compra do pescador e da marisqueira, fator agravado pelo custo do deslocamento em que muitos não possuem embarcações e têm que pagar pela travessia de seus produtos para ir a outros mercados. Esta realidade somada a questão do hábito, leva a outra situação de risco nutricional, a monotonia alimentar, ilustrada neste caso pelo binômio “pescado x farinha”. O consumo da farinha é muito valorizado desde os primeiros meses de vida. “Pirão bem mexido no fogo até ficar soltinho na panela, papa e dá três vezes no dia” (D. Maria). Quando a criança começa a sentar sozinha se inicia o pescado em sua alimentação.

Os alimentos estão associados à força, vitalidade para crianças, conforme impressões coletadas durante observação de relatos sobre o cotidiano: conforme nossa observação e registros, em dia de sexta-feira a mãe passa aratú nas pernas dos meninos que demoram de andar. “A gente vai botando o aratú e arrodando a casa com a criança nos braços [...] o aratú andando pelas pernas da criança.” Também se faz um caldo de aratú e sururu para dar força às crianças fracas (Diário de campo).

A noção de força e fraqueza está relacionada à natureza da criança e ao “dia que ela nasceu, se tinha lua, se não tinha, se a maré estava boa pra mariscar, ou não” (Diário



de campo). Menino e menina fraca sem força para andar e comer são filhos da lua minguante.

Os tabus estão presentes nas mais diferentes fases da vida e significativos para o bem-estar do corpo e a preservação da saúde. Por exemplo: mulheres durante a menstruação devem evitar o consumo de abacaxi, melancia e jaca dura para não inflamar o útero; outra regra geral é a proibição de comer com “cisma” (aborrecido), pois pode causar amolecimento do corpo e febre.

Assim como existem os ritos para se comer, existem também formas de preparar o alimento que vai à mesa. As moquecas figuram como preferência nas refeições dos marezeiros, sempre acompanhadas de um tempero simples e de preferência com pimenta. Consume-se moqueca de azeite e pimenta de vez em quando.

Com base nos relatos é possível observar que a criação de frangos e patos praticamente inexistente, bem como a cultura agrícola é rara.

Até um tempo, todo mundo tinha bananeira. Saia barcos carregados de banana. Mas hoje não está tendo mais isso porque aquele pessoal mais velho foi morrendo e o mais novo não quer isso (Sr. João).

O abandono do cultivo e da criação não reflete uma questão de desapego a terra ou ao lugar de origem por parte dos marezeiros. Retrata uma situação de mudança de hábitos e incorporação de novos costumes, que afastam o jovem dos ofícios tradicionais e por muitas vezes o retiram da Ilha, como forma de buscar novas realidades mesmo longe do seu “paraíso natal”.

Saem daqui por falta de estudo, por falta de diversão. Muitos hoje em dia estão entrando nas drogas, porque não tem outro meio de ocupar a mente, não tem uma diversão. A violência está aumentando porque está em porta de bar dia de sábado ou domingo [...]. Eu penso em sair daqui da ilha no seguinte, pra trabalhar, pra realizar um sonho meu, porque aqui dentro eu sei que não vou conseguir é muito difícil. Mas se aqui dentro tivesse como realizar meu sonho, eu não pensava em sair daqui. Seria a última coisa que eu pensaria, era sair daqui (Carmem).

## **Conclusão**

A análise dos sistemas de idéias que formam as relações internas de um modo particular de pensar o mundo, extraídos de contextos específicos nas comunidades de Ilha de Maré, direcionaram este estudo. As estruturas simbólicas que definem o campo alimentar da população, bem como a experimentação de seus produtos no cotidiano com os diversos símbolos significantes, permitiram a interpretação das diversas configurações culturais que envolvem a comida e o comer em Maré.

Serão então entre o céu e o manguezal, o céu e o mar as únicas imagens de certeza de manter a condição de comer diariamente. Ao falar em comer os moradores dirigem os olhos à lua, ao céu, ao mar. A condição cosmológica, o tempo, faz parte da certeza ou segurança alimentar e nutricional diária, no campo bio-cultural.

As necessidades alimentares suprem as sensações de fome e a comida se mantém de modo permanente nas comunidades estudadas, pois a natureza: manguezal e mar, é para eles a fonte inesgotável da sobrevivência.

A contaminação que reduz a cada dia a produção de mariscos e pescados é um perigo ambiental pouco interpretado pelos moradores. Evitam falar sobre o assunto e entendem que vai passar. Pois, para eles “o mar cura tudo”. Estão ali desde muito, são tantas histórias que interpretam de seus antepassados, e suas experiências que preferem se apoiar na expectativa de deixar o tempo resolver o problema. Também, eles reconhecem que ainda não sabem como resolver estas questões políticas. Sentem-se ilhéus e socialmente isolados.

A segurança alimentar e nutricional não é uma expressão de sua linguagem, mas se sentem seguros enquanto tiverem Deus, o manguezal e o mar. A segurança alimentar, o ambiente (mar e mangue) e as práticas alimentares estão envoltos em valores de necessidade e prazeres, que também envolvem sistemas de valores relacionados a história e a capacidade organizativa desses moradores viverem e criarem seus filhos. As três comunidades têm realidades semelhantes e estão vivendo as conseqüências danosas da contaminação ambiental.

## Referências Bibliográficas

- BOURDIEU, P.; O Poder Simbólico, Lisboa, Difusão Editorial, 1979
- CANESQUI, AM; GARCIA, RWD. Antropologia e Nutrição: um diálogo possível, Rio de Janeiro, Fiocruz, 2005
- CASTRO, Josué. Geografia da Fome. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2000
- CERTEAU, Michel. A invenção do Cotidiano, Petrópolis, Ed. Vozes, 1990
- DIEGUES, ACS. O Mito moderno da natureza intocada. São Paulo, NUPAUB, Universidade de São Paulo, 1994
- DUARTE, LFD. Da vida nervosa nas classes trabalhadoras. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, CNPq, 1986
- FREITAS, MC; PENA, PG. Segurança Alimentar e Nutricional: ensaio sobre a produção do conhecimento com ênfase aos aspectos da cultura, Doc. Didático ENUFBA. Salvador, 2005.
- GADAMER Hans-George. *Verdade e Método* Petrópolis, Vozes, Tradução: Meurer, Flávio P. 1997
- GEERTZ, Clifford. A Interpretação das Culturas, Rio de Janeiro, Ed. Guanabara, 1989.
- HAGUETTE, TMF. Metodologias Qualitativas na Sociologia, Editora Vozes, Petrópolis, 1987.
- MACIEL, ME. Cultura e alimentação, ou o que têm a ver os macaquinhos de Koshima com Brillat-Savarin? Horizontes Antropológicos, nº16, 2002
- MACIEL, ME. Introdução. Comida. Horizontes Antropológicos, nº4, 1996
- MARCUS, George. "Ethnography In/Of the World System: the Emergence of Multi-Sited Ethnography" First published in *Annual Review of Anthropology*, Vol. 24 (1995), pp. 95-117.
- MELO FILHO, DA. Mangues, homens e caranguejos em Josué de castro: significados e ressonâncias. História, Ciências, Saúde. Rio de Janeiro, 2003
- MINAYO, MCS. O desafio do Conhecimento – Pesquisa Qualitativa em Saúde. São Paulo/ Rio de Janeiro, 6º ed. HUCITEC-ABRASCO, 1999.

- POULAIN, Jean-Pierre and PROENÇA, Rossana Pacheco da Costa Reflexões metodológicas para o estudo das práticas alimentares. *Rev. Nutr.*, Dez 2003, vol.16, No.4, p.365-38.6
- RAMALHO, Simone. Segurança Alimentar em Porto de Sauípe, Dissertação de Mestrado em Nutrição; UFBA, Salvador, 2002.
- RUSSEL, Bernard, *Research Methods In Antropology: Qualitative and Quantitative Approaches*, Sage Publications International Educational And Professional Publisher, London, 1995.
- SKIDMORE, Thomas. *Black into White. Race and Nationality in Brazilian Thought*. New York, Oxford University Press, 1974
- MS-UFBA Projeto Crianças Quilombolas: práticas alimentares, contaminação ambiental e dos alimentos em Ilha de Maré, Salvador, 2004.
- VALENTE, FLS. Segurança Alimentar. Brasília. Ágora, 1999
- WOORTMANN, Klaas. [Coord.] Hábitos e Tabus Alimentares em Populações de Baixa Renda. Doc. Mimeo. Antropologia UNB/ DF. 1978.
- WOORTMANN, Klaas. Família Trabalhadora: um jeito de sobreviver. *Ciência Hoje*, vol.3/13, UNB/DF, 1984.

\*

## **ANEXO I**

### **Roteiro para compreensão do tema**

Como as pessoas significam a alimentação, da criança, dos adultos e idosos? Como se produz alimentos em Maré?

O que se compra se vende, se consome?

Como interpretam ou significam a contaminação ambiental (falta de saneamento e poluição química) e alimentação?

Existe relação entre contaminação ambiental e alimentação?

Como as pessoas entendem a relação entre alimentação e enfermidades? Destas, as mais importantes para a nutrição: a obesidade, a diabetes e a hipertensão.

Como entendem a desnutrição das crianças?

## ANEXO II

### Termos de Consentimento

Termo de Consentimento para Pesquisa *Crianças Quilombolas: Práticas alimentares, contaminação ambiental e dos alimentos em Ilha de Maré* - povoados de: Botelho, Bananeiras, Maracanã, Ponta Grossa, Porto de Cavalos, Martelo e Santana.

Apresentação da pesquisa: Trata-se de um estudo sobre a saúde e a alimentação da população da Ilha de Maré, uma comunidade Remanescente de Quilombo sob a responsabilidade das Professoras Maria do Carmo Soares de Freitas e Neuza Oliveira dos Santos, ambas da Escola de Nutrição da Universidade Federal da Bahia. De início, será feita a avaliação da situação nutricional das crianças de 0 a 5 anos com a medida de peso e altura, exame de sangue para verificar presença de anemia e exame de fezes para verificar parasitoses intestinais. Em seguida, serão realizados iguais procedimentos para o grupo de 5 a 10 anos; o diagnóstico da situação ambiental com a monitorização dos alimentos mais consumidos a base de pescado e que acumulam os metais pesados, chumbo e cádmio. Também será realizada a monitorização biológica desses metais pesados no mesmo grupo etário (1 a 10 anos). Este, considerado de maior risco de intoxicação por problemas de contaminação química ambiental resultante da proximidade de diversas indústrias petroquímicas e petrolíferas na região. Apesar da importância histórica, cultural e genética da Ilha de Maré para a população negra brasileira, até o momento, não existem informações adequadas sobre essa população. O conhecimento sobre as práticas alimentares e os cuidados com o corpo se constituem como interesse fundamental desta pesquisa. A contaminação ambiental proveniente das indústrias químicas da Baía de Aratu e da Refinaria de Petróleo Landolfo Alves que se localizam próximas à Ilha de Maré, prejudica a produção pesqueira, destrói a flora e a fauna marinha repercutindo nas dificuldades da sobrevivência familiar. Com esta pesquisa a população poderá conhecer as consequências dessa e de outras contaminações nos alimentos e com isso, buscar a redução desses poluentes. A pesquisa terá as seguintes atividades junto à comunidade: Entrevistas gravadas com idosos sobre a vida do lugar, as condições de sobrevivência, a produção de mariscos e pescados. Entrevistas gravadas com outros adultos sobre as condições de vida e trabalho na pesca e manguezal; Entrevistas com mães e/ou responsável pela criança sobre a alimentação destas; Inquérito alimentar, questionário sobre condições de vida, alimentação e saúde (habitação, saneamento básico, principais enfermidades) junto às famílias das crianças; Exame de sangue, urina e cabelo das crianças para verificar anemia e presença de metais pesados (cádmio e chumbo); Exame de fezes para verificar parasitoses intestinais; Tomada de altura e peso das crianças (1 a 10 anos) para verificar a situação nutricional.

Compromisso: Os resultados dos exames, antropométrico e laboratoriais, deverão ser divulgados à população assim como será indicado tratamento clínico caso necessário. Será assegurado o sigilo das informações e não serão divulgados os nomes verdadeiros das pessoas entrevistadas para preservar suas identidades.

Autorização da população: Autorizo participar da pesquisa sobre “*Crianças Quilombolas: Práticas alimentares, contaminação ambiental e dos alimentos em Ilha de Maré*”, (marcar no quadrado ao lado do item autorizado):

- histórias de vida de marisqueiras e pescadores
- entrevistas sobre o tema da alimentação e saúde
- questionário sobre condições de vida e saúde (habitação, saneamento básico, principais enfermidades).
- exame de sangue de crianças menores de cinco anos para verificar anemia e presença de metais pesados (cádmio e chumbo).
- exame do cabelo da criança
- exame de fezes para verificar parasitoses intestinais.
- altura e peso das crianças.

Autorização: .....

Responsável pela pesquisa: .....

Localidade: .....Data: .....



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA - UFBA**  
**ESCOLA DE NUTRIÇÃO - ENUFBA**

**MESTRADO EM ALIMENTOS, NUTRIÇÃO E SAÚDE - MANS**

**Projeto de pesquisa:**

**Segurança Alimentar e Nutricional na  
comunidade quilombola de Ilha de Maré: um  
estudo etnográfico sobre práticas alimentares**

**Mestrando: Fábio Rodrigo Santana dos Santos**  
**Orientadora: Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Maria do Carmo Soares de Freitas**

**Salvador – BA**  
**Abril – 2006**

*Comida não é apenas uma substância alimentar mas é também um modo, um estilo e um jeito de alimentar-se. E o jeito de comer define não só aquilo que é ingerido, como também aquele que o ingere.*

*Roberto DaMatta*

*Comida não é apenas boa para comer, mas também boa para pensar. Pensar em comida é pensar simbolismo, pois ao comermos, além de ingerirmos nutrientes (que permitem a sobrevivência), ingerimos também símbolos, idéias, imagens e sonhos (que permitem uma vivência).*

*Maria Eunice Maciel*

*Diz-me o que come e te direi qual deus adoras, sob qual latitude vives, de qual cultura nasceste e em qual grupo social te inclui. A leitura da cozinha é uma fabulosa viagem na consciência que as sociedades têm delas mesmas, na visão que elas têm de sua identidade.*

*Sophie Bessis*

## Sumário

A Segurança alimentar .....	04
A importância dos estudos da cultura e de hábitos alimentares para a nutrição.....	06
A ilha.....	10
Contexto histórico.....	12
Raízes históricas da desigualdade.....	15
Quilombos: uma realidade .....	17
A contribuição de Maré para as questões quilombolas e dos negros na Bahia.....	18
Objetivos.....	20
Questões principais do estudo.....	21
Metodologia.....	22
Resultados preliminares.....	26
Cronograma .....	37
Referências .....	38
Anexos .....	42



## **A segurança alimentar**

A relação entre segurança alimentar e o estudo de grupos populacionais constitui um elo fundamental na compreensão dos problemas nutricionais que afligem estas populações. O estudo das especificidades do comportamento alimentar conforme as diferentes culturas é sem dúvida ponto fundamental para um completo entendimento deste elo.

Segundo Valente (1999), a segurança alimentar e nutricional (SAN) é definida como o acesso permanente a todos indivíduos, aos alimentos básicos de qualidade e em quantidades suficientes para levar uma vida digna e saudável, sem comprometer outras necessidades básicas. Tal conceito pode ser ampliado relacionando os aspectos de aptidão biológica dos indivíduos, inocuidade e respeito aos padrões culturais. Além disso, a incorporação do significado do uso adequado e sustentável dos recursos naturais ao conceito de segurança alimentar (RAMALHO, 2002), leva-nos a considerar que a sucessiva degradação do meio ambiente, configura-se como uma situação complexa de insegurança alimentar.

Ramalho (2002), afirma que diante da evolução do sistema alimentar, o acesso aos alimentos por parte das populações tradicionais<sup>1</sup> depende, quase exclusivamente, da exploração dos recursos naturais, permitindo a reprodutibilidade econômica, social, ambiental e cultural. Para Diegues (1994), as populações tradicionais se reproduzem explorando diversos ecossistemas, a exemplo das florestas, estuários, mangues e áreas já transformadas para fins agrícolas. O autor acrescenta ainda que essas populações são detentoras de sistemas de manejo dos recursos naturais norteadas pelo respeito aos ciclos naturais, revelando formas de exploração econômica e, também, um conjunto de conhecimentos adquiridos de geração a geração, com mitos e símbolos que levam ao uso sustentado dos ecossistemas.<sup>4</sup>

---

<sup>4</sup> Populações tradicionais são aquelas populações próprias de uma organização socioeconômica não capitalista, que não empregam o trabalho assalariado e que desenvolvem atividades a partir do uso de recursos naturais renováveis (DIEGUES, 1994)

O estudo dos processos organizacionais pelos quais as populações locais inscrevem suas necessidades básicas e os recursos naturais fornecidos pelo meio ambiente para a subsistência, constituem-se segundo Castro (2000), em eixos fundamentais para explicar as correlações entre grupos humanos e os espaços regionais que eles ocupam. O direcionamento dado pela literatura brasileira à segurança alimentar ao tratar do acesso aos alimentos quase exclusivamente pela produção agrícola, deixa de evidenciar outras potencialidades que o país possui, a exemplo dos mares, como apontado por Josué de Castro há mais de trinta anos.

Contudo, não se pode desconhecer a importância do uso da terra e as questões históricas e políticas pertinentes, mas é necessário chamar a atenção para os recursos aquáticos, importantes provedores de alimentos, livres das políticas agrárias escravocratas. Mesmo o oceano com a produção pesqueira em grande escala, detentora dos meios de produção, garante os alimentos das populações tradicionais. Esse enquadramento, de fato, evidencia nexos entre a nutrição, o meio ambiente e o desenvolvimento econômico. (RAMALHO, 2002)

Assim, este estudo, discute o território quilombola de Ilha de Maré como um espaço da segurança alimentar de seus moradores não se limitando à produção pesqueira e aos problemas estruturais do modo de produção (coleta/cultivo). Mas também ao consumo, preparo, hábitos, tabus, aquisição e relações com os processos de saúde/doença encontrados em maior escala em alguns povoados da ilha.

Este breve exercício etnográfico aborda dimensões teóricas e empíricas referentes à segurança alimentar, ao ambiente e a prática de acesso aos alimentos desta população. A complexidade desta tríade, impõe uma abordagem que demanda conceitos de vários campos do saber conformando uma área de conhecimento a ser delimitada em campo em meio às informações acolhidas.

## **A importância dos estudos da cultura e de hábitos alimentares para a nutrição**

Natureza e cultura se encontram na alimentação humana, aliando a necessidade deste ato vital a outros aspectos que fazem parte deste sistema que atribuiu significados ao ato alimentar, como o quê, quando e com quem comer. O fenômeno cultural alimentação vai além do “comer para viver”, ele nasce de uma forma de sobrevivência culturalmente marcada e culturalmente forjada, ou seja, os homens criam diferentes “maneiras de viver” através da alimentação. (Maciel, 2002)

Alimento e comida, (...) ainda que o primeiro seja “o mesmo que a comida”, são categorias que expressam modos diversos de perceber a mesma coisa, em momentos diferentes (antes da preparação/ depois da preparação). Em outras palavras, o processo culinário transforma “alimento” em “comida”. (WOORTMAN, 1978)

Os estudos de comunidade enfocaram a dimensão cultural da alimentação, manifestada por meio de crenças e tabus (proibições) associadas à gestação, ao parto e pós-parto. Mostraram também as fontes de produção e de abastecimento alimentares de economias de subsistência e extrativas, com baixa dependência do mercado, juntamente com as crenças, permeando a composição da dieta, o preparo dos alimentos, os hábitos alimentares e a classificação dos alimentos (quentes/frios, fortes/fracos). (CANESQUI & GARCIA, 2005)

Woortman (1978), cita em seus estudos dois eixos principais para compreensão dos hábitos alimentares: o primeiro privilegia as teorias alimentares por meio de classificação dos alimentos (ex: quente/frio, forte/fraco, reimoso/descarregado), que orientam as prescrições, proibições e os próprios hábitos alimentares; o segundo associa o sistema ao conjunto de diferentes práticas e significações, conferidas pelos distintos grupos sociais e que se baseiam na ideologia e na cultura e não apenas nas categorias alimentares previamente concebidas. Canesqui (2005) relaciona a abordagem do primeiro eixo como parte do universo cognitivo e simbólico, o qual define as qualidades e propriedades dos alimentos e dos que se alimentam; as indicações e prescrições alimentares apropriadas a situações específicas e o valor dos alimentos. Desta forma a

autora define com base nos estudos de Woortman, a relação entre o alimento e o organismo que o consome como identificador simbólico da posição social do indivíduo.

Hábitos alimentares dependem, de um lado, dos fatores atrás tratados, relativos às condições de acesso ao alimento: a produção de alimentos, e a possibilidade de consumir alimentos em função da posição de indivíduos e grupos no processo de produção. Dependem também da seletividade acima referida, e que varia de cultura a cultura precisamente por ser a alimentação um fenômeno cultural. Hábitos alimentares possuem conteúdos simbólicos e cognitivos, relativos a classificações sociais, a percepção do organismo humano e das relações entre este e as substâncias ingeridas. Dependem, então de critérios classificatórios, a começar pela própria definição de “alimento” (WOORTMAN, 1978).

Em meio às muitas indagações que fazemos para a compreensão da segurança alimentar, perguntamos: Há suficiente pescados e mariscos que podem garantir a segurança alimentar e nutricional de pescadores, marisqueiras e suas famílias?

Outras classificações seriam possíveis, como por exemplo a relação entre alimento, natureza e sociedade, onde o fator histórico antecede as formas de pensamento. Existiria então um conjunto de princípios ordenados que conduziriam às concepções particulares de saúde e doença nos diferentes grupos sociais, relacionando-os com a alimentação e o organismo humano. A prática social de cada grupo seria então evidenciada na formação destes princípios, através de *ethos* e *habitus* distintos, conforme os estudos de Pierre Bourdieu. (CANESQUI, 2005)

*Habitus* é determinante do comportamento, na definição de Pierre Bourdieu, é uma condição humana que se constitui como práticas estruturantes movidas por tradições (Bourdieu, P.; O Poder Simbólico, Lisboa, Difusão Editorial, 1979) Os hábitos alimentares são disposições da cultura que possuem um capital simbólico particularizado em cada região, cada grupo social, com inscrições emblemáticas ou referenciais de um modo de ver e sentir o mundo. Ou seja, a percepção sobre as coisas do mundo, alimentos, trabalho, etc. funciona como uma ordenação cognitiva e avaliativa adquiridas através da experiência do sujeito em seu mundo social, conforme Bourdieu (Idem, 134).

Um conjunto de preparações identificáveis como categorias, apoiadas por uma tradição ou um *habitus* se traduzem em determinadas práticas sociais. A dietética regional com receituários expressos nas unidades domésticas dos povoados estudados em Maré mostram que é possível compreender a gênese social desse campo investigativo, em que as práticas alimentares são textos culturais reveladoras das necessidades que geram tradições e as sustentam, como coisas materiais e simbólicas produzidas e re-produzidas (cf nos diria Bourdieu, 1989). A comida pode ser vista como uma necessidade para estes agentes sociais que se relacionam com o cotidiano de pesca e preparações, ou uma comensalidade própria: o modo de comer, as receitas, as escolhas, a seleção de utensílios e materiais utilizados. São estes indicadores de significados e valores que fazem parte da estratégia de inserção e identificação desses atores e atrizes sociais. Ao utilizar essas dimensões, Bourdieu construiu o conceito de *habitus*, que busca captar a dinâmica de formação de crenças, valores e práticas dos agentes sociais dentro de um campo.

Ao tratar da relação entre alimentação, saúde e doença, Rodrigues (in Canesqui, 2005) traz um sistema classificatório dos alimentos relacionado com seus efeitos no organismo (produção/agravo de doenças e garantia/manutenção da saúde). Algumas destas classificações trazem saberes médicos antigos. O conceito de “reimoso”, por exemplo, refere-se a conhecimentos da medicina humoral hipocrática, difundida pelos portugueses no Brasil. Tais alimentos são relacionados a proibições alimentares por causarem alterações no fluxo dos humores corporais e gerarem doenças.

Vale ressaltar que a proibição ou prescrição de alimentos, segundo a teoria popular advém da observação e experimentação, de modo que, mesmo diferenciando-se da ciência tradicional, não devem ser consideradas irracionais ou ilógicas, devem sim, ser captadas pela riqueza que contém. (CANESQUI, 2005)

A comida tem como um de seus pontos centrais a avaliação de força transmissível ao organismo pela ingestão frequentemente chamada de sustança ou avaliada pela presença de elementos como (...) vitaminas, ferro etc. A oposição entre alimentos fortes e fracos relacionada também com a síndrome quente/frio articula-se de maneira íntima e não linear com as qualidades diferenciais do homem/mulher, adulto/velho-criança, estados regulares/estados especiais (gravidez, puerpério, menstruação etc) ou ainda com as características das partes ou órgãos e das diversas doenças e perturbações. (DUARTE, 1986)

Além do conhecimento do componente cultural do consumo alimentar, os estudos etnográficos analisam também o grupo doméstico (família), investigando a renda, a montagem e o uso dos orçamentos domésticos, destacando pontos como: a aquisição e a seleção dos alimentos, a organização da família, a divisão sexual do trabalho na provisão e no gerenciamento, controle e realização do consumo alimentar, refeições e composição dos cardápios. Sendo que tais informações ganham maior expressão quando associados as idéias e crenças (simbolismo) que cercam a alimentação. (CANESQUI, 2005)

Ao investigar a unidade familiar, podemos chegar a outras estratégias de sobrevivência que permeiam as práticas alimentares como a compra miúda, a crédito (a pendura), uso de fontes mercantilizadas de abastecimento alimentar (mercado) combinadas com as não-mercantilizadas (pesca e mariscagem), o sistema de trocas, a solidariedade (ajuda de parentes, amigos e vizinhos), entre outras.

Para Maria Eunice Maciel (1996), “a alimentação responde não apenas à ordem biológica (à nutrição), mas se impregna pela cultura e sociedade, sendo que a sua compreensão convoca um jogo complexo de fatores: desde os ecológicos, os históricos, os culturais, econômicos e sociais”.

## **A ilha**

Como cenário para realização deste estudo temos na região do município de Salvador, uma população remanescente de quilombo, situada na Ilha de Maré.

A Ilha de Maré é um dos recantos mais belos do litoral baiano com uma superfície de 13.87 Km<sup>2</sup>; localizado na Baía de Todos os Santos ao fundo da Baía de Aratu, faz parte do Município de Salvador. Apresenta uma exuberante e densa vegetação, com relevo acentuado.

A população total da Ilha de Maré é de 6.717 habitantes permanentes, sendo 675 as crianças com idade igual ou inferior a 05 anos e 673 de 5 a 9 anos de idade (IBGE, 2000) distribuída em nove Povoados, a saber: Praia Grande, Santana, Botelho, Caquende, Neves, Itamoabo, Bananeiras, Maracanã e Martelo.

A infra-estrutura local é deficitária; o acesso à Ilha é difícil e não há um sistema de transporte interno. Por isso, o deslocamento para os povoados é sempre difícil, sendo geralmente feito a pé. Algumas pessoas com maior renda possuem cavalos ou jegue, que servem de transportes. Da mesma maneira, as travessias Maré-Salvador-Maré, são realizadas de forma precária, devido à inexistência de transporte público; para as viagens diárias são utilizados pequenos barcos a motor de proprietários locais. O único atracadouro existente foi inaugurado recentemente (janeiro, 2002) e fica localizado na comunidade de Botelho. A falta de atracadouros, nos demais povoados, torna a viagem para o continente desconfortável, pois os moradores e visitantes são obrigados a embarcar e desembarcar, na ilha, dentro d'água. Essa situação fica ainda mais complicada nos períodos chuvosos e de vento forte. A dificuldade é maior para as crianças e os doentes, que precisam enfrentar a chuva e as marés altas para se deslocarem para a escola e os serviços de saúde, visto que a Ilha não dispõe de escolas dos ensinos fundamental e médio. (Projeto Crianças Quilombolas, MS, 2004)

No momento, as redes elétrica e telefônica atingem toda Ilha e o abastecimento de água, 90% dos povoados. A infra-estrutura é bastante precária, não existindo saneamento básico; postos de saúde; escolas de ensino fundamental e médio; policiamento; e tantos outros serviços públicos locais que deixam os moradores dependentes de Salvador para atender às suas necessidades básicas. As principais fontes de renda dos moradores são a pescaria (mariscagem para as mulheres), o cultivo (banana, coco, e cana-de-açúcar), os artesanatos de conchas e palha (cana-brava) e a renda de bilros (outra atividade feminina). Recentemente, um dos problemas que afetam a população é a questão da segurança. Cenas de violência têm sido comuns, principalmente nos finais de semana, quando o consumo de bebidas alcoólicas é excessivo. (Projeto Crianças Quilombolas, MS, 2004)

Outro problema é a contaminação química ambiental proveniente das indústrias químicas, petroquímicas e petrolíferas, instaladas na Baía de Aratu (porto e base naval), Ilha de Madre de Deus (Refinaria de Petróleo Landufo Alves), próximas à Ilha de Maré. Na comunidade de Porto de Cavalos desde a década de sessenta, a Petrobrás instalou poços de petróleo, ainda ativos. Toda esta situação contamina a produção pesqueira, destrói a flora e a fauna marinha repercutindo em dificuldades de sobrevivência familiar.

Nesta localidade, a ausência de políticas públicas aliada ao contexto de profunda desigualdade social, cria uma situação de grave insegurança alimentar e nutricional ferindo princípios fundamentais dos direitos humanos à sobrevivência. Nesse sentido, o presente projeto requer não somente a coleta de dados e informações para a compreensão do problema alimentar, como tabus, crenças e representações sociais implícitas no mundo cotidiano, como também se busca criar um espaço de reflexão crítica para as questões ecológicas e ambientais.

Conforme registro das visitas realizadas ao lugar, observou-se que a população de Ilha de Maré apresenta uma alta prevalência de ocupações informais de baixa remuneração, baixa escolaridade, ausência de esgotamento sanitário e deficientes serviços de saúde pública.



## Contexto histórico

*O Brasil, como nós o sentimos e pensamos hoje, é produto do trabalho, do esforço, da dor e da alegria ; das festas, das comidas, das danças; do português falado com diferentes acentos e cantado na bossa nova, no samba e no axé; do feijão com arroz, do vatapá, do tucupi, da carne de sol, do acarajé, do tacacá e do churrasco; do branco, do negro, do índio; mais ainda, do mestiço, do cafuzo, do cariboca, do mameluco, do mulato, do pardo, do retinto; do romance regional, da poesia concreta, do cordel; das cidades futuristas planejadas, do barroco, do utilitário; das praias ensolaradas, das serras com geadas e da garoa enfumaçada... Bem, Brasil é uma soma de tudo isso, uma soma que não resulta em um produto só; uma soma de diversos que permanecem vários e, no entanto, nós reconhecemos como único, o Brasil (Linhares, 2000)*

Como se pode notar pelo trecho citado o Brasil é fruto da fusão de diversas culturas, que ao longo dos seus mais de quinhentos anos de história contribuíram de formas diversas para a construção da identidade deste país continental. Entre estas contribuições, destaca-se a da cultura afro, cujos traços culturais mesclados às influências europeia e indígena influenciaram fortemente hábitos e costumes de vários grupos populacionais brasileiros, em especial, a população baiana. Tal estado guarda de forma marcante esta herança do continente mãe, sendo expressa primeiramente pela própria constituição da sua gente, em maioria negros. A tradição africana também aflora na cultura, na comida, nas festas, na religião, sendo quase que indissociável do cotidiano deste povo.

No entanto, apesar da enorme contribuição dos africanos para a economia e cultura baiana e brasileira, os descendentes destes, em grande parte, ainda são vítimas do etnocentrismo<sup>5</sup> europeu que subjogou e escravizou por séculos esta gente e seus

---

<sup>5</sup> Etnocentrismo. A expressão designa que tudo aquilo que considera sua própria maneira, ou de seu povo ou sociedade, de ser, agir ou de pensar é a melhor ou a única, desconsiderando as concepções e valores produzidos por outros povos. Baseando-se em uma forte identificação do indivíduo com seu grupo social e na certeza da superioridade de um certo número de valores, de crenças ou de representações, o etnocentrismo é uma atitude ou uma disposição mental que utiliza regras e normas próprias para julgar o

valores. O resultado disto é uma grande exclusão social, enormes contingentes à mercê do assistencialismo, pessoas pauperizadas e impedidas de gozar mesmo que parcialmente dos bens sociais que deveriam ser garantidos a todo e qualquer cidadão.

Entre os pobres, não apenas as famílias negras estão presentes acima de sua proporção na população em geral, como também sua renda per capita está num nível mais baixo, o que significa que mais pessoas da família devem trabalhar para conseguir uma renda familiar equivalente. As crianças freqüentemente precisam deixar de estudar para “ajudar a família” cortando cana, trabalhando nas colheitas ou nas minas, vendendo doces no sinal luminoso da esquina. As taxas de analfabetismo entre os afro-brasileiros são mais que duas vezes maiores que entre os brancos, e a porcentagem de negros com nove anos ou mais de estudos é quase três vezes menor que entre os brancos. Uma criança afro-brasileira tem uma chance de mais ou menos 66% de obter uma educação básica, ao passo que a branca tem 85% de chance. Uma vez completado o ensino básico, as chances da criança negra de continuar para a escola secundária são da ordem de 40%, enquanto uma criança branca tem 57% de chance. Os afro-brasileiros que completam o ensino médio têm aproximadamente metade da oportunidade dos alunos brancos de seguir para a universidade (Sant’Anna e Paixão, 1998: 112-4.)

Dados desta natureza demonstram o quanto é gritante o a [apartheid](#) sofrido por esta parcela da população. Outros indicadores reforçam ainda mais tal segregação, a exemplo da menor expectativa de vida, maior taxa de mortalidade infantil (principalmente para menores de 05 anos), falta de uma infra-estrutura básica (coleta de lixo, água encanada, esgoto), conforme pode ser constatado nas tabelas a seguir:

Tabela 1: Expectativa de vida ao nascer, por raça

	1940/50	1970/80
Brancos	47,5	66,1
<i>Não-Brancos</i>	40	59,4

Fonte: PNAD, 1990 in NASCIMENTO, 2000.

---

outro e o diferente. (...) Tal comportamento é a base para a recusa da diversidade das culturas, da intolerância e xenofobia, muito freqüente no racismo (Ferréol, Gilles. *Vocabulaire de la Sociologie*, Paris, PUF, 1995 in Linhares, 2000).

Tabela 2: Expectativa de vida ao nascer, por raça, renda e educação, 1996

	Renda		Educação	
	Níveis mais baixos	Níveis mais altos	1-4 anos	4 anos ou mais
Branços	59,5	70,4	66,2	72,3
Não-Branços	55,8	63,7	62,2	66,6

Fonte: PNAD, 1990 in NASCIMENTO, 2000

Tabela 3: Saneamento por raça dos chefes de família, 1996 (Percentagens)

	Água tratada		Esgoto*	
	Branca	Negra (Preto/Pardo)	Branca	Negra (Preto/Pardo)
Brasil	81,0	64,7	73,6	49,7
Norte urbano **	63,0	54,8	56,5	41,6
Nordeste	64,2	52,6	47,0	33,5
Sudeste	89,1	52,6	86,8	74,8
Sul	77,0	52,6	69,2	50,0
Centro-Oeste	72,0	76,8	43,6	35,1

Fonte: PNAD, 1996 in NASCIMENTO, 2000

\* Sistema de coleta de esgoto ou fossa.

\*\* Excluído o interior rural de Rondônia, Acre, Amazonas, Roraima, Pará e Amapá.

Tabela 4: Mortalidade infantil e mortalidade de crianças com menos de 5 anos\* por gênero e raça, 1996

	Mortalidade infantil por 1000		Mortalidade de crianças com menos de 5 anos	
	Masc.	Fem.	Masc.	Fem.
Brasil	48,0	36,4	65,5	49,7
Norte Urbano**	45,2	34,6	-	41,6
Nordeste	71,7	60,8	105,7	33,5
Sudeste	27,7	17,2	41,4	74,8
Sul	25,2	14,8	36,2	50,0
Centro-Oeste	29,5	19,3	46,1	35,1
	Taxa de mortalidade infantil por 1000		Taxa de mortalidade de crianças até 5 anos/ 1000	
	Branca	Negra (Preta/ Parda)	Branca	Negra (Preto/Pardo)
Brasil	37,3	62,3	45,7	76,1
Norte urbano **	-	-	-	-
Nordeste	68	96,3	82,8	102,1
Sudeste	25,1	43,1	30,9	52,7
Sul	28,3	38,9	34,8	47,7
Centro-Oeste	27,8	42,0	31,1	51,4

Fonte: PNAD, 1996 in NASCIMENTO, 2000 \*Estimativas de 1993.

\*\*Excluindo o interior rural de Rondônia, Acre, Amazonas, Roraima, Pará e Amapá.

Tabela 5: Proporção de habitantes com infra-estrutura de moradia, por raça

Proporção de habitantes com:	<b>Cor</b>			<b>Total</b>
	<i>Branca</i>	<i>Preta</i>	<b>Parda</b>	
<b>Coleta de lixo doméstico</b>	70,8	53,1	47,8	61,0
<i>Água encanada</i>	84,2	61,6	56,1	72,1
<i>Energia elétrica</i>	92,1	81,8	78,0	86,1
Casas rústicas, com um quarto ou cômodo	3,2	11,9	11,6	7,0
<i>Geladeira</i>	81,0	58,5	54,1	69,4
<i>Televisão</i>	82,9	64,1	59,4	72,8

Fonte: PNAD, 1996 in NASCIMENTO, 2000

Tabela 6: Renda média por gênero e raça (R\$)

Cor	<b>Gênero</b>		<b>Total</b>
	Masculino	Feminino	
Branca	757,51	459,20	630,38
<i>Preta</i>	338,61	227,13	292,05
<i>Parda</i>	359,27	234,72	309,66
Total	589,89	370,33	498,57

Fonte: PNAD, 1996 in NASCIMENTO, 2000.

## **Raízes históricas da desigualdade**

Segundo Nascimento (2000), o Brasil foi o último país cristão do mundo a abolir a escravidão, em 1888. Nenhuma medida foi tomada para integrar os novos cidadãos afrodescendentes à economia ou à sociedade nacionais. Muitos ficaram nas fazendas, na condição de semi-escravos, ou se mudaram das senzalas para os morros urbanos, assim formando as favelas. Alguma destas tem raízes anteriores, como quilombos. A abolição da escravatura no Brasil foi o componente essencial a determinar a natureza circular da cadeia de fatores interligados que causam e caracterizam a exclusão histórica dos afro-brasileiros.

A abolição causou um verdadeiro pânico na elite dominante, que se apressou em construir políticas públicas destinadas a apagar a “mancha negra” e a “purificar o estoque racial da nação”. O objetivo declarado pelo delegado brasileiro ao Congresso Universal das Raças, realizado em Londres no ano de 1911, era eliminar os descendentes de africanos até o ano de 2012 (SKIDMORE, 1974: 66). A subordinação da mulher, tanto branca quanto negra, constituía ponto chave nessa ordem de planejamento político.

Tais políticas tinham duas pedras fundamentais: a imigração européia em massa, subsidiada pelo Estado, sob legislação que excluía as raças indesejáveis, e o cultivo do ideal do embranquecimento com base na subordinação da mulher e no lema “casar com branco para melhorar a raça”. Nesse particular, a política da decepção se destaca em nítido relevo, e o maior exemplo disso na área da pesquisa acadêmica está no fato de que a imigração européia era tida, até muito recentemente, por respeitados analistas (e.g. Prado Jr., 1966), como imperativo de uma suposta “falta de mão-de-obra qualificada” para competir na nascente economia industrial. A ciência social, como a sociedade, simplesmente eliminou do mercado de trabalho a população majoritária de afro-brasileiros emancipados que, escravizados ou livres, haviam sido não apenas responsáveis por trabalhos altamente sofisticados como também “qualificados” para operar todas as mudanças tecnológicas até então introduzidas na economia brasileira. O fato é que os empregos agora seriam destinados aos europeus, “mais desejáveis”, cuja vinda subsidiada tinha o objetivo de contribuir para a “melhoria”, ou seja, o embranquecimento, da identidade racial brasileira (SKIDMORE, 1974).

A população majoritária de ascendência africana incorporava uma ameaça potencial ao poder político da elite minoritária, e o medo diante dessa ameaça traduzia-se no discurso da unidade nacional. Mesclado às noções do racismo pseudo-científico, esse discurso fixou a africanidade e a negritude como anti-brasileiras. Embora nunca houvesse existido um Brasil sem os africanos, estes foram transformados em estrangeiros por uma definição quase exclusivamente européia da “identidade nacional”.

## **Quilombos: uma realidade**

Diante de tal panorama era preciso buscar formas de resistência, de sobrevivência. Movimentos para afirmação da raça e luta por direitos iguais foram surgindo, rebeliões, enfretamento, diversas maneiras se projetaram na busca deste ideal. Porém um movimento datado da época da escravidão, que teve em Zumbi dos Palmares o seu mais ilustre representante, eclodia silenciosamente, criando guetos de preservação cultural, os quilombos.

A primeira definição de quilombo como “toda habitação de negros fugidos que passem de cinco, em parte despovoada, ainda que não tenham ranchos levantados nem se achem pilões neles”, surgiu em resposta ao Rei de Portugal à consulta do Conselho Ultramarino, em dezembro de 1740. Desta maneira, no Brasil, assim como em outras partes da América onde existiu a escravidão, esses ajuntamentos proliferaram como sinal de protesto do negro escravo às condições desumanas e alienadas a que estavam sujeitos. No Brasil, o quilombo marcou sua presença durante todo o período escravista e existiu praticamente em toda a extensão do território nacional.( Missão da Relatoria Nacional do Direito à Moradia Adequada e à Terra Urbana, 2003)

Estes territórios bem como toda sua história foram mantidos como uma página oculta dos relatos oficiais e das políticas públicas brasileiras. Nos idos de 1857 quando Teixeira de Freitas elaborou a Consolidação das leis Cíveis, confinou as regras jurídicas relativas à escravidão à um capítulo a parte, denominado Código Negro. Outro ilustre jurista baiano Rui Barbosa, também colaborou para ocultar a vergonha da opressão desumana ocorrida no passado, ordenando a destruição de todos os registros de escravos pelo governo. Só em 1988, “a Constituição Federal insere os remanescentes de

quilombos como sujeitos de direitos sociais, econômicos, civis e políticos como forma de reativar a memória ligada ao motivo dessa vergonha e como meio de resgate da tão negada dignidade do povo negro.” ( Missão da Relatoria Nacional do Direito à Moradia Adequada e à Terra Urbana, 2003)

Apesar deste avanço nas leis, o campo prático da questão ainda permanecia estagnado. Estas áreas continuaram desprestigiadas perante o poder público e isoladas das ações políticas, em todas as esferas. Fato este que gera profundos agravos à condição de vida desta gente.

### **A contribuição de Maré para as questões quilombolas e dos negros na Bahia**

Dados históricos indicam que a Ilha de Maré é uma das localidades mais antigas da nação brasileira; uma área indígena, povoada com escravos africanos no século XVI.

Devido à proximidade biológica e cultural dos residentes com os escravos africanos, ainda se encontram, na Ilha, habitantes de segundas e terceiras gerações de afro-brasileiros, a Ilha de Maré é um lugar muito importante para a compreensão da herança cultural e genética africana no Brasil. De fato, pelo levantamento populacional realizado em 2001 pelo PRONEGRO, verifica-se que mais de 94% da população se categorizara como pertencentes à raça negra. A maioria dos habitantes é pobre e tem como principal fonte de renda a pesca e a mariscagem. É possível que, principalmente durante os meses de inverno, as crianças tenham uma carência alimentar devido à falta de acesso aos alimentos básicos. Por outro lado, existe uma situação de grave insegurança alimentar e nutricional da comunidade carente, aliada à falta de políticas públicas, eficazes, que contemplem as necessidades reais dos moradores pobres de Salvador, em particular os que vivem mais afastados como o caso em cena. (Projeto Crianças Quilombolas, MS, 2004)

Além disso, os pescadores e suas famílias se configuram como grupos de risco da população porque consomem elevadas quantidades de pescados que concentram elementos tóxicos oriundos da contaminação da baía pelas fábricas que afetam a saúde e a nutrição, particularmente, em crianças.

Para um melhor entendimento da questão nutricional na Ilha, faz-se necessário o estudo dos hábitos alimentares locais, os quais são estabelecidos desde muito cedo, ainda na infância, e estão relacionados à série de fatores: desde os valores culturais e afetivos aos de ordem econômica.

Os sistemas de idéias são formados por relações internas, de um modo particular de pensar o mundo, podendo em contextos específicos, serem interpretados como sustentáculos às atividades sociais. Geertz define assim, os conceitos de cultura e estrutura social, apoiados no conceito de ação, mostrando a importância de compreender na organização da atividade social em si e suas relações, os elementos que formam sua natureza (da ação) e são as idéias que apóiam as atividades sociais.

A concepção sobre SAN encontra dificuldades referenciais pela falta de interação e interpretação com outros temas associados. As culturas teóricas dos profissionais de nutrição, por exemplo, falam pouco sobre a integração entre corpo/alimento e self, em que estruturas simbólicas estabelecem modos de condutas do comer, aleitar, cuidar da alimentação da criança, etc (FREITAS & PENA, 2005).

Os hábitos e práticas alimentares estão diretamente associados às tradições e refletem as condições de nutrição e a qualidade de vida (Cf. CERTEAU, 1990; GEERTZ, 1989). Um estudo etnográfico sobre habitualidade alimentar da população de algumas localidades mais poluídas de Ilha de Maré possibilita um conhecimento histórico e cultural dos valores que envolvem o consumo e a nutrição, ainda desconhecidos.

No processo da desigualdade social movem-se diferentes estratégias de atenção à saúde e a doença. A maioria da população descuidada de serviços oficiais de saúde, apóia-se em tradições e crenças para garantir um mínimo de respostas aos seus processos mórbidos. Nesse âmbito, a descrição de problemas alimentares ou nutricionais no campo da tradição cultural é ainda pouco conhecida no país. Há uma falta de compreensão sobre os valores culturais que envolvem esses temas bio-sociais, e conseqüentemente, dificuldades para proposições sobre políticas públicas locais de Segurança Alimentar e Nutricional. (FREITAS & PENA, 2005)



Na Bahia, para esta região, são poucos os estudos sobre este assunto. Algum comentário se encontra na obra, “*Baía de Todos os Santos - Diagnóstico sócio-ambiental e subsídios para gestão*”, elaborado pelo Grupo Ecológico – GERMEN, e pelo Núcleo Interdisciplinar de Meio Ambiente – NIMA / UFBA (cf. TAVARES, 1997). Este estudo mostra a necessidade de conhecer melhor a população nativa, através de uma etnografia do seu cotidiano, seus saberes e práticas alimentares. O presente projeto pretende compreender tabus, crenças e representações sociais da alimentação do mundo da vida cotidiana, e criar um espaço de convivência e reflexão crítica entre pesquisadores, estudantes e moradores para as questões sociais, ecológicas e ambientais.

## **Objetivos**

### ***- Geral***

- Compreender os significados da Segurança Alimentar e Nutricional dos pescadores e marisqueiras em comunidades de Ilha de Maré (Bananeiras, Santana e Porto de Cavalos) a partir de suas práticas alimentares.

### ***- Específicos***

- Descrever as condições de acesso aos alimentos (captura de mariscos, pesca e compra) dos moradores.
- Interpretar as práticas alimentares (hábitos, crenças e tabus) e a relação com o contexto sociocultural e econômico, em particular a contaminação química ambiental.
- Analisar as narrativas dos moradores sobre os significados da Segurança Alimentar e Nutricional.

## **Questões principais do estudo**

Diante da complexidade de tantos elementos colocados para interpretação das práticas alimentares em Maré destacamos no momento, algumas questões que consideramos necessárias ao entendimento sobre este objeto.

- Como as pessoas significam a alimentação, da criança, dos adultos e idosos?
- Como se produz alimentos em Maré? O que se compra, se vende, se consome?
- Como interpretam ou significam a contaminação ambiental (falta de saneamento e poluição química) e alimentação? Existe vínculos entre contaminação e alimentação?
- Como as pessoas entendem a relação entre alimentação e enfermidades? Destas, as mais importantes para a nutrição: a obesidade, a diabetes e a hipertensão. Como entendem a desnutrição das crianças?

A busca de respostas à série de interrogações acima permitirá construir o principal objetivo deste trabalho: compreender os significados da Segurança Alimentar e Nutricional dos pescadores e marisqueiras em comunidades de Ilha de Maré a partir de suas práticas alimentares<sup>3</sup>. Trata-se de interpretar as expressões significativas referentes à segurança alimentar observadas no discurso da população em estudo, descrevendo práticas de sobrevivência e os hábitos alimentares criados no cotidianos dos moradores da ilha e sua relação com a SAN.

Ao caminhar em Maré observamos os modos de pensar dos marezeiros, como eles se percebem a si mesmos, como se sentem no tempo das marés e que conexões estabelecem entre vida individual e coletiva, sobretudo, como significam suas práticas alimentares.

6

---

<sup>6</sup> Concebemos neste estudo como práticas alimentares: a obtenção (mariscagem, pesca, agricultura e compra), o preparo e o consumo. Nas práticas, também observamos crenças, símbolos, escolhas, condutas.

## Metodologia

A Segurança Alimentar e Nutricional é um tema que envolve diversas disciplinas. Este estudo, a ser realizado em três comunidades da Ilha (Bananeiras, Santana e Porto de Cavalos), pretende trabalhar com a abordagem da etnografia para uma aproximação da realidade cotidiana e intersubjetiva da sobrevivência e apreender as concepções que envolvem este tema. Observação participante, histórias de vida, entrevistas semi-estruturadas ou em profundidade e anotações em diário de campo, são algumas das técnicas recorrentes do exercício etnográfico utilizadas neste estudo<sup>7</sup>.

O interesse é compreender as estratégias de sobrevivência, como se dá o acesso aos alimentos dos pescadores, marisqueiras e suas famílias, saberes e práticas que envolvem os alimentos, o tradicionalismo, o novo ou como denominam: alimentos *daqui* e de *fora* (da cidade). Também, como são construídas as restrições, as preferências. E, sobretudo como interpretam a contaminação química ambiental em relação aos alimentos. No campo interpretativo as noções conceituais sobre alimentação saudável ou não aparecem para decifrar os significados da segurança alimentar e nutricional no lugar (ver anexo).

Segundo Haguette (1987), a etnometodologia estuda e analisa as atividades cotidianas dos membros de uma comunidade ou organização, procurando descobrir a forma como elas as tornam visíveis, racionais e reportáveis, ou seja, como eles a consideram válidas, uma vez que a reflexividade sobre o fenômeno é uma característica singular da ação. Os estudos sobre o enfoque da etnometodologia, conseqüentemente são dirigidos para a tarefa de detectar como a atividade ordinária dos indivíduos consistem de métodos para tornar analisáveis ações práticas, as circunstâncias, o conhecimento baseado no senso comum sobre as estruturas sociais e o raciocínio sociológico prático, assim como de entender suas propriedades formais vistas “de dentro” dos ambientes, como parte integrante do próprio ambiente. Em outras palavras, a etnometodologia procura descobrir os “métodos” que as pessoas usam na sua vida diária em sociedade a fim de *construir* a realidade social; procura descobrir também a natureza da realidade que elas constroem.

---

<sup>7</sup> A pesquisa conta com aprovação do Comitê de Ética da Universidade Federal da Bahia, Hospital Clímério de Oliveira.

Os atores sociais alocam “sentidos” aos “objetos” circundantes, através do processo de interação uns com os outros e consigo próprios, passando, então, a interpretar seu mundo significativo. O conhecimento que os indivíduos adquirem sobre este mundo e sobre si próprios é um conhecimento do dia-a-dia, um conhecimento ordinário que os leva a estabelecer o que é realidade para eles. (HAGUETTE, 1987)

Toda atividade humana está sujeita ao hábito...As ações tornam-se habituais e conservam seu caráter significativo para o indivíduo. Significativo porque é como um acervo de conhecimentos incluídos na rotina e isso acarretam um importante ganho psicológico e centra o indivíduo em sua realidade. (GEERTZ, 1989)

O hábito fornece a direção e a especialização da atividade que falta no equipamento biológico do homem, aliviando o acúmulo de tensões resultantes dos impulsos não dirigidos. O fundamento da atividade tornada habitual abre o primeiro plano para a deliberação e a inovação. A parte mais importante, empiricamente, da formação do hábito é a coexistência com a institucionalização desta atividade. A institucionalização ocorre sempre quando há uma TIPIFICAÇÃO recíproca de ações habituais por tipos de atores. (GEERTZ, 1989)

A institucionalização da atividade humana tem historicidade e controle...As tipificações são construídas no curso de uma história compartilhada...Não são criadas instantaneamente. (GEERTZ, 1989)

Tem, portanto sempre uma história...Da qual são produtos É impossível compreender adequadamente uma instituição sem entender o processo histórico em que foi produzida. (GEERTZ, 1989)

Nesse sentido, este exercício etnográfico toma por base a etnometodologia na busca da compreensão dos significados das práticas alimentares e de como os moradores se sentem em relação a contaminação ambiental que afeta a produção pesqueira e o manguezal.

A escolha dessa metodologia de cunho qualitativo se dá pela especificidade do método na compreensão de fenômenos sociais apoiados no pressuposto de maior relevância do aspecto subjetivo da ação social, focando sua origem e razão de ser. Diante desta complexidade característica de certos fenômenos sociais, surge a dificuldade da quantificação dos mesmos.

Numa oposição frontal ao positivismo, a sociologia compreensiva propõe a subjetividade como fundante do sentido e defende-a como constitutiva do social inerente ao entendimento objetivo. Essa corrente não se preocupa em quantificar, mas de lograr explicar os meandros das relações sociais consideradas essência e resultado da atividade humana criadora, afetiva e racional, que pode ser apreendida através do cotidiano, da vivência e da explicação do senso comum. (MINAYO, 1999)

Daí a importância da observação participante tornando possível “ver o mundo através dos olhos do pesquisado...”. (HAGUETTE, 1987). Segundo Kluckhohn (HAUGUETTE,1987), esta técnica possibilita o compartilhamento consciente e sistemático, conforme as circunstâncias permitam, das atividades de vida e, eventualmente, nos interesses e afetos de um grupo de pessoas.

É importante ressaltar que o observador participante por utilizar-se de métodos não estruturados pode com facilidade impor sua presença na área a um ritmo apropriado, modificar suas categorias tornando-as mais adequadas ao problema e selecionar informantes a qualquer momento da pesquisa, desde que suspeite que isso possa trazer luz ao fenômeno estudado.

Neste universo de significantes e significados busca-se entender prioritariamente as representações que são conferidas ao alimento e as práticas alimentares. Dentro dos diversos valores culturais desta organização social é relevante também conhecer como a população entende o corpo, o aleitamento materno, o cuidado, as enfermidades relacionadas à alimentação, o conceito de contaminação ambiental dos alimentos. Sobretudo ritos, preceitos, normas, crenças, relacionadas à produção, natureza, corpo e alimentação.

Nesse âmbito, a abordagem etnográfica torna possível focalizar os aspectos sócio-culturais que envolvem o tema numa perspectiva analítica capaz de trazer conteúdos da realidade ainda pouco contextualizados nos estudos sobre o assunto.

Como os marezeiros conformam sua auto percepção, como se sentem no tempo e, que conexões estabelecem entre vida individual e coletiva nesta sociedade, são alguns dos pontos que serão elucidados por esta etnometodologia. A análise dos sistemas de idéias que formam as relações internas deste modo particular de pensar o mundo, extraídos de contextos específicos, servirão de sustentáculo para a interpretação das atividades sociais. As estruturas simbólicas que definem o campo alimentar dos indivíduos e população, bem como a experimentação de seus produtos no cotidiano

através dos diversos símbolos significantes, permitirá a interpretação das diversas configurações culturais que envolvem a comida e o comer para os quilombolas de Maré.

Para dar maior visibilidade ao contexto socioeconômico, alguns dados devem ser registrados sobre a situação de saúde e nutrição da população de Salvador (ASSIS, 2000), principalmente sobre o grupo materno-infantil .

Por se tratar ainda de um estudo complementar a um projeto maior, o “*Crianças Quilombolas: práticas alimentares, contaminação ambiental e dos alimentos em Ilha de Maré; UFBA/MS*” o trabalho se apóia em dados levantados por este para enriquecer suas análises. Dados antropométricos, exames de material biológico (sangue, fezes, urina) para avaliação de anemia ferropriva, níveis sanguíneos e urinários de chumbo e cádmio, avaliação do impacto da contaminação química ambiental no pescado consumido pela população de Ilha de Maré e outras informações poderão auxiliar a compreender melhor os nossos achados.

## **Resultados preliminares**

Com base na metodologia empregada e anteriormente descrita, foram realizadas algumas visitas e entrevistas para observação em campo. O processo de análise deste material, ainda em fase inicial, traz constatações pertinentes ao estudo. Porém, uma análise mais apurada e criteriosa a partir da análise das narrativas, possibilitará conclusões mais consistentes ao estudo .

Este estudo etnográfico tem como complemento outros dados que possibilitarão definir a segurança alimentar e nutricional desta população. Trata-se de dados do Projeto Crianças Quilombolas sobre inquérito dietético e análise bioquímica de sangue, fezes e cabelo de menores de cinco anos para investigação sobre contaminantes químicos na região.

Com os resultados, espera-se ampliar a discussão sobre segurança alimentar e nutricional, contribuir para futuros estudos e para a aplicabilidade na formulação de políticas públicas de alimentação e nutrição voltadas para este segmento populacional.

## Algumas conclusões

Para os marezeiros o termo Segurança Alimentar está relacionado à venda do pescado e do marisco, secundariamente, ao consumo. O valor de mercado de seus produtos define a sobrevivência. Vende-se para comprar outros produtos de consumo, como leite, carne de gado, sal, açúcar, etc.

Conforme algumas observações do cotidiano nas comunidades, verificam-se três tipos básicos de alimentação: *para meninos ou meninas, homens ou mulheres e gente velha*. Entretanto, o cardápio é praticamente o mesmo. A diferença está no detalhe de uma associação, e no catado para quem não tem dentes suficientes. Por esta razão comidas de criança e velhos se assemelham ainda mais. O açúcar e o sal são as iguarias mais preciosas em Maré. A dosagem depende da pessoa ou “*do gosto que já nasce com a gente*”. “*Uns gostam mais. Está na natureza*” (Diário de Campo em Bananeiras).

Segundo Woortman (1978), a monotonia alimentar de comunidades pesqueiras reside na larga utilização (por crianças, adulto e velhos) e valorização do binômio peixe-farinha. Muitas vezes, até mesmo esta ligação é desfeita devido a “penúria monetária da família”, que leva a substituição do pescado por marisco ou outros alimentos, já que o mesmo não pode ser conservado por bastante tempo e em situações de carência o que seria destinado ao auto-consumo é desviado para comercialização a fim de que se possa obter algum dinheiro que será empregado na manutenção de outras necessidades. “Enquanto ninguém tinha dinheiro na mão, todos tinham uma mesa farta. Hoje, quando há muito dinheiro em circulação, a maioria vive sem poder comprar suficiente ‘mantimento’, segundo os padrões do passado.” (WOORTMAN, 1978) Situação similar é vivenciada em Maré, onde a pesca predatória (bomba), a degradação do mangue, o declínio da agricultura local e o desenvolvimento do comércio de gêneros alimentícios industrializados, gera quadro similar ao descrito.

O mangue representa uma parte da casa, como se não houvesse separação. Para algumas marisqueiras o manguezal é uma parte de seu corpo, pois não concebem mais a vida sem esse lugar “abençoado” e que ajudou a criar os filhos. “Ninguém pode viver sem o mangue” (Eduarda). O sentido do termo está na noção de sobrevivência. Para ela “basta uma lata e uma colher, o resto é o corpo que faz”, “cava, cava até achar” (marisco) .

E assim ficavam todos eles, afogados no mangue, agarrados pelas ventosas com as quais os mangues insaciáveis lhes sugavam todo o suco da sua carne e da sua alma de escravos. Com uma força estranha, os mangues iam, assim, se apoderando da vida de toda aquela gente, numa posse lenta, tenaz, definitiva. Estas estranhas plantas que, em eras geológicas passadas, se tinham apoderado de toda essa área de terra (...) estendia agora sua posse também aos seus habitantes. E tudo nesta região passava a pertencer ao mangue conquistador e dominador: tanto a terra como o homem. (JOSUÉ DE CASTRO, 1967, pp. 13-4)

O mangue abriga e alimenta uma fauna especial, formada principalmente por crustáceos, ostras, mariscos e caranguejos, numa impressionante abundância de seres que pululam entre suas raízes nodosas e suas folhas gordas, triturando materiais orgânicos, perfurando o lodaçal e umidificando o solo local. Muitos desses pequenos animais contribuem também com suas carapaças e seus esqueletos calcários, para a estruturação e consolidação do solo em formação. Desempenha também essa fauna especializada um importante papel no equilíbrio ecológico da região ocupada pelo homem, ao possibilitar recursos de subsistência para uma grande parte das populações anfíbias que povoam aqueles mangues. (MELO FILHO, 2003)

Este exercício etnográfico reflete um instrumental metodológico com descrições e para contribuir com conteúdos para iluminar a prática dos profissionais de saúde em particular os de nutrição.

Os sentidos e linguagem são os elementos chaves para interpretar a compreensão da realidade sociocultural. A ação de interpretar as narrativas dos moradores de Ilha de Maré implica em valorizar as modalidades simbólicas, que iluminam a natureza das suas práticas alimentares.

O símbolo é um termo, um nome ou mesmo uma imagem que nos pode ser familiar na vida diária, embora possua conotações especiais além do seu significado evidente e convencional. A comida é portadora de significados, e torna-se simbólica ao representar alguma coisa além do seu significado manifesto e imediato. (JUNG, 1964)

Do ponto de vista sócio-antropológico, a compreensão sobre a doença e a alimentação na vida cotidiana tem lugar a revelação dos diversos saberes e práticas relacionados ao corpo e à comida. São essas ações que descortinam os valores



simbólicos inscritos na dieta do dia-dia, desde o acesso ao preparo da comida, sua distribuição na unidade familiar e as diversas associações que compõem a relação corpo e alimento seguindo uma certa lógica interna, específica de um dado grupo social e integrada às relações sociais.

A alimentação surge como uma necessidade básica, um direito humano e, simultaneamente, uma atividade cultural, permeada por crenças, tabus, distinções e cerimônias. Comer não representa apenas o fato de incorporar elementos nutritivos importantes para o nosso organismo, é antes de tudo um ato social e, como toda relação que se dá entre pessoas, traz convívio, diferenças e expressa o mundo da necessidade, da liberdade ou da dominação. Os padrões alimentares de um grupo sustentam a identidade coletiva, posição na hierarquia, na organização social, mas, também, determinados alimentos são centrais para a identidade individual. (FISCHLER, 1988:92; SUELI, 2001 apud PEDRAZA, 2004).

Os sentidos e os significados da doença são produtos expressos da dimensão histórica, mas também são representados por valores simbólicos tomados em sua globalidade.

Os elementos do tecido macro social estão inseridos no mundo íntimo e cotidiano, conforme a interpretação dos moradores. Ou seja, a contaminação ambiental que gera a redução do pescado no lugar.

Esta etnografia toma como pressuposto que as concepções sobre obesidade e diabetes em Maré são alguns dos problemas a serem analisados. Quanto a este aspecto parte-se da hipótese de que os sentidos destas doenças recorrem a uma complexa associação entre os efeitos do espírito sobre o corpo, e vice versa.

Para os moradores de Maré obesidade não é enfermidade e hipertensão é um sintoma de algum desgosto, desafeto, contrariedade. A diabetes não é um termo pronunciável e é nomeada como “açúcar no sangue” e nem sempre entendida como um problema nutricional em que se tem que restringir os carboidratos ou açúcares da alimentação. Todas estas questões ainda estão sendo analisadas através das falas dos depoentes. Entretanto, pode-se perceber que tanto a obesidade quanto a diabetes, são consideradas características da pessoa. Sobre a natureza da pessoa e a doença François Laplantine traz vários comentários. Para Maré estas condições de enfermidades são

determinadas pela natureza de cada pessoa, a diabetes por exemplo é causada pela qualidade do sangue.

Entende-se que a SAN ou práticas alimentares saudáveis são questões que estão envoltas nos seguintes objetos:

1. Comida do cotidiano (crianças, adultos e idosos)
2. Acesso dos alimentos: produção da pesca e, mariscagem, agricultura e compra.
3. Preparo e receituário de alimentos
4. Crenças, tabus ou restrições alimentares da crianças, da mulher (menarca, menstruação, parto, aleitamento, menopausa), e no homem relacionado à virilidade e ao trabalho.
5. Principais enfermidades encontradas que estão relacionadas à nutrição: desnutrição, obesidade, hipertensão e diabetes.
6. Noções conceituais sobre higiene dos alimentos, contaminação ambiental e dos alimentos.

### **Algumas falas e análises preliminares:**

Entrevista com Sr. João – Bananeiras

Dia: 19/10/2004

“Médico aqui pra atender a gente, só se cair do céu! É aquele lá de cima. Pra atender a gente aqui é uma dificuldade, meu camarada, muito grande, a não ser que a pessoa tenha dinheiro. Pra ele chegar até aqui. Vai um pião que nem eu só tem as graças de Deus de dia a noite e 9 filhos (risos).”

“Só tem mesmo um médico em Santana, acho que é de 8 em 8 dias ou de 15 em 15. Na colônia. Não tem médico pra circular a ilha. Tem que ir pra Salvador, Candeias, quando o pião ainda agüenta chegar até lá, quando não agüenta ele se apaga no meio do caminho. As coisas aqui pra gente é difícil, é difícil mesmo.”

Ao lado das dificuldades concretas de acesso aos serviços observa-se um sentimento de desvalorização de seu trabalho, seu corpo da vida do lugar ainda que entrem em contraposição.

“Aqui é um lugar muito bom, bom de se viver. Aqui nessa ilha de Maré. Agora eu digo assim, aqui é um paraíso. Um paraíso escondido que ninguém olha pra ele, ninguém olha, só olha assim de tempo em tempo, tempo de política, de eleição, aí aparece um bocado prometendo mundos e fundos, que vai fazer posto médico, vai fazer ponte, vai fazer isso, vai fazer aquilo. Quando termina a eleição todos eles desaparecem, esquecem que a ilha existe.

O esquecimento do outro, o político, dá uma conotação de distanciamento para os moradores, como se não pudessem contar com a inclusão da Ilha nas propostas sociais. É, esquece que a ilha existe. Mas a ilha é muito boa. Só que nós precisamos melhorar muito aqui dentro, muito, muito aqui dentro.”

Dentro e fora fazem sentidos para os ilhéus:

“A gente precisa de um ginásio aqui dentro pra crianças. Tenho 2 filhas, Uma estuda em Passé, a outra em Candeias”

“Aqui dentro da ilha de Maré tem muita roça, mas está totalmente abandonada, Tudo cheio de mato. Porque você vê aí, você sai por dentro aí, tudo nesse rojão, tudo cheio de mato, tudo cheio de mato aí, a turma hoje ta vivendo é da pesca do camarão, ô a rede aí! (...)Compra quatro ou cinco peça, rede de camarão e vai pescar. Sai quatro horas da manhã, três horas, chega lá larga a rede começa a pescar, depois vai embora pra casa, chega em casa toma um banho, bate um café vai descansar. No dia seguinte, no mesmo horário ou mais cedo ele retorna de novo”

“A pesca a aqui pra gente começou de fracassar depois que entrou essas fábricas aqui no porto de Aratu, essas fábricas aqui no porto de Aratu entrou pra que então foi fracassando o negócio de peixe aqui dentro. E muitas das vezes aí essas fábricas dá descarga pra dentro d’água e é peixe que não é brincadeira. Eles alegam que não, eles alegam que eles não dão descarga, mas eles dão, eles dão descarga pra dentro d’água, porque como é que o peixe vai morrer, vai morrer vinte ou trinta quilos de peixe assim a toa? Sem ter uma descarga de um produto qualquer? Não pode, não tem como, não tem como, porque aí eles trabalham com todos produtos perigoso, é os produtos tudo químicos esses daí. Tanto faz Tequimar, como faz a Dow Química lá em cima, essas firmas aí são tudo serviço químico, tudo, e o Tequimar aí joga tudo quanto é produto aí,

vem de fora pra armazenar aí, vem de Camaçari pra armazenar aí e dali o navio apanhar pra levar lá pra fora.... eles queimam um gás, ele diz que é o Eteno, então tem uma chaminé muito grande, ali eles queima aquele gás que a fumaça chega a sair preta e joga toda aqui pro lado de Maré, é aquela poluição tremenda, tremenda mesmo. Quer dizer, então eles só fazem prejudicar ilha de Maré e nada pra gente ele faz, nada, nada.”

“Sanitário por enquanto nós não tem aí. Porque a poucos tempos aí que eu reformei ela. Ainda nem reboquei ela, por falta de condições que não tive de rebocar, de botar o piso,né?! Mas chamando por Deus de dia e a noite... Por enquanto só tem fossa a casa do meu filho aí. A casa de meu filho é aquela dali, ali tem fossa ali. Mas a gente aqui por enquanto, nós não tem. Eu vou comprar o bloco a Deus querer que é pra fazer uma fossa. Que necessita muito de cada qual ter sua fossa, né?! E então vou fazer uma fossa aí no fundo aí que é pra nós tê uma fossazinha aí. (...) Tirar água do joelho a gente entra no banheiro e tem que tirar a água do joelho, agora outro tipo de necessidade é na base do bacio. Quer dizer, a fêmea, o macho ganha o mato aí e... (risos)”

“A gente aqui a gente come é: marisco, é marisco, é peixe, pra gente come uma carne verde tem que ir atrás de boi em Candeias ou em Salvador, a carne de sertão a gente acha aqui, a gente compra aí nas vendas aí, mas carne de boi mesmo tem que ir comprar ou em Salvador ou em Candeias. Carne de sertão, frango a gente compra por aqui mesmo, né, compra aqui mesmo. O marisco, pra mim, é comida muito boa, é, muito boa.”

“Verdura a gente tem que comprar fora, verdura a gente tem que comprar fora, como antigamente aqui dentro tinha de tudo. Aqui dentro tinha quem plantasse tomate, já deu muito tomate aí pela aí, tomate, melancia, abóbora, tudo isso deu, deu não, dá aqui dentro, agora não tem quem plante mais, não tem quem plante mais... era mandioca, era feijão, era milho, era cana, tudo isso plantava aqui dentro, era tomate, tudo isso plantava, era caixas e mais caixas de tomate, a gente plantava e mandava pra Salvador, e hoje quem quiser comprar tomate tem que comprar em Salvador ou aí nessas vendas aí. Vinte centavos, vinte e cinco um tomatizinho, tomate é caro, tomate é caro mesmo. Tá. tudo mais caro ainda.”

Entrevista com D. Dora – Santana

Dia: 20/01/2006

A senhora Dora (60 anos) é moradora da comunidade de Santana, na Ilha de Maré. É casada, tem 03 filhos (02 homens e 01 mulher) e sempre viveu na localidade, trabalhando com a renda de bilro a mariscagem, atividades que pratica até hoje só que em menor escala.

Para Dona Dora a sensação de morar em Maré é muito boa, principalmente pela tranqüilidade do lugar *“Eu gosto porque é tranqüilo”*. Porém a mesma se queixa de que está paz tem diminuído ao longo dos anos devido ao aumento de fluxo de pessoas de fora na comunidade *“Agora que está tendo às vezes algum problema de pessoas que vêm de fora”*. Tal situação traz uma sensação de insegurança aos marezeiros *“aqui não tem delegacia, não tem ninguém que procure saber quem são aquelas pessoas, que às vezes fazem um certo erro”*. Outra necessidade relatada pela marisqueira é a construção de um ancoradouro, já que os mais velhos e as crianças que vão para escola têm certa dificuldade em desembarcar na água. Essa dificuldade muitas vezes desestimula os jovens a cursarem a escola, por conta do desconforto da viagem. Mas ainda assim, ela considera Maré um ótimo lugar para se viver *“Mas aqui é muito bom, Maré é ótima.”*

A infância em Maré é ainda tida como a fase da inocência e das brincadeiras, apesar das dificuldades que fazem com que a criança desde muito cedo tenha que começar a trabalhar para ajudar no sustento da família. Dona Dora recorda-se com carinho desta etapa da sua vida *“Brincava muito, nunca tive foi muita saúde, mas sempre brincava, porque menina mesmo sem saúde brinca”*. Outra lembrança marcante é a dificuldade financeira passada por sua família e a ameaça da fome no seu cotidiano:

A situação financeira era mau, porque pai morreu, deixou mãe com sete filhos, 6 nascidos e 1 na barriga. Então eu e minhas irmãs trabalhamos para comer, com 7, 8 anos de idade. A gente ia pra maré mariscar para comer. Se não fosse isso, ia para o mato apanhar dendê pra mãe bater, fazer azeite, se não a gente morria de fome. E toda a população aqui era assim. Agora, graças a Deus, melhorou tudo.

Conforme o relato de Dona Dora, a chegada de mais pessoas “de fora” a comunidade diminuiu a tranqüilidade, mas causou um certo progresso no comércio, sobretudo na venda de bebidas e alimentos, gerando emprego e renda para a população. O bar se tornou a principal forma de comercio na região, pois emprega pessoas, compra boa parte do produto da mariscagem e ainda é local de entretenimento para grande parte da comunidade. Esse incremento no fluxo de pessoas, capital e mercadorias ajudou a diminuir o problema da fome. Entretanto, abalou a rotineira tranqüilidade que muito é valorizada pelas pessoas de mais idade “*Mas antigamente era mais tranqüilo. Era muito melhor do que agora.*”

A saúde é outro ponto ainda pouco priorizado pelos órgãos governamentais na Ilha e muito salientado pela população em suas reivindicações. Dona Dora traz como exemplo a sua saúde fragilizada (a mesma apresenta labirintite e problemas renais), para qual não encontra assistência na comunidade, tendo que se submeter ao desconforto da viagem até alguma unidade de saúde de Salvador, um processo altamente dispendioso e demorado. A dificuldade de assistência leva muitas vezes a um pré-atendimento local, como no caso de cortes, onde é feita uma sutura por algum membro da comunidade que tenha mais habilidade para tal, para que o paciente possa fazer a travessia, isto, claro, se o mesmo dispor de recursos para tal “*Os meninos se cortam, precisam dar um ponto ou dois, tem que viajar. Se não tiver dinheiro, não viaja, fica aí*”. A pouca assistência que há é prestada por médicos que vem a comunidade em um turno algumas poucas vezes na semana “*Aqui precisa mesmo é de um hospital, mas que tenha médico 24h, que não tem e quando tem é assim: vem de manhã, meio dia vai embora.*”

No ato de mariscar Dora se considera mais eficiente que sua irmã, ainda que tenham sido treinadas pela mesma mãe, desde a mais tenra idade. O trabalho de mariscar é com as mãos. Depois da mariscagem vem o ato de catar o marisco para ser mais aceito no mercado. Ao catar, movem-se as mãos de dentro para fora num ritmo cadenciado em que os braços também se ocupam. O trabalho mais importante é com os dedos polegar e indicador, repetidas vezes. Nessa imagem a mulher cabisbaixa parece se concentrar no ato de catar mariscos.

Foi mãe. Ela me levava junto dela e quando chegava na poça tinha o sirizinho mole, ela ia (deixava-a sozinha para que aprendesse). Ele (siri) fica sempre cobertinho de areia. Aí eu ia procurando até que encontrava. Quando ficava difícil ela (a mãe) fazia assim com o pé (cavava no areia) e me mostrava. Aí eu pegava.

Seu pai, morreu quando ela tinha sete anos, e seus irmãos ainda eram todos menores. “*Tinha um sem nascer*”. Geralmente são as mães que ensinam as filhas a mariscar, e o pai, o filho a pescar. Nessa tradição, o marido de Dora ensinou aos seus filhos o perigo do mar, o cuidado para não lesar a rede, os tipos de pescados, os mais valorizados no comércio, o que se consome na unidade doméstica. Inicia-se na infância, a pescaria. Dora se refere que seu filho “pescava desde 5 anos de idade com o pai”.

Na pesca não há desemprego. O marezeiro sempre será pescador. Além da tradição, a pesca é uma forma de sobrevivência e sustento da família, seja como principal ofício ou até mesmo de forma a complementar outra atividade desenvolvida pelo chefe da família. Neste contexto o mar é tido como fonte provedora do alimento da família, conforme é relatado pela informante: “*Ele (filho) vai pescar com o pai. Pesca desde 5 anos de idade. . Não se aperta, se ele desempregar, ele vai pescar. Não vai ficar com fome.*”

Dona Dora relata a diminuição do pescado na região. Para ela a principal causa disto é a pesca com uso de bomba, “*vai matando os peixes, mas sempre se arranja o de comer. Aí vai levando*”. Mas apesar desta queda na produção ela afirma que o mar continua sendo uma importante fonte de alimento.

Conforme relatado anterior, nota-se que a mariscagem é uma atividade feminina transmitida de mãe para filha enquanto a pesca tem uma conotação eminentemente masculina, sendo ensinada de pai para filho. “*Não tem nada de separação, agora menina custa muito de pescar. Pescar no mar é mais para meninos.*” Porém D. Dora nega esta distinção de gênero, e afirma que o mar é um lugar apropriado para os homens.

O mar não é espaço de lazer para os adultos, mas sim de trabalho. Por isso não se aprende a nadar, mas se pratica o mergulho com arpão e outros instrumentos de coleta e pesca.

A fome é antes de uma sensação fisiológica, uma interpretação e ressignificação social de um estado de carência. Ter fome é não ter além do alimento, um emprego ou uma renda que satisfaça as necessidades básicas da unidade doméstica, é a perda gradual da dignidade e da auto-estima. Dora define a fome como algo ruim, uma situação em que só se pensa no pior. E atribui a superação deste estado na sua vida a ajuda divina “Deus ajudou que foi melhor, porque tudo foi melhorando”. A idéia do tudo resgata os valores e bens sociais ligados direta (ou indiretamente a fome, muito relacionados também ao afastamento da mesma da comunidade, como por exemplo: a chegada da água, da luz, o aumento do comercio, a conquista do emprego, a possibilidade de não só ter o peixe, mas também o dinheiro para comprar o tempero e a farinha.

Outra atividade muito executada pela mulheres de Santana no passado e hoje um pouco menos valorizada, é a renda de bilbo. Um trabalho artesanal onde a rendeira de posse de uma espécie de almofada gigante onde são fixados moldes com desenhos pontilhados, realiza um balé rítmico movimentando pequenos bastões (bilbos) para dar forma as mais diferente peças, as quais levam em média o tempo mínimo de cinco a sete dias para ficarem prontos. Esta produção requer muita técnica, concentração e dedicação, daí a explicação para que as meninas atualmente não queiram seguir este ofício *“a maior parte (das meninas) não quer nada, quer é curtir (risos). Mas tem muita gente ainda fazendo.”*

Questionada quanto a preferência entre mariscar e fazer renda, a própria Dora admite que a segunda atividade é muito mais cansativa pelo caráter estático *“Mariscar é melhor, porque é mais divertido a maré e a renda cansa, só num lugar sentada.”* Além disso a Maré conforme alguns relatos coletados e dá própria entrevistada traz uma sensação de bem-estar.



## Cronograma

### CRONOGRAMA DE EXECUÇÃO FÍSICA 2005/2006

ATIVIDADE	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out
Observação participante/ diário de campo	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X				
Levantamento das práticas e saberes alimentares					X	X	X	X	X	X	X	X	X	X				
Pesquisa Bibliográfica	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	
Entrevistas semi- estruturadas				X	X	X	X		X	X								
Qualificação do trabalho	A definir																	
Publicação de artigo	A definir																	
Elaboração da dissertação											X	X	X	X	X	X		
Defesa da dissertação																		X

- Os recursos para realização das diversas etapas da pesquisa são oriundos do Projeto Crianças Quilombolas UFBA/MS, no qual esta dissertação está alocada como um dos seus sub-projetos.

## Referências

- ASSIS, Ana. Marlúcia Oliveira; Condições de vida, saúde e nutrição na infância em Salvador, Edufba. 2000.
- BARTHES, Roland. Elementos de Semiologia, São Paulo, 10a. edição, Cultrix, 1997
- BOURDIER, P. *Outline of a Theory of Practice*. Cambridge: Cambridge University Press, 1977
- CANESQUI, AM; GARCIA, RWD. Antropologia e Nutrição: um diálogo possível, Rio de Janeiro, Fiocruz, 2005
- CASTRO, Josué. Geografia da Fome. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2000
- CASTRO, Josué. Homens e caranguejos. São Paulo, Brasiliense, 1967
- CERTEAU, Michel. A invenção do Cotidiano, Petrópolis, Ed. Vozes, 1990.
- DIEGUES, ACS. O Mito moderno da natureza intocada. São Paulo, NUPAUB, Universidade de São Paulo, 1994
- DUARTE, LFD. Da vida nervosa nas classes trabalhadoras. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, CNPq, 1986
- FREITAS, MCS. Agonia da Fome. Fiocruz, Edufba, Salvador, 2003.
- FREITAS, MC; PENA, PG. Segurança Alimentar e Nutricional: ensaio sobre a produção do conhecimento com ênfase aos aspectos da cultura, Doc. Didático ENUFBA. Salvador, 2005.
- GEERTZ, Cliford. A Interpretação das Culturas, Rio de Janeiro, Ed. Guanabara, 1989.

HAGUENOER Jean-Marie, *Toxicologie du Plomb Chez L'Homme*. Paris. Lavoisier Tec. e Doc, 1992.

HAGUETTE, TMF. *Metodologias Qualitativas na Sociologia*, Editora Vozes, Petrópolis, 1987.

JUNG, C. G. (org). *O homem e seus símbolos*. 5ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1964

LINHARES, MY. *História Geral do Brasil*, Editora Campus, Rio de Janeiro, 2000

MACEDO, RS. *A Etnopesquisa Crítica e Multirreferencial nas Ciências Humanas e na Educação*, EDUFBA, Salvador 2000

MACHADO, MH. *Macro-Micro : os novos desafios da sociologia e os efeitos no campo da saúde*. In.: MINAYO, MC et al; *Avaliação por triangulação de métodos de abordagem de programas sociais*. Rio de Janeiro, Ed. Fiocruz, 2005.

MACIEL, ME. *Cultura e alimentação, ou o que têm a ver os macaquinhos de Koshima com Brillat-Savarin?* Horizontes Antropológicos, nº16, 2002

MACIEL, ME. *Introdução. Comida*. Horizontes Antropológicos, nº4, 1996

MALDONADO, SC. *Pescadores do Mar*, Série Princípios. São Paulo, Ed. Ática, 1986.

MELO FILHO, DA. *Mangues, homens e caranguejos em Josué de castro: significados e ressonâncias*. História, Ciências, Saúde. Rio de Janeiro, 2003

MINAYO, MCS. *O desafio do Conhecimento – Pesquisa Qualitativa em Saúde*. São Paulo/ Rio de Janeiro, 6ª ed. HUCITEC-ABRASCO, 1999.

NASCIMENTO, A; NASCIMENTO, EL.; *Dança da decepção – uma leitura das relações raciais no Brasil*, texto didático, Sociologia UFBA. 2000.

OLIVEIRA, Francisco. O Elo Perdido - classe e identidade de classe. São Paulo, Brasiliense, 1987.

PEDRAZA, DF. Padrões Alimentares: da teoria à prática – o caso do Brasil. Mneme – Revista Virtual de Humanidades, nº. 9, v. 3, jan./mar. UFRN/RN, 2004.

RAMALHO, Simone. Segurança Alimentar em Porto de Sauípe, Dissertação de Mestrado em Nutrição; UFBA, Salvador, 2002.

Relatoria Nacional do Direito à Moradia Adequada e à Terra Urbana; A situação dos direitos humanos das comunidades negras e tradicionais de Alcântara. São Paulo, Ed. Missão de Relatoria Nacional do Direito à Moradia Adequada e à Terra Urbana, 2003.

RUSSEL, Bernard, *Research Methods In Antropology: Qualitative and Quantitative Approaches*, Sage Publications International Educational And Professional Publisher, London, 1995.

SKIDMORE, Thomas. *Black into White. Race and Nationality in Brazilian Thought*. New York, Oxford University Press, 1974

TAVARES, Luis Henrique. A historia da Bahia, São Paulo, UNESP, 2001.

TAVARES, T.M. Contaminação química no ambiente marinho. In: Baía de Todos os Santos. Diagnóstico sócio-ambiental e subsídios para a gestão. Salvador: Gérmén/UFBA- NIMA, p. 151-164, 1997.

UFBA/MS; Projeto Crianças Quilombolas: práticas alimentares, contaminação ambiental e dos alimentos em Ilha de Maré, Salvador, 2004.

VALENTE, FLS. Segurança Alimentar. Brasília. Ágora, 1999

VICTORA, Ceres. Pesquisa Qualitativa em Saúde. Porto Alegre, Ed. UFRS, 2000.

WOORTMANN, Klaas. [Coord.] Hábitos e Tabus Alimentares em Populações de Baixa Renda. Doc. Mimeo. Antropologia UNB/ DF. 1978.

WOORTMANN, Klaas. Família Trabalhadora: um jeito de sobreviver. Ciência Hoje, vol.3/13, UNB/DF, 1984.

# **Anexos**

## **Anexo 01**

**Parecer do Comitê de ética em  
Pesquisa da Maternidade Climério de  
Oliveira – CEP/COM/UFBA**

**Resolução N° 56/2005**



MINISTÉRIO DA SAÚDE - Conselho Nacional de Saúde - Comissão Nacional de Ética em Pesquisa - CONEP  
**FOLHA DE ROSTO PARA PESQUISA ENVOLVENDO SERES HUMANOS**  
 ( versão outubro/99 ) Para preencher o documento, use as indicações da página 2.

1. Projeto de Pesquisa: Crianças Quilombolas: práticas alimentares, contaminação ambiental e dos alimentos em Ilha de Maré				
2. Área do Conhecimento (Ver relação no verso) 4		3. Código: 4.05		4. Nível: ( Só áreas do conhecimento 4 ) D
5. Área(s) Temática(s) Especial (s) (Ver fluxograma no verso) Grupo III		6. Código(s): Não tem		7. Fase: (Só área temática 3) I ( ) II ( ) III ( ) IV ( )
8. Unitérios: ( 3 opções ) Segurança alimentar; Contaminação ambiental; Saúde				
<b>SUJEITOS DA PESQUISA</b>				
9. Número de sujeitos 400 crianças (comunidade Ilha de Maré) No Centro : Total:		10. Grupos Especiais : <18 anos ( x ) Portador de Deficiência Mental ( ) Embrão /Feto ( ) Relação de Dependência (Estudantes , Militares, Presidiários, etc ) ( ) Outros ( ) Não se aplica ( )		
<b>PESQUISADOR RESPONSÁVEL</b>				
11. Nome: Maria do Carmo Soares de Freitas				
12. Identidade: 729478 61	13. CPF.: 729262288-72	19. Endereço (Rua, n.º): Rubem Chaves 6	Apto.201	Ondina
14. Nacionalidade: Brasileira	15. Profissão: Professora Nível Superior	20. CEP: 40140500	21. Cidade: Salvador	22. U.F. Bahia
16. Maior Titulação: Doutora	17. Cargo Professora Adjunto III	23. Fone: (71) 3263-7732	24. Fax (71) 3263-7704	
18. Instituição a que pertence: Universidade Federal da Bahia			25. Email: plpna@uol.com.br; neuzami@ufba.br	
<p><b>Termo de Compromisso:</b> Declaro que conheço e cumprirei os requisitos da Res. CNS 196/96 e suas complementares. Comprometo-me a utilizar os materiais e dados coletados exclusivamente para os fins previstos no protocolo e a publicar os resultados sejam eles favoráveis ou não. Aceito as responsabilidades pela condução científica do projeto acima.</p> <p>Data: <u>27 / 04 / 2005</u> <span style="float: right;"><u>Maria do Carmo Soares de Freitas</u> Assinatura</span></p>				
<b>INSTITUIÇÃO ONDE SERÁ REALIZADO</b>				
26. Nome: UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA		29. Endereço (Rua, n.º): Av. Araújo Pinho, 32, Canela, Salvador		
27. Unidade/Orgão: Escola de Nutrição		30. CEP: 40.110-150	31. Cidade: Salvador	32. U.F. BA
28. Participação Estrangeira: Sim ( ) Não ( x )		33. Fone: 71 3263 7700	34. Fax.: 71 32637704	
35. Projeto Multicêntrico: Sim ( ) Não ( x ) Nacional ( ) Internacional ( ) ( Anexar a lista de todos os Centros Participantes no Brasil )				
<p><b>Termo de Compromisso ( do responsável pela instituição ):</b> Declaro que conheço e cumprirei os requisitos da Res. CNS 196/96 e suas complementares e como esta instituição tem condições para o desenvolvimento deste projeto, autorizo sua execução</p> <p>Nome: <u>Carmem Lélia Carvalho Smith</u> Cargo: <u>Directora</u>      Data: <u>27 / 04 / 2005</u> <span style="float: right;"><u>Carmem Lélia Carvalho Smith</u> Assinatura</span></p>				
<b>PATROCINADOR Não se aplica ( )</b>				
36. Nome: Fundo Nacional de Saúde/ Ministério da Saúde		39. Endereço Esplanada dos Ministérios (DF) e Rua do Tesouro 6, Salvador (Ba)		
37. Responsável: Dr. Humberto Costa - Dra. Débora Dourado Lopes (Rep. Bahia)		40. CEP: 70.000	41. Cidade: Brasília	42. U.F. DF
38. Cargo/Função: Ministro da Saúde- Resp. MS na Bahia		43. Fone: 712666352	44. Fax:	
<b>COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA - CEP</b>				
45. Data de Entrada: <u>03.05.05</u>	46. Registro no CEP: <u>56/2005</u>	47. Conclusão: Aprovado <input checked="" type="checkbox"/> Data: <u>29.06.05</u>	48. Não Aprovado <input type="checkbox"/> Data: <u>                    </u>	
49. Relatório(s) do Pesquisador responsável previsto(s) para: Data: <u>                    </u>				
Encaminhado a CONEP: 50. Os dados acima para registro <input checked="" type="checkbox"/> 51. O projeto para apreciação <input type="checkbox"/> 52. Data: <u>29.06.05</u>		53. Coordenador do Comitê de Ética em Pesquisa <u>                    </u> <u>                    </u> Universidade Federal da Bahia		Anexar o parecer consubstanciado
<b>COMISSÃO NACIONAL DE ÉTICA EM PESQUISA - CONEP</b>				
54. Nº Expediente :	56. Data Recebimento :	57. Registro na CONEP: <u>                    </u>		
55. Processo :				

*neety*





**COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA – CEP/MCO/UFBA**  
**MATERNIDADE CLIMÉRIO DE OLIVEIRA**  
**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA**  
**IORG 0003460, April 1, 2004 – IRB 00004123, April 8, 2007**

Rua Padre Feijó 240, Canela – Ambulatório Magalhães Neto 3.º andar, Curso de Pós-Graduação em Medicina e Saúde.  
Cep.: 40.160-170 - Salvador, BA.      Telefax.: (71) 203-2740      E-MAIL: [cep\\_mco@yahoo.com.br](mailto:cep_mco@yahoo.com.br)

**PARECER/RESOLUÇÃO N.º 56/2005.**

1. **Projeto de Pesquisa:** "Crianças Quilombolas: práticas alimentares, contaminação ambiental e contaminação dos alimentos em Ilha de Maré".
2. **Patrocínio/Financiamento:** solicitação de fomento ao Ministério da Saúde/Programa Alimentação Saudável da Coordenação Geral de Nutrição-CGPAN.
3. **Pesquisadora Responsável:** Professora, Doutora, **Maria do Carmo Soares Freitas**, Departamento de Ciência da Nutrição, EN/UFBA, "currículo vitae" anexo. Equipe Complementar: Professora, Doutora, **Neuza Maria Miranda de Santos**, Departamento de Ciências dos Alimentos, EM/UFBA e Professor, Doutor, **Paulo Gilvane Lopes Pena**, Departamento de Medicina Preventiva, FM/UFBA, "currícula vitae" apensos.
4. **Estabelecimento:** Escola de Nutrição, Universidade Federal da Bahia; comunidade referenciada de Ilha de Maré, Município de Salvador, Bahia; adjunção direta pelos investigadores dos investigandos.
5. **Área de Conhecimento:** 4.05, nível D, grupo III.
6. **Objetivos:** **geral** – avaliar a contaminação, por **Pb** e **Cd**, dos alimentos e, por via de consequência, do estado de nutrição e intoxicação – inclusive para outros metais pesados – de crianças entre 01 a 10 anos de idade, através do sangue, fezes e urinas; **específicos** – 12 (doze) especulações que abrangem desde as práticas alimentares vigentes na população até gestões governamentais no sentido da melhoria das mesmas.



COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA – CEP/MCO/UFBA  
MATERNIDADE CLIMÉRIO DE OLIVEIRA  
UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA

IORG 0003460, April 1, 2004 – IRB 00004123, April 8, 2007

Rua Padre Feijó 240, Canela - Ambulatório Magalhães Neto 3.º andar, Curso de Pós-Graduação em Medicina e Saúde.  
Cep: 40.160-170 - Salvador, BA. Telefax: (71) 203-2740 E-MAIL: CCP\_mco@yahoo.com.br

7. **Sumário:** serão utilizadas duas linhas investigacionais complementares: 1) a pesquisa qualitativa ou etnográfica, com entrevistas semi-estruturadas e os registros de campo (observação-participante) das unidades domésticas; 2) a pesquisa quantitativa para levantamento dos dados antropométricos e material biológico (sangue, fezes, urina), para avaliação de hemoglobinopatias (anemia ferropriva, anemia falciforme, níveis sanguíneos de chumbo e cádmio, etc). As famílias serão selecionadas nas regiões mais poluídas e, após abordagem e anuência mediante assinatura do "Termo de Consentimento Livre e Pré-Esclarecido", terão os filhos monitorados e encaminhados, quando necessário, para tratamento complementar. Serão aplicados **Questionários e Entrevistas**, além dos procedimentos laboratoriais prospectivos e de controle. Cronograma de execução pertinente.

8. **Comentários:** Protocolo acadêmico, bem estruturado, de objetiva aplicação, com certamente benefícios pessoais e coletivas a serem advindos. "Termo de Consentimento Livre e Pré-Esclarecido" simples, mas satisfatório. Orçamento a ser coberto por solicitação ao Ministério da Saúde/Programa Alimentação Saudável da Coordenação Geral de Nutrição – CEPAN. Protocolo ético, aprovável, recomendando-se que, quando alfabetizados, as crianças também deverão assinar o "TCLPE". **Projeto aprovável.**

Salvador 29 de junho de 2005

Decisão Plenária: APR 20/05

Coordenador: \_\_\_\_\_

Prof. Dr. Amílcar dos Santos Barrata  
Coordenador do Comitê de Ética  
em Pesquisas Humanas  
MCO - Universidade Federal da Bahia

**Observação importante:** toda a documentação anexa ao Protocolo proposto e rubricada pela Pesquisadora, arquivada neste CEP, e também a outra devolvida com a rubrica da Secretária deste à mesma, faz parte intrínseca deste Parecer/Resolução.

Recebido em:

22/07/2005

Ass. [Assinatura]

## **Anexo 02**

# **Inquérito Sócio-Econômico-Cultural e Alimentar (Projeto crianças Quilombolas)**

IDENTIFICAÇÃO: \_\_\_\_\_

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA  
PROJETO CRIANÇAS QUILOMBOLAS – 2006

**AVALIAÇÃO DO ESTADO DE SAÚDE E NUTRIÇÃO DE CRIANÇAS DE 6 MESES A 5 ANOS DE IDADE NAS COMUNIDADES DE PESCADORES EM ILHA DE MARÉ**

Entrevistador: \_\_\_\_\_  
Data: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

NOMENTRE I \_ II \_

**I PARTE . IDENTIFICAÇÃO FAMILIAR / CONDIÇÕES SOCIO-ECONÔMICAS**

Nome do entrevistado (a): \_\_\_\_\_

Endereço ( rua, nº): \_\_\_\_\_

Tempo de residência na região (anos, meses) Em Ilha de Maré: \_\_\_\_\_ TEMRESSA |\_|\_|\_|  
Na área: \_\_\_\_\_ TEMRESAR |\_|\_|\_|

99 = não obtido

2. Data de nascimento: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

2.1 Idade em anos: \_\_\_\_\_

IDANOS |\_|\_|

3. Sexo 1[ ] Masc 2[ ] Fem

SEXO |\_|

4. Qual a ocupação dos membros da família?

Marido: \_\_\_\_\_

IPM |\_|\_|

Esposa: \_\_\_\_\_

IPE |\_|\_|

Filhos 1: \_\_\_\_\_

IPF1 |\_|\_|

Filhos 2: \_\_\_\_\_

IPF2 |\_|\_|

Filhos 3: \_\_\_\_\_

IPF3 |\_|\_|

Filhos 4: \_\_\_\_\_

IPF4 |\_|\_|

Filhos 5: \_\_\_\_\_

IPF5 |\_|\_|

Filhos 6: \_\_\_\_\_

IPF6 |\_|\_|

1 [ ] Desempregada s/ fonte de renda

7 [ ] Assalariada serviço/ comércio

2 [ ] Desempregada c/ fonte de renda

8 [ ] Aposentada

3 [ ] Estudante

9 [ ] Dona de casa

4 [ ] Pescador/Masrisqueira/Rendeira

10 [ ] Autônomo

5 [ ] Assalariada empresa

11 [ ] Marinheiro

6 [ ] Assalariada indústria *POLO PETRO*

77 [ ] Não sabe

88 [ ] Não se aplica

5. Quantas pessoas moram na casa? \_\_\_\_\_ pessoas

Adultos \_\_\_\_\_ Crianças \_\_\_\_\_ (até 14 anos)

6. Quanto recebe cada uma delas por mês? (A pessoa **A** será sempre a que está sendo entrevistada)

Pessoa	Renda mensal em SM (incluir todo tipo de renda)
A R\$ _____	_
B R\$ _____	_
C R\$ _____	_
D R\$ _____	_
TOTAL R\$ _____	_



7. Renda mensal em salários mínimos percapta (total da questão 6 dividido pelo total da questão 5)  
RMSMPC |\_|\_|\_|\_| |\_|

8. Qual é o grau de escolaridade da Sra.? (verificar também o grau de escolaridade do marido)  
Marido: \_\_\_\_\_  
Esposa: \_\_\_\_\_

- 1 [ ] Analfabeto
- 2 [ ] Alfabetizado
- 3 [ ] Ensino fundamental completo
- 4 [ ] Ensino fundamental incompleto
- 5 [ ] Ensino Médio completo
- 6 [ ] Ensino Médio incompleto
- 7 [ ] Curso profissionalizante
- 8 [ ] Ensino Superior completo
- 9 [ ] Ensino Superior incompleto
- 77 [ ] Não sabe
- 88 [ ] Não se aplica

GEM |\_|\_|  
GEE |\_|\_|

9. Moradia 1. ( ) Própria 2.( ) Alugada 3. ( ) Parentes 4. ( ) Favor 5. ( ) Outros RES |\_|

10. Número de cômodos \_\_\_\_\_ NCO |\_|\_|

11. Possui água tratada? 1. ( ) Sim 2.( ) Não AG |\_|

12. Rede de esgotamento sanitário: 1. ( ) Sim 2.( ) Não TRESG |\_|

13. Tratamento da água: 1.( ) Filtrada 2.( ) Coada 3. ( ) Fervida 4. Não trata 5. Outros TRAGI|\_|

14. Presença de roedores? 1. ( ) Sim 2.( ) Não ROE |\_|

Presença de insetos? 1. ( ) Sim 2. ( ) Não INS |\_|

15. Condições do sanitário 1. Individual com descarga 2. Individual sem descarga 3. Coletivo com/sem descarga 4. Não tem SAN |\_|

16. Acondicionamento do lixo 1. Recipiente com tampa 2. Recipiente sem tampa 3. Saco plástico 4. Não acondiciona LIX |\_|

17. Esgoto a céu aberto na vizinhança 1. Sim 2. Não ESG |\_|

18. Energia elétrica 1. Sim 2. Não LUZ |\_|

19. Coleta de lixo 1. Coleta pública regular 2. Coleta pública esporádica 3. Queimado/enterrado 4. Colocado em terreno baldio/córrego/rio/mangue CLIX |\_|

**ESTILO DE VIDA DOS PAIS DAS CRIANÇAS:**

Pai: ALPA |\_|

20. Etilismo: 1. ( ) Sim 2.( ) Não Tabagismo: 1. ( ) Sim 2.( ) Não FUPA |\_|

Mãe: ALMA |\_|

21. Etilismo: 1. ( ) Sim 2.( ) Não Tabagismo: 1. ( ) Sim 2.( ) Não FUMM |\_|

**INDAGAR À MÃE OU SUBSTITUTA DA MÃE**

22. Está gestante? 1. Sim 2. Não GEST |\_|

Está amamentando? 1. Sim 2. Não AMAM |\_|

Número de gestações \_\_\_\_\_ NGEST |\_|\_|

Abortos 1. Sim 2. Não ABO |\_|

Quantos? \_\_\_\_\_ NABO |\_|\_|

Motivo 1. Espontâneo 2. Provocado 3. Espontâneo e provocado 10.Outro 88. NS MABO |\_|\_|

II PARTE - AVALIAÇÃO DE PRÁTICAS ALIMENTARES DA FAMÍLIA

23. Qual é o gasto semanal com a alimentação? ----- (em reais) QUAL | \_ | \_ | \_ |

24. Quem prepara as refeições da família? ( **Anote o que disser** )  
\_\_\_\_\_ PRAL | \_ |

25. Quais as refeições que a família faz diariamente?

1 [ ] Desjejum REDI | \_ | 3 [ ] Almoço REDI | \_ | 5 [ ] Jantar REDI | \_ |  
2 [ ] Merenda manhã REDI | \_ | 4 [ ] Merenda tarde REDI | \_ | 6 [ ] Ceia REDI | \_ |

26. Nos fins de semana a família costuma preparar alguma comida diferente?  
1 [ ] Sim 2 [ ] Não RAFI | \_ |

27. Quais as preparações de alimentos mais comuns nos fins de semana? ( **Anote o que disser** )  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

28. Qual (is) o( s ) local( is ) de compra dos alimentos consumidos pela família? ( **Anote o que disser** )  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

29. Quais os alimentos que produz ou coleta?  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

30. Quais as preparações à base de produtos do rio/mangue mais consumidas pela família? Relacione os principais ingredientes destas preparações.  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

31. Quais as preparações à base de produtos do rio/mangue mais consumidas pelas crianças? Relacione os principais ingredientes destas preparações.  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_



integral						
Leite materno						
Leite modificado						
Leite in natura						
logurte						
<b>Leguminosas</b>						
Feijão						
Caldo de feijão						
<b>Cereais e derivados</b>						
Arroz						
Macarrão						
Biscoito doc						
Biscoito salg						
Pão						
<b>Farinha e farináceos</b>						
A base de arroz						
A base de milho						
Farinha de mandioca						
<b>Verduras</b>						
Abóbora						
Batata inglesa						
Cenoura						
Chuchu						
Couve						
Maxixe						
Quiabo						
Tomate						
Cebola						
<b>Frutas</b>						
Alimento	Semanal 1 a 6 x semana	Diário (7x)	Quinzenal (2x mês)	Mensal (1 x mês)	Raramente	Nunca
Banana						
Banana da terra						
Laranja						
Maçã						
Mamão						



Manga						
Abacaxi						
Melancia						
Raízes						
Aipim						
Batata doce						
Inhame						
Óleos e gorduras						
Manteiga						
Margarina						
Óleo						

#### Frequência de consumo de Mariscos, Peixes e Crustáceos

Alimento	Semanal 1 a 6 x semana	Diário (7x)	Quinzenal (2x mês)	Mensal (1 x mês)	Raramente	Nunca
Mariscos						
<i>Sarnambi</i> Sarnambi						
Peguari						
Sururu						
Ostra						
Rala-coco						
Papa de marisco						
Crustáceos						
Siri						
Aratu						
Camarão						
Caranguejo						
Gaiamum						
PEIXES						
Alimento	Semanal 1 a 6 x semana	Diário (7x)	Quinzenal (2x mês)	Mensal (1 x mês)	Raramente	Nunca
Robalo						
Cavala						
Miroró						
Pescada branca						
Cabeçudo						

Tainha						
Carvina						
Carapicú						
Espada						
Linguado						
Sororoca						
Bagre						
Baiacú						
Sambulho						
Vermelho						
Tapa						
Carrapato						
Arraia						
Carapeba						
Corropote						
Sambuio						
<del>Robalo</del>						
Salpiro						
Xangó						

## **Anexo 03**

### **Termos de Consentimento**

Termo de Consentimento para Pesquisa *Crianças Quilombolas: Práticas alimentares, contaminação ambiental e dos alimentos em Ilha de Maré* - povoados de: Botelho, Bananeiras, Maracanã, Ponta Grossa, Porto de Cavalos, Martelo e Santana.

Apresentação da pesquisa: Trata-se de um estudo sobre a saúde e a alimentação da população da Ilha de Maré, uma comunidade Remanescente de Quilombo sob a responsabilidade das Professoras Maria do Carmo Soares de Freitas e Neuza Oliveira dos Santos, ambas da Escola de Nutrição da Universidade Federal da Bahia. De início, será feita a avaliação da situação nutricional das crianças de 0 a 5 anos com a medida de peso e altura, exame de sangue para verificar presença de anemia e exame de fezes para verificar parasitoses intestinais. Em seguida, serão realizados iguais procedimentos para o grupo de 5 a 10 anos; o diagnóstico da situação ambiental com a monitorização dos alimentos mais consumidos a base de pescado e que acumulam os metais pesados, chumbo e cádmio. Também será realizada a monitorização biológica desses metais pesados no mesmo grupo etário (1 a 10 anos). Este, considerado de maior risco de intoxicação por problemas de contaminação química ambiental resultante da proximidade de diversas indústrias petroquímicas e petrolíferas na região. Apesar da importância histórica, cultural e genética da Ilha de Maré para a população negra brasileira, até o momento, não existem informações adequadas sobre essa população. O conhecimento sobre as práticas alimentares e os cuidados com o corpo se constituem como interesse fundamental desta pesquisa. A contaminação ambiental proveniente das indústrias químicas da Baía de Aratu e da Refinaria de Petróleo Landulfo Alves que se localizam próximas à Ilha de Maré, prejudica a produção pesqueira, destrói a flora e a fauna marinha repercutindo nas dificuldades da sobrevivência familiar. Com esta pesquisa a população poderá conhecer as consequências dessa e de outras contaminações nos alimentos e com isso, buscar a redução desses poluentes. A pesquisa terá as seguintes atividades junto à comunidade: Entrevistas gravadas com idosos sobre a vida do lugar, as condições de sobrevivência, a produção de mariscos e pescados. Entrevistas gravadas com outros adultos sobre as condições de vida e trabalho na pesca e manguezal; Entrevistas com mães e/ou responsável pela criança sobre a alimentação destas; Inquérito alimentar, questionário sobre condições de vida, alimentação e saúde (habitação, saneamento básico, principais enfermidades) junto às famílias das crianças; Exame de sangue, urina e cabelo das crianças para verificar anemia e presença de metais pesados (cádmio e chumbo); Exame de fezes para verificar parasitoses intestinais; Tomada de altura e peso das crianças (1 a 10 anos) para verificar a situação nutricional.

Compromisso: Os resultados dos exames, antropométrico e laboratoriais, deverão ser divulgados à população assim como será indicado tratamento clínico caso necessário. Será assegurado o sigilo das informações e não serão divulgados os nomes verdadeiros das pessoas entrevistadas para preservar suas identidades.

Autorização da população: Autorizo participar da pesquisa sobre “*Crianças Quilombolas: Práticas alimentares, contaminação ambiental e dos alimentos em Ilha de Maré*”, (marcar no quadrado ao lado do item autorizado):

- histórias de vida de marisqueiras e pescadores
- entrevistas sobre o tema da alimentação e saúde
- questionário sobre condições de vida e saúde (habitação, saneamento básico, principais enfermidades).
- exame de sangue de crianças menores de cinco anos para verificar anemia e presença de metais pesados (cádmio e chumbo).
- exame do cabelo da criança
- exame de fezes para verificar parasitoses intestinais.
- altura e peso das crianças.

Autorização: .....

Responsável pela pesquisa: .....

Localidade: .....Data: .....

## **Anexo 04**

### **Roteiro de Entrevistas**

História de Vida.

Principais Informações:

- Nome
- Idade
- Ocupação
- Origem (Lugar onde vive, onde nasceu)
- A vida em Maré (como é?)
- Relato da Infância (Como foi?)
- Escola (Estão todos cursando?)
- Família (parentes, n°. de pessoas na casa, etc.).
- Rituais (casamento, batismo, religião)
- Relacionamento (paixão, amor)
- Maternidade<sup>8</sup> (parto, aleitamento, cuidado, sentimento com a criança)
- Doenças (as mais comuns, as que já aconteceram)
- Saúde (cuidados, crenças, definição, assistência)
- Morte (sentimento)
- Assistência Governamental (dependência de benefícios)
- A condição (sentimento) de ser Ilhéu e quilombola

Roteiro

#### **1 – Pesca / Mariscagem**

- como é estar no mar/ maré?
- O que o mar/ mangue te dá para comer?
- como é o barco?
- quais são os trabalhos femininos e os masculinos?
- quais os instrumentos de pesca / mariscagem?
- existe algum tipo de proteção ou ritual realizado por pescadores / marisqueiros?

#### **2 – Contaminação**

- O que é contaminação?
- O que ela causa as pessoas / plantas / pescados?
- Como o corpo sente a poluição?

#### **3 – Aquisição / Comércio / Produção de Alimentos**

- Quais são os principais peixes e mariscos?

---

<sup>8</sup> Para mulheres

- O que se come e o que se vende?
- O que é produzido na ilha e o que vem de fora?
- Onde se compra e onde se vende os alimentos?
- O que ainda se planta?
- Porque as pessoas deixaram de plantar?
- Além das pessoas/ mariscar/ comprar, existe trocas de alimentos?

#### **4 – Preparo do Alimento / tipo/ rituais/ sensações**

- Quais são as principais preparações consumidas no local ?
- Quem prepara a comida?
- Como se aprende a cozinhar?
- O que torna a comida “gostosa”?
- Como se sente quando come algo gostoso? E quando come algo que gosta?
- Quais são os alimentos das crianças / adultos / idosos? Quais as diferenças entre estes alimentos? Qual o alimento mais importante para cada um deles?
- Como é preparado o leite da criança?
- A mudança da maré influencia a comida que se come?
- Com quem geralmente se come? Onde?
- Quantas vezes por dia se come? O que se come?
- Usa-se farinha, sal, açúcar na comida? O que cada um deles representa?
- Em dias de festa muda a comida? E nos fins de semana?
- As pessoas que seguem alguma religião comem algo diferente? A comida é preparada de que forma?

#### **5 – Relação alimento / saúde / doença / Corpo**

- Quais são os alimentos que dão força?
- Quais são os alimentos que podem fazer mal?
- O que são alimentos remosos?
- Quando está amamentando o que a mulher pode e não pode comer? E quando está menstruada?
- Em que outras situações a comida deve mudar?
- Que alimentos ajudam a curar as doenças?
- Quais são as principais doenças existentes na ilha?
- Elas tem alguma relação com o que se come? Por quê?
- Quando a criança esta fraca o que ela deve comer?

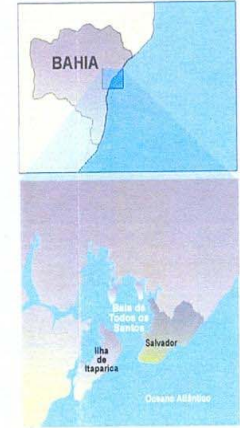
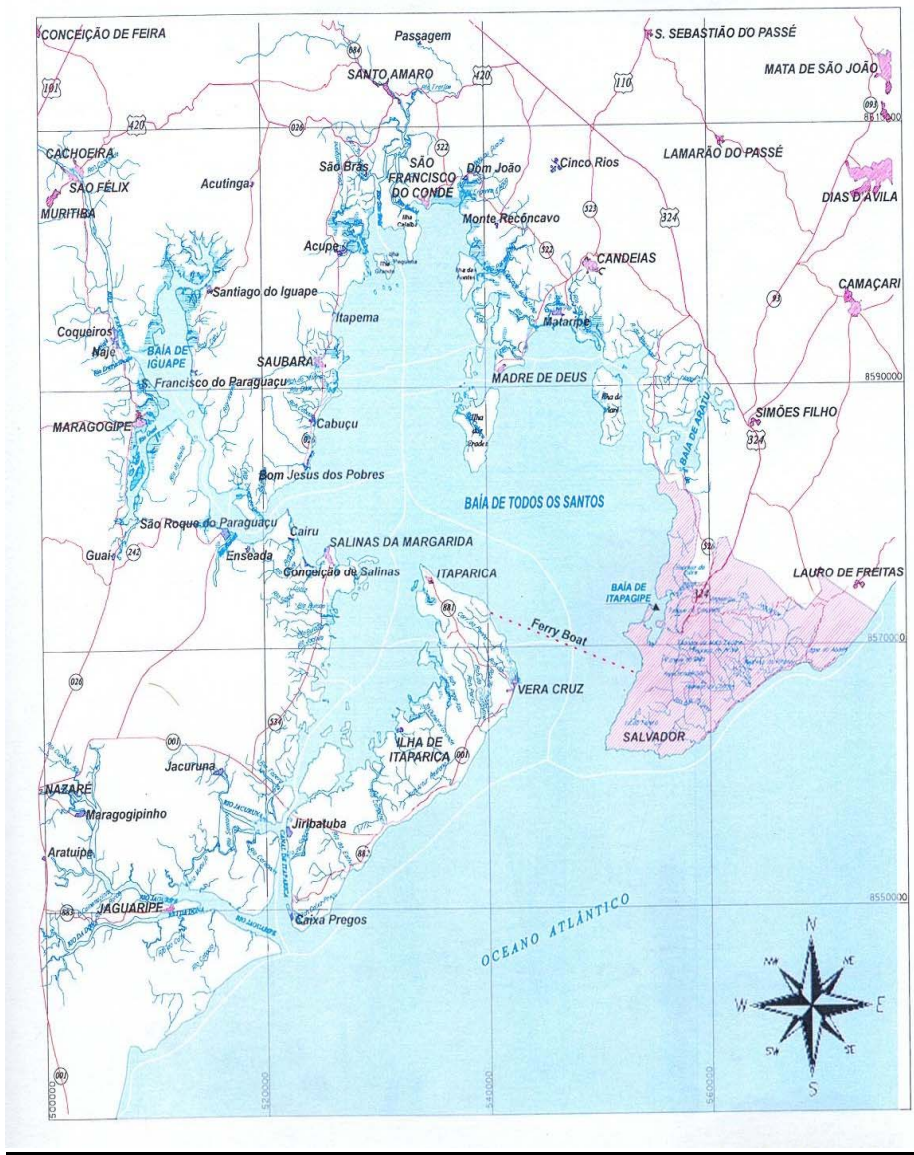
## Anexo 05



**Imagem de satélite sobre a localização de Ilha de Maré na Baía de Todos os Santos.**



# Anexo 06



**LEGENDA**

	Sedes Municipais
	Distritos
	Rodovia Federal
	Rodovia Estadual
	Rios
	Limite Municipal



Fontes: Instituto Brasileiro de Geografia IBGE, Carta Brasil, Escala 1:1.000.000; Salvador, Baía de Todos os Santos, Santo Antonio de Jesus, Valença, Juaçazeiro, Secretaria do Planejamento, Ciência e Tecnologia SEPLAN/TEC, Metropolitana de Salvador, Município de Salvador, Escala 1:100.000; Secretaria dos Transportes e Comunicações, Mapa do Sistema de Trânsito do Estado da Bahia, Escala 1:1.500.000

Localização, divisão política e sistema viário da Baía de Todos os Santos e seu entorno.  
**Fonte:** CONSÓRCIO BTS HYDROS CH2M HILL, 2004

## Anexo 07



Mapa da Ilha com algumas de suas comunidades



## Anexos 08

### Fotos Bananeiras







## Anexo 09

### Fotos Porto de Cavalos










## Anexo 10

### Fotos Santana





CRENÇAS E TABUS REFERENTES À ALIMENTAÇÃO INFANTIL 

- "REIMOSOS" (provocam inflamação):  
Ex: Camarão, carne de porco, peru, pinha.
- "PESADOS / FORTES":  
Ex: Feijão, manga, mamão, goiaba.
- "INDIGESTOS":  
Ex: Jaca, banana, iogurte, pepino.
- "COMIDA DE ANIMAIS":  
Ex: Folhas verdes, abóbora, batata doce.



## Anexo 11

### A coleta dos mariscos e pesca











## **Anexo 12**

### **Relatório Parcial Pesquisa Crianças Quilombolas**

#### **Estudos e pesquisas para promoção de hábitos de vida e de alimentação saudáveis para prevenção da obesidade e das doenças crônicas não transmissíveis em Ilha de Maré - Projeto Crianças Quilombolas”**

**Introdução:** O projeto trata de analisar a saúde coletiva, em particular a nutrição da população da Ilha. A importância está na monitorização biológica dos alimentos (condições ambientais de risco de contaminação) e a etnografia sobre hábitos alimentares, condições de saúde e trabalho na pesca e na mariscagem. Maré pertence ao município de Salvador, Bahia, situada na Baía de Todos os Santos, uma comunidade remanescente de Quilombo. A população total é de 6.717 habitantes sendo 675 as crianças com idade igual ou inferior a 05 anos e 673 de 5 a 9 anos de idade (IBGE, 2000). Em Maré não há saneamento básico, nem postos de saúde e são precárias as condições de educação. No ano de 2004 e 2005 ocorreram atividades de extensão sobre vigilância alimentar e nutricional junto a oito povoados. O projeto estuda a problemática das condições de nutrição e saúde das famílias (obesidade, diabetes e hipertensão) e o grau de contaminação química ambiental provocada por metais pesados: mercúrio, chumbo, cádmio e os agravos da saúde das crianças por estas substâncias. Nesse sentido, prevê uma monitorização dos alimentos para verificar as contaminações e permitir medidas preventivas para a saúde. A presença de metais pesados (Mercúrio, Chumbo e Cádmio) nos alimentos pode provocar intoxicações agudas e crônicas a depender da dose e grau de exposição. O chumbo pode causar retardo no crescimento, anemia crônica, disfunção neurológica e psico-motora.

**Justificativa:** A vigilância alimentar e nutricional nas populações de comunidades pesqueiras ainda não foram implementadas na Baía de Todos os Santos, esta que apresenta risco para a saúde e a nutrição da população devido a contaminação ambiental provocada por ações antrópicas.

**Objetivos:** Avaliar a presença de contaminação por metais pesados (Chumbo e Cádmio) nos alimentos e ao nível biológico (sangue e urina) das crianças menores de cinco anos em Ilha de Maré. Compreender os significados da contaminação ambiental, saúde, alimentação e nutrição das famílias de pescadores e marisqueiras. Descrever e analisar práticas alimentares das famílias de marisqueiras e pescadores.



**Resultados:** Foram registradas diversas situações de risco em saúde, nutrição e a presença de contaminantes químicos. Esta contaminação tem afetado a vida do manguezal e da pesca. Com os exames bioquímicos verificou-se uma prevalência elevada de anemia ferropriva (aproximadamente 70%), falcemia (15%) e níveis elevados no sangue de chumbo e mercúrio (50% das crianças). A criança é que mais sofre com este tipo de contaminação, pois ela absorve cerca de 40% do chumbo ingerido, enquanto que o adulto absorve 5 a 10%. O nível considerado de aceitação de chumbo no sangue para crianças, pelo CDC (Center Disease Control / USA) é de 10 µg/dL, e a maioria das crianças de Maré apresentou níveis sanguíneos acima deste valor limite (a exemplo, há crianças com 39 µg/dL). Observou-se nanismo nutricional acentuado, e infestação parasitária com três ou mais parasitas em 98% da população infantil. Na população adulta, em média, há uma freqüência elevada de obesos, hipertensos e diabéticos (10%). A monotonia alimentar representa baixa ingestão de frutas e vegetais, elevado consumo de carboidratos simples, refinados e gorduras. A comida é basicamente a mistura de óleo, farinha, mariscos e peixes.

**Conclusão:** Estes resultados preliminares já apontam para a necessidade de implementar ações conjuntas com os serviços de saúde pública. Nesse aspecto, já estão sendo realizados contatos com as autoridades de saúde e novos exames clínicos providenciados. Foi aberto um ambulatório para o atendimento à população no Hospital Universitário (ambulatório de saúde ocupacional). As conseqüências sociais são o desemprego e o alcoolismo, efeitos perversos da contaminação ambiental.

**Equipe:**

Coordenação: Prof<sup>a</sup> Maria do Carmo Soares de Freitas - ENUFBA

Pesquisadores: Prof<sup>a</sup> Neuza Miranda dos Santos - ENUFBA

Prof<sup>a</sup> Lilian Ramos Sampaio- ENUFBA

Mestrando Fábio Rodrigo dos Santos - ENUFBA

Prof<sup>a</sup> Paulo G. Pena – FAMED/UFBA

Alunos: Talita Guimarães

Mirella Almeida

## **Anexo 13**

### **Entrevistas**

#### **Entrevista com Sr. João em 19/10/2004**

Fábio: Seu João em primeiro lugar eu queria que o senhor dissesse seu nome completo?

João: João dos Reis

Fábio: Qual a idade do senhor?

João: Tô com 61.

Fábio: O senhor sempre morou aqui, nasceu aqui como é que foi?

João: Eu nasci aqui na ilha lá embaixo num lugar que chama Caieira, é ali, a viagem então pra cá um pouco eu nasci ali, me criei ali, me criei não, fiquei menino lá sabe? Eu faço assim uma análise que com idade de 12 anos eu perdi minha mãe e aí fiquei na casa de meus irmãos. Eles eram mais velhos do que eu, dos irmandades por parte de homem seu caçula fui eu.

Fábio: O senhor vem de uma família de quantos irmãos?

João: São 6 irmãos. É são 3 homens e 3 mulher, Meus 2 irmãos faleceu só tem eu por parte de homem e tem as 3 mulher ainda viva aí,

Fábio: E quando o senhor veio pra cá, por que veio pra cá, foi por causa da família do senhor, foi por algum outro motivo?

João: não é uma história muito longa né?! História um pouco comprida, pra eu contar essa história, mais devagar devagar a gente chega lá (risos). Depois que minha mãe faleceu eu fiquei com minhas irmãs, uma com nome Preta, uma com nome Rosa ela mora lá no Rio de Janeiro e a Preta que é mais velha mora na Mucumba ali na frente. E ficou uma da parte das mulheres que é a caçula com nome Maria. Daí por diante foi pra rua um negócio de um rapaz que começou a gostar dela, não tinha pai, não tinha mãe mais e Deus ajudou que eles se casaram e foram morar junto e foram viver lá no Maracanã. Eu continue sempre lá embaixo lá na Caieira. E minha irmã com nome Rosa foi lá pra Salvador, chegou lá arrumou um trabalho pra mim e veio me buscar: João, eu arrumei um trabalho pra você lá embaixo você quer ir? Eu vou! Eu vou até lá, eu vou trabalhar, não tenho quem me dê então vou lá. Aí chegou lá fui trabalhar com um rapaz, com 3 cidadãos um com nome Jacó, Ziza e outro morava aqui em Santana chamava Aleci. Agora pra que? Pra trabalhar em abatedouro com carneiro, bode, porco, esses negócios. Bom eu fui trabalhar com eles. Trabalhei com eles um bocado de tempo agora quando precisava ficar alojado eu passava o sol do dia e o sereno da madrugada foi justamente dentro de um chiqueiro de porco, eu sempre conto a meus filhos aqui o sofrimento que eu passei em minha vida. Armava uma rede em cima quando dava de noite entrava dentro da rede ia dormir, eu ali dormia amanhecia o dia. Chegava de

manhã então escovava a boca, lavava o rosto, ia tomar café. Trabalhava com eles me dava almoço meio dia, a janta da noite, me dava o café da manhã. Depois fui indo, fui indo não deu mais certo eu me saí deles. Apareceu uma criatura de lá de Itapuã procurando uma pessoa que quisesse ir pra lá pro terreno dela trabalhar. Eu fui, passei 90 dias lá em Itapuã com essa criatura. Fiquei lá trabalhando depois desses 90 dias eu vim me bora pra qui novamente pra onde ta minha irmã. Aí eu botei na cabeça eu vou me bora pra ilha lá é o lugar de onde eu vivi, lá se não tiver nada pra comer, tendo a farinha eu vou no mangue pego um siri, pego um caranguejo, pego um aratu e vou comer e aqui em Salvador não é assim é muito diferente. Além de tudo certos dias em Salvador depois que eu deixei de trabalhar com esse rapaz. O que é que fui fazer, chegava no horário de meio dia apanhava uma lata de leite ninho ia ali pra Roma, ali em Roma tinha o SAPS ali de Roma, bem ali onde hoje é o hospital da Irmã Dulce, aí a gente indo pra o hospital da Irmã Dulce, a gente indo de pé, a gente apanhava pela frente do lugar que era o SAPS. Chegava ali ficava, esperando aquela turma terminar de almoçar, saia todo mundo, chegava na porta mostrava a latinha, aí eu dava, eles iam botava aquela comida ali dentro ali, eu comia alegre, contente, satisfeito, não tinha outra coisa, né? Aí eu comia, comia, bebia uma água aí voltava pra cá, pra casa de minha irmã. Depois eu disse rapaz eu vou me bora. Vim embora pra cá. Quando eu cheguei aqui meus irmãos tinham desmanchado a casa, que era da gente, das irmandades, né? Tinha desmanchado. Pra onde é que eu vou meu Deus, agora? Fiquei num mato sem cachorro. Mas eu disse: tem nada não! Eu vou pro Maracanã, pra casa de minha irmã, minha irmã mais velha. Eu fui pra lá. Chegou lá eu fiquei lá na casa deles. Quem acabou de me criar foi meu cunhado, que é esposo de minha irmã. Tem bem umas 3 semanas que ele faleceu. Fiquei lá um bocado de tempo. Depois que eu tava lá um bocado de tempo, eu tinha uma tia que ela morava lá em cima, pelo outro lado dali, ali tem o quintal, ela tinha uma casa ali em cima, aí ela me chamou pra ir pra lá. O filho dela tavam trabalhando lá em Pojuca, um com nome Zé outro com nome Manoel. Zé trabalhava na guarda, aí ele disse: vá pra praçazinha aí você fica lá mais eu, aí eu vim, vou ficar aí na casa dela. Depois o marido dela faleceu, a gente ajuntemos os parentes fizemos o funeral, os filhos dela tavam lá em Pojuca, naquele tempo não tinha telefone pra gente se comunicar um com o outro, aí quando ele veio saber já tava com 3 dias do pai dele sepultado. Ele alugou uma casa pra ela lá em Pojuca, disse: João você vai com a gente. Rapaz, agora não dar pra eu ir, não dar pra eu ir que eu to fazendo um serviço de um bananal, aí fica chato largar o serviço desse bananal no meio, tenho que terminar o serviço dele, quando termina o serviço eu vou. Terminado o serviço aí que eu fiquei por aqui tal, aí comecei a gostar daquela criatura ali, a dona Maria você vai vê daqui a pouco instante ali, ta pescando aratu. Vai, vai, vai, vai eu morando aqui né, aí eu procurei negócio de casamento, me casei, me amarrei, já esqueci da viagem de Pojuca (risos). Aí veio o primeiro filho, o segundo, o terceiro, o quarto, eu sei que agora tenho 9 filhos, a menina ta casada mora lá no Bonocô, meu menino por parte de homem mais velho ta trabalhando, a casa dele é aquela ali...

Fábio: Essa vizinha?

João: ...é essa aí do menino mais velho, até agora não casou não, tem um negócio de umas gambiarra aí tal, chega aí passa fim de semana depois vai embora mas ...

Fábio: Ta enrolado?

João: È, até agora não quis saber de negócio de casamento. Isso eu passei a vida, trabalhei muito embarcado. Muito na vida marítima, quer dizer em barco a vela. Barco a vela, viajando ali pra Água de Meninos, quando existia Água de Meninos, depois se fechou Água de Meninos, descarregava de catraia, depois acaro que não tava nada certo, aí a zona de Água de Meninos dizendo eles que pegou fogo, passou pra São Joaquim, passou pra São Joaquim, um belo dia Dona Maria disse assim: João, venha cá, não é melhor você tirar seus documentos pra ir trabalhar numa firma, porque você trabalhando numa firma é muito melhor que você trabalhar em embarcação dos outros. Na firma você levando 1 mês, 2 meses, 3 meses ou 1 ano, quando você sair você tem seus direitos pra receber, seus filhos também ganham, tem o salário família, já ajuda muito a gente. Aí que um dia parei, pensei, não é que ela ta certa mesmo. Aí eu fui me alistei tirei meus documentos, não tinha documento nenhum.

Fábio: Quando o senhor trabalhava embarcado, o senhor trabalhava com a pesca ou era outro serviço que o senhor fazia no barco?

João: Lá a gente panhava era carga, era cana, era banana...

Fábio: Era transporte?

João: Era, era transporte marítimo.

Fábio: Pode falar quando o senhor foi pra firma.

João: Aí eu fui no exército me alistei, fui tirando meus documentos, um hoje, outro amanhã, outro amanhã...

Fábio: O senhor tava com quantos anos nesta época?

João: Eu tava aí com faixa de ... quando eu procurei fazer isso eu tava com 30 anos, com é 30 anos. Depois que eu procurei fazer isso, que eu procurei tirar documentos.

Fábio: Tinha mais um pouquinho, uns 30 e poucos.

João: É nessa faixa aí. Ia só dizer que eu pulei fora, procurei uma firma pra trabalhar. Procurei uma firma fui trabalhar, a firma levava, 1 mês, 2 meses, 3 meses, 4 meses, ta. Eu sei dizer que hoje graças a Deus chegou o ponto de eu me aposentar, graças ao Senhor do Bonfim, então eu me aposentei por invalidez, não tive condições de trabalhar, me encostei, fiz toda perícia e o médico aí me aposentou.

Fábio: E qual foi o problema que o senhor teve para ser encostado?

João: Eu já tive todo problema, é coluna, quando chega tempo de lua assim aí eu fico com a coluna meia fraca, tem vez que eu tomo banho até em cima da cama na bacia. Numa ocasião mesmo eu cheguei a chorar, disse pra mulher: tô aleijado! Aí disse porque? Porque sim! Pra eu tomar banho em cima da cama dentro de uma bacia, e na hora que eu acabei de tomar banho eu fui pra vestir a roupa então tive condições, não tive condições de vestir a roupa. Eu fui fazer isso não tive condições, quem vestiu a cueca foi ela, ela que vestiu a cueca, vestiu a cueca, eu deitei na cama, deitei na cama e aí fiquei lá jogado em cima da cama, depois foi aliviando, aliviando, aliviando, aí

parou. Que problema de coluna a pessoa não fica bom, a pessoa melhora, mas bom não fica. Sei que tive problema no pé, cravo, o pé cheio de cravo, fiz uma cirurgia mas foi mesmo que nada. Tudo aqui é calo. E eu só ando assim, só ando calçado, descalço eu não ando, descalço eu não ando de jeito e qualidade. Pra andar descalço tenho que andar patinando, mesmo que pato, andar patinando, patinando, patinando. O dia todo assim, só tiro a sandália na hora de dormir. É, só tiro a sandália na hora de dormir.

Fábio: E nessa empresa que o senhor trabalhou até se aposentar o senhor fazia o que?

João: Eu trabalhava de limpeza, limpeza geral. Passa máquina, estrovenga, quando precisava lixar, lixava, quando precisava botar a máquina, botava, máquina de cortar...

Fábio: Mais serviço de jardinagem?

João: É, o serviço era esse.

Fábio: E quando o senhor adoeceu, o senhor veio pra cá, ficou em Salvador fazendo tratamento, teve algum médico que acompanhou o senhor aqui?

João: Não, aqui não, eu ia pra Salvador.

Fábio: Tinha que ficar lá né?

João: Médico aqui pra atender a gente, sói se cair do céu, que tem um no céu mesmo, né?! É aquele de lá de cima. Pra atender a gente aqui é uma dificuldade, meu camarada, muito grande, a não ser que a pessoa tenha dinheiro, né? Pra ele chegar até aqui. Vai um pião que nem eu só tem as graças de Deus de dia a noite e 9 filhos (risos).

Fábio: Aqui na região não tem nenhum posto de saúde, nenhum ambulatório?

João: Não.

Fábio: Nenhum lugar aqui na ilha?

João: Nenhum, nenhum, nenhum.

Fábio: Sempre tem que ir lá pra...

João: Só tem mesmo um médico em Santana, acho que é de 8 em 8 ou de 15 em 15, aí na colônia, o pessoal lá. Que tem médico pra circular a ilha, tem não. Tem que ir pra Salvador, Candeias, quando o pião ainda agüenta chegar até lá, quando não guenta ele se apaga no meio do caminho. As coisas aqui pra gente é difícil, é difícil, é difícil, é difícil mesmo.

Fábio: Tirando essa questão da saúde como o senhor acha que é viver aqui? É bom, agradável, tem outros problemas que o senhor acha que poderiam ser resolvidos?

João: Aqui é um lugar muito bom, bom de se viver, aqui é, aqui nessa ilha de Maré é bom de se viver. Agora eu digo assim, aqui é um paraíso, é um paraíso escondido, um paraíso que ninguém olha pra ele, ninguém olha, só olha assim de tempo em tempo,



tempo de política, tempo de eleição, aí aparece um bocado prometendo mundos e fundos, que vai fazer posto médico, que vai fazer ponte, vai fazer isso, vai fazer aquilo, e quando termina a eleição todos eles desaparecem, esquece que a ilha existe. É, esquece que a ilha existe. Mas a ilha aqui é muito boa, muito boa aqui a ilha. Boa só que tem que nós precisamos de melhorar muito aqui dentro, muito, muito aqui dentro.

Fábio: O que é que vocês sentem mais falta aqui?

João: Porque é que aqui precisa de um posto médico. Nós não temos, nós não temos um posto médico aqui dentro. A gente precisa de um ginásio aqui dentro pra crianças, nós não temos, eu mesmo tenho 2 filhas que uma estuda lá em Passé, a outra estuda em Candeias, todo dia pra Candeias, estudar por falta de que? De um ginásio que nós não temos aqui dentro.

Fábio: Aqui só tem ensino fundamental, né?

João: É, ééééé, então se tivesse um ginásio aqui dentro era uma coisa muito boa, essa turma não andava aí nem pra Passé, nem ia pra Candeias. E é muita gente viu?! Tanto indo pra Passé, como indo pra Candeias. Pega o barco aqui, salta lá em Caboto e aí pega o ônibus, a prefeitura dá o ônibus pra vim pegar e pra vim trazer. Em segundo lugar tirando o ginásio e o posto médico que nós não temos aqui, eu sempre venho dizendo que é o seguinte: amanhã quando eu moresse, amanhã quando eu morresse, eu queria ver aqui dentro um posto policial, a gente precisa muito aqui dentro.

Fábio: Aqui tem muita violência?

João: Você chega fim de semana aqui, uns se dana a beber aí, os donos de bar bota uma radiola que vai lá em cima, lá no céu, atrapalhando a vizinhaça toda dormir. Aqui é um inferno.

Fábio: A violência é o pessoal daqui mesmo que pratica?

João: O pessoal daqui mesmo.

Fábio: Ou tem gente de fora que vem pra cá fazer assalto ou alguma coisa assim?

João: Muita das vezes aparece alguns que vem de lá de Salvador, de São Tomé, aquela região ali, pega a lancha e atravessa, vai a Praia Grande, Santana. Tem vezes aí que a gente não pode ir em Praia Grande por causa dos pião, que tá assaltando um, assaltando outro. Aí mesmo, ali tem um bar naquela rua dali, que o dono do bar, o nome dele é Luiz, agora ele é tratado por “Quebrão”, ele matou um rapaz ali dentro do bar, ali. Tava tendo uma festa que eles deram aí, não comunicou nada pra polícia, fez por conta própria, mataram o rapaz e o pião que fez o trabalho, desapareceu, escapuliu, pulou fora. Ficou por isso mesmo.

Fábio: Mas ele matou esse rapaz porque, foi rixa?

João: Ele já vinha já dizendo que ia matar o rapaz e come uma água fila da mãe, esse rapaz que fez o trabalho come uma água danada, e fica dizendo que ia matar o rapaz, que ia matar o rapaz, que ia matar o rapaz, quando foi nesse dia matou o rapaz mesmo,

meteu o faca no pescoço do rapaz foi uma só. O cara morreu. Eu sei que relato a polícia lá, a polícia nem aqui não veio e ficou por isso mesmo e o bar continuou, continua aí, todo sábado e domingo o coro come aí, é festa adoidado. Cervejada é negócio do diacho!

Fábio: E assalto, estupro, tem também por aqui?

João: Estupro até agora não, estupro até agora não.

Fábio: E assalto acho que também não é muito comum não, né?

João: Não, não, não. A não ser que chegue um de fora, aqui mesmo do local. Que muita das vezes tem algum que já teve aí do lado de Praia Grande, já sabe por onde atravessa e aí pega a lancha aí e aí fica lá pelo outro lado e fica lá por Praia Grande, mas de lá mesmo ele cai fora. Não chega vim até aqui não. De lá mesmo eles caem fora e vão embora.

Fábio: O senhor tava falando que começou a trabalhar muito cedo, perdeu sua mãe, mas apesar de tudo isso como é que foi a infância do senhor, como é que foi essa etapa da vida do senhor?

João: O problema é que eu também comecei a trabalhar muito cedo que naquele tempo a pessoa, o jovem tinha que trabalhar cedo mesmo, porque aquele tempo os pais viviam de roça, então os filhos quando chegava com certas idades que dava pra pegar num cabo de enxada ele já levava pra roça mesmo, pra ir trabalhar, que dizer, aqueles meninos naquele tempo já vinha crescendo já no gosto do serviço já. Então levava pra roça, levava água, levava merenda, chegava lá, nada que ele fizesse limpasse um pé de bananeira e depois ele podia até se assentar pra descansar, mas ele tinha que ir pra roça. Hoje acabou esse negócio, hoje os meninos hoje que é muita mordomia hoje. É, que muita mordomia, e aí ficou com medo de pegar em um cabo de enxada, cabo de estrovenga, diz que enche a mão de calo, comigo não tem essa não, a pessoa que enche a mão de calo porque é uma pessoa que trabalha, uma mão de trampo.

Fábio: Ou porque não tem costume ainda...

João: É, é claro que nem todo mundo enche a mão de calo, porque cada um tem sua profissão, uns trabalha no computador e não vai encher a mão de calo, né isso? Outro trabalha na caneta não vai encher a mão de calo, mas o peão que ta velho de roça ele tem que encher a mão de calo mesmo (risos). É, tem que encher a mão de calo meu camarada!

Fábio: E hoje em dia os meninos começam a trabalhar na roça, ainda tem muita roça aqui ou a maioria vão pro mar?

João: Rapaz, aqui dentro das ilha de Maré tem muita roça, tem muita roça, mas ta totalmente abandonada aí, abandonada, tudo cheio de mato aí. Porque você vê aí, você sai por dentro aí, tudo nesse rojão, tudo cheio de mato, tudo cheio de mato aí, a turma hoje ta vivendo é da pesca do camarão, ô a rede aí! A pescaria do camarão.

Fábio: É o que ta dando hoje em dia...

João: É o que ta dando hoje. Compra quatro ou cinco peça, rede de camarão e vai pescar. Sai quatro horas da manhã, três horas, chega lá larga a rede começa a pescar, depois vai embora pra casa, chega em casa toma um banho, bate um café vai descansar. No dia seguinte, no mesmo horário ou mais cedo ele retorna de novo, retorna de novo.

Fábio: E aqui além do camarão dá muito peixe, como é?

João: Rapaz aqui dá uns quatro peixe mais outro poço, não dá mais como já deu antigamente.

Fábio: Começou a diminuir quando isso?

João: Porque olhe, a pesca a aqui pra gente começou de fracassar depois que entrou essas fábricas aqui no porto de Aratu, essas fábricas aqui no porto de Aratu entrou pra qui então foi fracassando o negócio de peixe aqui dentro. E muitas das vezes aí essas fábricas dá descarga pra dentro d'água e é peixe que não é brincadeira. Eles alegam que não, eles alegam que eles não dão descarga, mas eles dão, eles dão descarga pra dentro d'água, porque como é que o peixe vai morrer, vai morrer vinte ou trinta quilos de peixe assim a toa? Sem ter uma descarga de um produto qualquer? Não pode, não tem como, não tem como, porque aí eles trabalham com todos produtos perigoso, é os produtos tudo químicos esses daí. Tanto faz Tequimar, como faz a Dow Química lá em cima, essas firmas aí são tudo serviço químico, tudo, e o Tequimar aí joga tudo quanto é produto aí, vem de fora pra armazenar aí, vem de Camaçari pra armazenar aí e dali o navio panhar pra levar lá pra fora.

Fábio: E eles dão alguma assistência, manda alguém aqui pra ver como é que vocês estão, se estão precisando de alguma coisa?

João: Tequimar, firma nenhuma aí manda nada, manda nada, nada, nada!

Fábio: Ajuda vocês em nada...

João: Em nada. A única firma que ta ajudando aí só é a Nordeste, que chegou aí, aí a turma meteu o pé em cima, é que ta ajudando aí. Mas Tequimar, lá em cima, a bichinha ta fazendo nada ainda, até agora não, nada não, nada, nada não. É porque agora não dá pra gente vê, eles ta por de trás desse pé de mangue não dá pra gente vê, eles ali o Tequimar, eles queima um gás, ele diz que é o Eteno, então tem uma chaminé muito grande, ali eles queima aquele gás que a fumaça chega a sair preta e joga toda aqui pro lado de Maré, é aquela poluição tremenda, tremenda mesmo. Quer dizer, então eles só faz prejudicar ilha de Maré e nada pra gente ele faz, nada, nada.

Fábio: Vocês já se reuniram com eles? O que é que eles alegam? Que não tem realmente culpa de nada, né?

João: É, a comunidade ta andando pro lado de lá aí, ta indo na Nordeste aí, já tiveram lá no Tequimar, mas infelizmente lá no Tequimar, eu não sei dá o depoimento né, adequado o que foi que eles combinaram por lá, sei bem a bichinha aqui, a Nordeste, a Nordeste meteram o pé em cima que ela deve ta ajudando aí. Que tem até um bocado de pião daqui mesmo trabalhando por lá, na Nordeste, tem um filho meu também que

trabalha lá na Nordeste, meu filho mais velho tá lá na área da Tequimar, mas não é propriamente pela Tequimar, é por uma empreiteira...

Fábio: Terceirizado...

João: É, a empreiteira faz o serviço aí bota os operários pra trabalhar. Mas sendo que é o Tequimar mesmo que é a dona do serviço, agora eles contratam uma outra firma pra fazer aquele serviço.

Fábio: O senhor tava falando com relação aos políticos, que eles só aparecem aqui em época de eleição... E daqui de vocês, teve algum candidato, alguém tava concorrendo nessas eleições ou já concorreu?

João: Não, não. Aí essa associação, aí essa turma aí, a associação eles não tão trabalhando com político, não tão trabalhando com político não. Por sinal, um rapaz lá de Salvador, ele é até casado com uma parenta de Maria, então ele tiveram aqui pra dar voto pra ele, uma turma aí dentro de casa aí, vieram pra ver se achava aí, achava voto pra ele. Aí ele conversou comigo e eu disse: Ô rapaz, a associação nossa aqui a gente não trabalha com político, político é fora, a gente não trabalha com político, eu não vou lhe enganar você, a gente não trabalha com político, negócio de político fica de uma banda, nosso trabalho aqui é fora política, política no meio da gente não. Não tem política no meio.

Fábio: O senhor estava falando também em relação a escola que aqui só tem a escola primeiro grau e que o pessoal tem que sair pra estudar fora. E na época do senhor, já tinha essa escola, o senhor chegou a cursar a escola, durante quanto tempo?

João: Olha , eu sou uma pessoa, pra te falar a verdade, eu nunca fui no colégio, eu tô nessa idade, 61 anos, não aprendi nem a assinar meu nome. Meu filho aí pra mim é um professor, que nada eles saiba, cada um sabe assinar o nome dele, né?! E tem essa duas, uma estuda em Passé e a outra estuda em Candeias. Bom, mais tem professoras aqui que ensinou muito.

Fábio: Naquela época não tinha escola, no caso tinha as professoras que...

João: Ééééé, tinha professora...

Fábio: Que dava aula por conta própria?!

João: Tinha professora formada, tinha professora formada. Lá na Praia Grande tinha uma que muita gente estudou com ela e talvez muita gente fala muito bem dela, que ela é uma boa professora, mas não tinha e nem tem um ginásio aqui dentro, um ginásio aqui dentro não tem. Então tem que sair tudo pra estudar fora, é, que não tem. Se tivesse um ginásio aqui dentro seria uma boa.

Fábio: Facilitaria muito a vida de vocês!

João: É, facilitava muito, muito, muito, muito! Agora a associação ta fazendo o que, a associação ta fazendo ali uma creche, fazendo ali uma creche ali que pras crianças, depois de pronta, as crianças fica ali, que toda maré grande as mães sai pra mariscar e

não tem aonde deixar as crianças. Então eles tão trabalhando esse ponto em cima dessa creche ali. Que é pra ter onde as crianças ficar, quer dizer que as mães já podem sair despreocupadas pra mariscar, às vezes ir em Candeias, ir em Salvador resolver um problema, aqueles menino já tá ali na creche ali e ali já vai aprendendo alguma coisa, e já vai tomar aquele gosto ali e tá, né?! É, vai tomando aquele gostosinho ali. Eu mesmo tenho ali, tenho dois neto ali, tem dois neto ali, um já tá bom de ir pra creche, a outra não, a outra tá pequenininha, tá com um ano e pouco, mas quando ela chegar no tempo de ir pra creche, se não tivesse fazendo essa daí, não ia existir creche pra eles irem, mas a Deus querer, vai chegar o ponto que nós vamo ter uma aí...

Fábio: ...uma creche.

João:...uma creche, é exato!

Fábio: Na casa do senhor moram quantas pessoas atualmente?

João: Rapaz, na minha casa, minha casa aí mora uma tonelada (risos)!

Fábio: E quanto é essa tonelada?

João: (risos)

Fábio: É que nem coração de mãe!

João: É uma tonelada de dez!

Fábio: Dez pessoas, né?!

João: É. No caso a minina tá lá, se a minina tivesse aí era onze (risos).

Fábio: Então quer dizer que oito filhos do senhor moram aí mais o senhor e sua esposa.

João: É, exato!

Fábio: E os dois netos não moram aí não...

João: Os dois neto eles mora aí.

Fábio: Ah, nessa casa ao lado. Certo!

João: (risos)

Fábio: E a casa do senhor tem quantos cômodos? Quantos quartos...

João: Três quartos...

Fábio: Três quartos. Dá pra alojar todo mundo direitinho.

João: Todo mundo direitinho.

Fábio: Graças a Deus, né?! Tem sanitário?

João: Sanitário por enquanto nós não tem aí. Porque a poucos tempos aí que eu reformei ela. Ainda nem reboquei ela, por falta de condições que não tive de rebocar, de botar o piso, né?! Mas chamando por Deus didia e a noite...

Fábio: Vai levando devagarinho.

João: Vou levando devagar, né?!

Fábio: Aí como é, tem uma áreazinha ali no fundo?!

João: É, tem uma áreazinha pequena ali no fundo ali.

Fábio: E lá tem uma fossa, tem uma casinha pra vocês fazerem as necessidades? Como é?

João: Por enquanto só tem fossa a casa do meu filho aí. A casa de meu filho é aquela dali, ali tem fossa ali. Mas a gente aqui por enquanto, nós não tem. Eu vou comprar o bloco a Deus querer que é pra fazer uma fossa. Que necessita muito de cada qual ter sua fossa, né?! E então vou fazer uma fossa aí no fundo aí que é pra nós tê uma fossazinha aí.

Fábio: E na hora que aperta, na hora que dá vontade de tirar a água do joelho, de fazer outras coisas, como é que faz?

João: Tirar água do joelho, tirar água do joelho, a gente entra no banheiro e tem que tirar a água do joelho, agora outro tipo de necessidade é na base do bacio. Quer dizer, a fêmea, o macho ganha o mato aí e... (risos)

Fábio: Atrás da moita?!

João: É, é, exato, exato (risos). Tudo se resolve numa boa, tranqüilo, tranqüilo.

Fábio: Tranqüilo e calmo!

João: É, é. Tranqüilo e calmo. Com certeza! (risos)

Fábio: E pra tomar um banhozinho, tem um chuveiro?

João: Pra tomar um banho tem um negócio de um chuveirozinho...

Fábio: ...tem um chuveirozinho...

João: tem um chuveirozinho no banheiro.

Fábio: E tem água encanada aí direitinho?

João: Tem, tem, tem água encanada.

Fábio: Essa água do chuveiro, da pia, vai pra onde?

João: Ela até agora, por enquanto aí de minha casa ela ta saindo nesse rego aí.

Fábio: Vem aí pra esse córrego aí na frente.

João: Aí dessa aí é. Daí ganha a praia.

Fábio: No mangue, né?

João: É, ganha a praia.

Fábio: Certo. E o senhor tava me falando também que com trinta e poucos anos, se juntou casou, começou a ter filho. Como foi o casamento do senhor, como é o casamento aqui na região, o pessoal se casa por aqui mesmo ou vai namorar fora daqui depois volta, ou vem o povo de fora pra namorar aqui, como é?

João: Muita das vez vem pessoas de fora praqui pra dentro, aqui mesmo na ilha mesmo já apareceu muita gente de fora, que vem aí de fora, chega aqui dentro, né, começa faz casa, aqui dentro se casa e aí constrói família, as vezes filho e daqui não sai.

Fábio: Acaba ficando?!

João: Acaba ficando, é!

Fábio: A água daqui é boa...

João: ... a água é boa, a água é boa! Bebeu da água de Maré ficou! Pra voltar meu camarada, dá trabalho!É, dá trabalho, dá trabalho. Antigamente a água era boa por causa, sabe por que? Que a água era filtrada, filtrada modo de dizer, de fonte. Aquela fonte ela minava aquela água. E foi água. Lá na frente mesmo tem uma, lá na Almendua tem uma, Maracanã tem outra. Quer dizer, naquele tempo a gente não tinha água encanada. Depois veio, primeiro veio a luz, segundo chegou a Embasa, aí todo mundo, aí já viu, é água encanada, o que aliviou muito a fonte.

Fábio: Então quer dizer que vem muita gente de fora pra cá?!

João: É, muita gente.

Fábio: Então quer dizer que só pessoal mais antigo que é daqui, hoje em dia tem muito morador que não é daqui da ilha, é de Salvador, de Candeias...

João: Exato!

Fábio: ...de lugares próximos, né?

João: No caso como vc citou, meu casamento foi um casamento muito bom, ele..., não cheguei a me casar, propriamente, de papel, até hoje a gente tamo junto, mas, graças ao Senhor do Bonfim da maneira que eu mais ela a gente teve, muito bem graças a Deus, a gente vive melhor até do que se fosse casado mesmo, né?

Fábio: Que se tivesse lá no papel.

João: É, exato, é, é.

Fábio: E teve alguma celebração como é que foi, tem alguma cerimônia que vocês fazem aqui na ilha quando o pessoal casa?

João: Não, não. Porque na vez quando tem um casamento aqui é lá em Santana, lugar que chama Santana, o escrivão é lá. Então vai pra lá pra Santana, casa lá. Depois de lá vem cada um pra sua casa, as vez come uma aguazinha, quem é de come água, que não é toma um refrigerante e depois cada qual vai pra suas casas (risos).

Fábio: O negócio é chegar e morar junto, depois ajeita.

João: Exato. Porque o negócio de casamento é o seguinte, o casamento o cara casa até depois de velho, o importante é a boa vivência, hoje eu e a velha ta aí, a gente mora junto, nós não se casemos, mas quem é que sabe, amanhã depois de dois velhos de chegar e se casar, né? (risos)

Fábio: O importante é que ta todo mundo bem.

João: É. O importante ce já viu, é beleza pura!

Fábio: Aqui em Bananeiras tem igreja?

João: Tem, tem três, três igrejas. São duas de crente e uma católica. Lá na frente de bananeiras e as duas igrejas também é na frente mais pra lá um pouco. As duas, uma tá de frente pra cá e a outra tá de frente a essa ponta de lá, do outro lado.

Fábio: E o pessoal aqui, a maioria é crente, é católico, tem outras religiões aqui?

João: Aí tem um bocado de crente aí, tem muito crente, tem muito crente aí. Aí nessa casa ali, nessa pintada de azul ali, a dona daquela ali é crente também. Eu até agora não me liguei a esse negócio de crente não.

Fábio: E convive todo mundo bem, ou o pessoal que é crente não...

João: Convive todo mundo bem.

Fábio: Não se dá com o pessoal que não é, como é?

João: Convive todo mundo bem, todo mundo coligado, todo mundo coligado um com o outro. Todo mundo coligado, não negócio de status, de gosto ruim não.

Fábio: E aqui na Ilha tem muito terreiro?

João: Terreiro? Terreiro sobre o que, negócio de candomblé?

Fábio: De candomblé!

João: Rapaz, onde tem um negócio de um candomblézinho é pro lado de Praia Grande.



Fábio: Praia Grande?

João: Praia Grande que tem um negócio de um Candomblé.

Fábio: Aqui nessa região não tem não?!

João: Só lá na Praia, só lá no lado de lá. Aqui nessa região nossa, pra esse lado aqui não tem não.

Fábio: E não tem ninguém por aqui que seja adepto do Candomblé, que pratique?

João: Não, não!

Fábio: O pessoal aqui costuma batizar os filhos?

João: Batiza. Batiza no mês de dezembro. No mês de dezembro tem missa aqui, o padre vem, oxem, é muito batizado.

Fábio: Batiza todo mundo de uma vez?

João: É.

Fábio: Uma leva só?!

João: É. É muito batizado aqui, muito, muito mesmo. Batizado, mês de dezembro, Ave Maria, todo mundo faz aquele cartãozinho, tal, quando é no dia da missa a turma chega, a turma do lado de lá, Maracanã, Almendua, Botelho, Praia Grande, Santana, tão tudo aí pra batizado.

Fábio: Todo mundo aí vai batizar os meninos?

João: É, eu mesmo tô com a neta aí, agora ele não ta aí não, que vai batizar agora em dezembro, se Deus quiser e na virgem Maria. É.

Fábio: E os outros filhos do senhor, são batizados?

João: São. Todo mundo, todo mundo, todo mundo!

Fábio: Todo mundo em dezembro?

João: Todo mundo em dezembro!

Fábio: Pronto!

João: É! Todo mundo batizado, batizado aqui mesmo. Não teve nenhum que batizasse assim em Salvador, em Candeias. Não, todo mundo aqui, é chegar mês de dezembro, é ter a missa, aí batiza todo mundo. Todo mundo batizado. (risos)

Fábio: O pessoal costuma fazer muito aniversário aqui?

João: Faz, de vez em quando eles fazem aí, uns aniversárioszinhos aí, come umas quatro águazinhas depois vão descansar.

Fábio: E dos meninos, é mais comum fazer dos adultos ou dos meninos?

João: Faz de adulto, faz das crianças também. É, aquele foice de criançada avimaria. Eu mesmo, quando eu fosse lá tivesse um aniversário de um outro assim, daqueles colega dele, ihh....

Fábio: Faz bolo, faz tudo?

João: Eiiiiitá, a casa enche, é muito menino, é um monte de menino mesmo, é menino pra bater de pau, é, você precisa ver uma hora que se ajuntá, se ajuntá esses meninos que tem aqui, oi, dessas redondezas naquele campo ali oi, ah, pra contá vai dá trabalho, de menino que tem aí, é, vai dar trabalho, que é muito menino mesmo, é muito menino.

Fábio: Quer dizer que hoje em dia a população aqui de Bananeiras é mais de jovens?

João: É mais de jovens, é, é mais de jovens. Idoso aqui tem bem pouco, tem mais jovem aqui dentro agora, é, tem mais jovem.

Fábio: O pessoal costuma fazer outras festas aqui? Carnaval, São João, dá um caruru de vez em quando, tem essas festas aqui?

João: Bom, o caruru antigamente dava muito né, dava muito caruru antigamente, mas hoje o negócio de caruru caiu, não tão dando mais.

Fábio: Porque assim?

João: Os crentes não se envolve com caruru e aí largaram. Largaram mesmo, não dão mais caruru não. A não ser que seja pelo lado lá, né, Praia Grande, descambe pelo lado de lá, mas essa região nossa aqui, eu não vejo falar de um caruru.

Fábio: Já que a gente tocou no assunto de caruru, como é a alimentação de vocês aqui, o que é que vocês comem geralmente?

João: A gente aqui a gente come é: marisco, é marisco, é peixe, pra gente come uma carne verde tem que ir atrás de boi em Candeias ou em Salvador, a carne de sertão a gente acha aqui, a gente compra aí nas vendas aí, mas carne de boi mesmo tem que ir comprar ou em Salvador ou em Candeias. Carne de sertão, frango a gente compra por aqui mesmo, né, compra aqui mesmo. O marisco, pra mim, é comida muito boa, é, muito boa.

Fábio: Então vocês aqui não costumam criar animal não né, o boi pra abater, a galinha, nada disso, geralmente compram por lá né?!

João: É!

Fábio: E as roças ainda dão pra vocês tirarem alguma coisa, frutas, verduras?

João: Dão não, dá mais nada, hum, hum. Parou de zelar.

Fábio: Aí tem que comprar tudo?!

João: Aí tem que comprar tudo. Verdura a gente tem que comprar fora, verdura a gente tem que comprar fora, como antigamente aqui dentro tinha de tudo. Aqui dentro tinha quem plantasse tomate, já deu muito tomate aí pela aí, tomate, melancia, abóbora, tudo isso deu, deu não, dá aqui dentro, agora não tem quem plante mais, não tem quem plante mais.

Fábio: Hoje em dia o pessoal planta mais o quê?

João: Rapaz, eu vou te dizer, praticamente nada. É, praticamente nada. Porque aqui dentro antigamente plantava tudo, era mandioca, era feijão, era milho, era cana, tudo isso plantava aqui dentro, era tomate, tudo isso plantava, era caixas e mais caixas de tomate, a gente plantava e mandava pra Salvador, e hoje quem quiser comprar tomate tem que comprar em Salvador ou aí nessas vendas aí. Vinte centavos, vinte e cinco um tomatzinho, tomate é caro, tomate é caro mesmo. Tá. tudo mais caro ainda.

Fábio: E consegue encontrar de tudo nessas vendas, mesmo com o preço elevado?

João: Rapaz, umas coisas acha, outras não, às vezes falta, o cara tem que viajar pra ir comprar, trazer.

Fábio: Como o nome da comunidade de vocês aqui diz, aqui tem muito pé de banana, né, bananeiras. Essas bananeiras não dão uma renda pro pessoal ou pessoal só planta pra consumo próprio, ou vende?

João: Até um tempo todo mundo tinha bananeira, muita bananeira, muita mesmo. Já deu muita banana, muita bana já deu aqui. Saia barcos e mais barcos carregados de banana. Mas hoje não ta tendo mais isso. Não ta tendo mais isso porque aquele pessoal mais velho, né, foram morrendo, os mais novo veio chegando e aí vai passando de um pra outro, de um pra outro e hoje caiu, podemos dizer assim, caiu pro lado da juventude e a juventude não quer isso. Não querem fazer roça, pegar em cabo de enxada, pegar em cabo de estrovenga... e aí pronto. Prefere até comprar. Venha João, venha João, venha! Essas moitazinhas de banana assim. Bota um cacho, bota dois, bota três... Só mesmo pra comer.

Fábio: Só mesmo pra garotada se esbaldar...

João: É, pra garotada. É pra garotada. Se for dizer “vou botar pra vender”, não dá!

Fábio: Não tem como?!

João: Não tem como. Não tem não! Não tem como.

Fábio: E o senhor? O que é que o senhor come no dia a dia, quantas vezes come...?

João: Rapaz, eu como três vezes no dia. Meio dia que é o almoço, graças a Deus. De noite nós temos a janta. De manhã a gente toma o café, de acordo com a nossa

possibilidade, né? No dia que dá pra gente comer pra encher a barriga a gente come, no dia que não dá, a gente come tb, aí nós vamos passando a vida.

Fábio: Dá uma tapiada?!

João: É, faz uma tapeação. É faz uma tapeação.

Fábio: Mas no geral o que o senhor costuma comer mais?

João: Comer mais?

Fábio: É, o que é que o senhor come mais frequentemente no café, no almoço, na janta...?

João: É o feijão, é o marisco, o negócio do marisco, o negócio do peixe, dia de domingo bota um negócio de um feijão com uma carnezinha no fogo pra mininada comer, laber os dedos (risos). Hoje mesmo com fé em Deus e da Virgem Maria vou entrar na moqueca de peixe! É!

Fábio: Pronto! Peixe aqui é barato?

João: Rapaz, eles estão vendendo aí de três conto o quilo. Eu mesmo num compro não, porque eu tenho o negócio de uma redezinha aí....

Fábio: ... aí uma vez por outra vai buscar!

João: É! Ontem mesmo eu sai ia dar oito da noite, quando cheguei era 3:30 da manhã, pescando, era 3:30 da manhã. E trouxe uma moquecazinha pra dentro de casa. A turma já tratou, já retalhei, já ta lá no fogo, ta lá subindo e descendo... o peixe chega do mar, peixe fresco.. Ta lá no fogo, o peixe ta fervendo (risos). E aí o peixe ta comprado vitamina, ta comprado vitamina.

Fábio: O senhor tem barco seu João?

João: Eu tenho uma canoinha. Uma canoinha de oito metros, canoinha de oito metros.

Fábio: E café da manhã, geralmente vocês comem fruta, come pão, como é?

João: A gente pega o negócio de um pão. Tem dia que a gente toma café com que: café com aipim, tem 3, 4 pé de aipim ali no fundo e aí a gente toma café com aimpim, café com banana madura, quando também tem a bananinha madura. Aí bota no fogo cozinha e aí a gente toma café com banana. O negócio de comprar aquela batata... batata a gente aqui não acha, dificilmente acha aqui, a não ser que compre lá na feira de São Joaquim, lá em São Joaquim é que a gente procurando a gente acha. Mas aqui pra gente ta difícil. Pra gente achar aqui pra comprar ta difícil.

Fábio: E de noite, toma um cafezinho ou janta mesmo?

João: A gente janta mesmo.

Fábio: E aí, janta o quê? A mesma coisa do almoço...

João: A mesma coisa, a mesma coisa. Se tiver uma sobra do feijão eu vou no feijão (risos). Pegar o massapé, é, vai no massapé, massapé brabo.

Fábio: O pessoal produz farinha aqui?

João: Tem o quê?

Fábio: Produz farinha, tem casa de farinha aqui?

João: Rapaz, aqui tinha uma casa de farinha mas não foi agora não, tem muito tempo né?! Porque as pessoas muito mais velhas do que eu, aí na frente tinha uma casa de farinha, mas foi indo, foi indo, acabou, o dono também faleceu, agora só tem casa de farinha lá fora, lá no Martelo, no lugar que chama Martelo, lá tem casa de farinha.. E na Praia Grande, aqui no cachoeirando tem casa de farinha também, ali também tem, eles fazem farinha ali.

Fábio: Aqui acabou porque, o pessoal não tava mais plantando mandioca...?

João: É, vai enfraquecendo a plantação da mandioca, cabou o negócio de casa de farinha. Farinha mesmo eu compro mais em Salvador.

Fábio: E geralmente no meio do intervalo entre o café, almoço, janta não faz um lanchezinho não? Não belisca alguma coisa não?

João: Rapaz, eu mesmo não, porque antigamente eu comi muito viu, comi muito, mas hoje não to comendo muito não. Eu sento assim pra almoçar assim, geralmente muita das vezes largo o prato em cima da mesa e a turma cai matando, vão lá e come. As vezes quando to sentado pra almoçar eles ficam de lá, um espia outro espia, um espia outro espia, um passa pra lá outro passa pra cá, pra vê se já vou levantar, pra podê então... aí quando eu levanto aí eles “vap”! E aí... (risos). Quando vai chegando a idade o organismo não vai aceitando muito a comida, vai diminuindo um pouco. Quando a pessoa ta na flor da mocidade não que ele... é, até concreto que aparecer ele come (risos). Não tem tempo ruim meu camarada, o que vier traça! Que a fome tem cara de herege, fome é. Porque eu vou te dizer, a fome não é brincadeira! Fome não! Fome não é brincadeira.

Fábio: O senhor já sentiu muito isso na vida?

João: Oxe, a fome não é brincadeira não meu camarada. A pessoa com fome, misericórdia! Hum, ai ai.

Fábio: O pessoal aqui, tem gente que passa fome ou consegue se virar com que tem aqui? Como é que vocês fazem?

João: Não, aqui graças ao Senhor do Bonfim, graças ao Bom Deus, com toda dificuldade nossas aqui, a gente que mora aqui no interior, mas ninguém aqui passa fome. Hoje não! Teve um punhado de farinha dentro de casa, teve o sal, ele vai na maré apanha o siri, apanha o rala coco faz uma moqueca, faz um escaldado, um escaldadinho de rala coco com um molhozinho é muito bom, é beleza e é forte hein?!

Fábio: Dá sustância!

João: Dá sustância, é! Fica forte. O elemento é forte. E vai passando a vida como Deus quer, sendo servido. O senhor conhece rala coco, não?

Fábio: Ouvi falar, me falaram logo que cheguei aqui. Vou procurar provar depois.

João: Olha ele aqui.

Fábio: Esse aí, né?!

João: Aqui é a casca dele. Ele vem aqui dentro, fechado aqui. Vem dentro aqui, é fruto do mar. Ele vem aqui. Dentro.

Fábio: Ele lembra um pouquinho a lambreta.

João: É! Aí chega em casa, bota ele no fogo, bota ele pra cozinhar, ele...

Fábio: ... se abre.

João: Exato. Aí cata ele, tira ele daqui de dentro, tira ele daqui de dentro, aí prepara a comida, quem quiser fazer a moqueca faz, quem não quer frita ele, frito também é gostoso, é gostoso ele frito também. E antigamente a gente perdia tudo isso, essas cascas, a gente perdia tudo isso, mas agora tão vendendo, a turma tá comprando.

Fábio: E faz o que com essas cascas?

João: Pra fazer artesanato. É!

Fábio: O pessoal aqui faz muito artesanato?

João: Eles compram e levam lá pra Feira de Santana. Leva lá pra Feira de Santana, lá eles vendem. É saco e mais sacos que eles levam disso aí, de casco. Essa parte aqui debaixo tá cheio de casco de aratu que eu joguei. Porque a maré alta batia ali, batia ali em cima.

Fábio: Vinha até aqui o mar? É mesmo?

João: É! É! Batia ali em cima, ali. Eu vim entulhando, vim entulhando, jogando casca de marisco aí por baixo, a terra por cima, ô onde eu vim parar, fui parar ali. Tudo aí é entulho aí, tudo aí é entulho. Aí embaixo tem casca de sarnambi, casca de ostra, tem casca de peguari, tem casca de tapu, é aquele ali o tapu e o peguari é essa aí avermelhada, ali é o peguari, aquela casca ali. Então aí embaixo tudo aí é entulho que eu fiz. Tudo é entulho, tudo!

Fábio: E geralmente quem é que prepara a comida, é sua esposa?

João: É ela, é os meninos.

Fábio: Geralmente quais são os pratos que eles fazem mais assim? Quais são as receitas que o pessoal mais usa aqui na ilha?

João: Aqui em casa usa mais aí é moqueca. É a moqueca. Faz o tempero, tempera ela, bota no fogo pra cozinhar e aí bota o azeite, quem gosta de pimenta bota pimenta, quem não gosta... Porque aí em casa aí mesmo aí é... aí é sabiá mesmo, né?!

Fábio: O pessoal gosta, né?

João: É chegado numa pimenta. É sabiá. É sabiá meu camarada, é sabiá aí, gosta de pimenta aí, gosta de pimenta que não é brincadeira. E quando eu viajo, quando ela tá barata, eu trago três, quatro, cinco litros de pimenta. Agora que tá em um preço que ninguém agüenta. Mês passado eu comprei de R\$ 6,00 o litro. Esse mês eu viajei já comprei de R\$ 4,00. mas é dois dias, um litro e meio aí dentro de casa é dois dias.

Fábio: É mesmo?

João: É um tapa, tapa de capenga (risos).

Fábio: Quer dizer que o pessoal gosta de umas pimentinhas... a moqueca tem que vir carregada?!

João: É, tem que vir quente! (risos) Principalmente se for moqueca de peixe. O peixe, o peixe mesmo tem que ter. Quanto mais chegada a pimenta mais a pessoa vê o sabor da pimenta, e aí cai pra dentro! Agora quando vem, quando tem uma programação assim de vir algumas pessoas de fora pra cá, aí eu digo assim: “bom, ela não sabe se esse pessoal que vem nem todo mundo come pimenta.” Aí faz o quê? Faz uma frigideirinha de moqueca sem pimenta e a outra com pimenta. E aquele que não comer pimenta já tem uma frigideira separada. E quem comer pimenta já tem frigideira também que está com pimenta. (risos)

Fábio: E fora a pimentinha, tem mais algum segredo no preparo da moqueca?

João: O segredo da moqueca você sabe, é botar o sal, a cebola, o alho, machuca, tal. Machuca ali com cebola, com sal, com alho e tal, azeite de oliva. E aí pega aquele marisco ou o peixe, tempera ele, bota lá, deixa passar um tempinho. Depois leva até o fogão, bota ele no fogo, bota um pouco de água, não bota muito, depois vai com o azeite, bota o azeite de oliva, bota um tomatezinho, um maxixe se quiser, que é pra render mais o negócio e aí já viu. Quando está cozido cai matando.

Fábio: E geralmente qual é o peixe que vocês consomem mais?

João: Rapaz, o peixe que a gente consome mais aqui é a tainha.

Fábio: Dá muita por aqui?

João: Dá umazinhas. Dá pra chegar lá... com alguma dificuldade mas dá pra arrumar a moqueca, dá pra arrumar a moqueca.



Fábio: E geralmente pra acompanhar a moqueca vocês tomam alguma coisa? Uma aguardentizinha, uma cervejinha?

João: Rapaz, não toda vez. Porque tem vez que Deus não favorece a gente, nem tem o que comer. Mas conta da vez não tem nenhuma cervejinha. As vezes se for o caso de eu terminar de almoçar pra ver ela. A cachaça não sou muito chegado a ela não. \_\_\_\_\_ bebida nenhuma, eu bebo assim de ano em ano. Bebo quando eu quero, quando eu não quero... veneno eu não tomo, veneno eu não tomo. As vezes, a turma está bebendo, eu passo pelo bar aí me chamam. Eu digo rapaz, não estou aqui não, vou tomar remédio. Ah, é. Tomar remédio. Não sou muito chegado a porta de venda, não. Meu negócio é em casa.

Fábio: Ficar com a família.

João: É. Quando eu não estou fazendo nada, tomo meu banho, pego minha toalhinha seca, aí bato meu cafezinho e essa \_\_\_\_\_, essa eu tenho. Quando \_\_\_\_\_ de pegar meu \_\_\_\_\_, eu bato meu cafezinho.

Fábio: Tem que tomar um menorzinho?

João: É, é. Já tomei meu menorzinho aí descanso, vou dormir.. Tem dia que durmo a tarde toda. É, tem dia que durmo a tarde toda aí. Passo a tarde... Agora quando eu acordo, levanto, vou lá embaixo no viveiro olhar a canoa, por lá. Depois vou embora pra casa. Dificilmente eu bebi. Dificilmente mesmo.

Fábio: Antigamente, antes do senhor casar, ter família, me conte aí um pouquinho, era muito namorado?

João: No tempo que era moderno, eu namorava pouco. Não muito, muito não. Eu namorava pouco. Sabe o que é, né? O rapaz quando está moderno ele nunca fica assim, dá uma paqueradazinha (risos). Ele tem que dar uma paqueradazinha mesmo.

Fábio: Não pode dormir no ponto.

João: É. Se cochilar a onda leva (risos). A onda leva.

Fábio: Camarão que dorme a onda leva. E naquele tempo já tinha essas doenças que tem hoje, AIDS, hepatite?

João: Não.

Fábio: O pessoal não precisava usar camisinha?

João: Não. Naquele tempo não existia nada disso. Hoje certos tipos de doenças que eu vejo rolando aí, naquele tempo não existia nada disso. Principalmente com mulher virgem não ouvia nem falar em negócio de camisinha. , é. Agora existia assim, né, um tipo de uma doença que muitas vezes tinha um \_\_\_\_\_. Tinha o cancro. Tinha um que chamava o cancro. Tinha o cancro duro, tinha o cancro mole. Tinha o .... me saiu agora da memória. Mas esse negócio...

Fábio: É gonorréia?

João: É, tinha gonorréia.

Fábio: Sífilis?

João: Tinha negócio de um chato. O chato é aquilo...

Fábio: A coceira.

João: É aquilo... Passava aquele mercúrio, aquilo desaparecia. Mas hoje, rapaz, faz até medo.. Faz até medo.

Fábio: E aqui na ilha, quais são as doenças que têm mais? O pessoal adoce mais de que aqui?

João: Rapaz, atualmente, esses tempos mesmo, eu acho que está rolando o problema de diabetes. Principalmente diabetes.

Fábio: E esse pessoal que está com diabetes, toma algum cuidado especial?

João: Fica no médico com assistência médica.

Fábio: Fica lá em candeias?

João: É, Salvador...

Fábio: E quando está aqui, o senhor sabe se o pessoal cuida da alimentação, como é?

João: Cuida, cuida da alimentação. Tem um pessoal aí, algumas donas de casa que tem problema de diabetes, sempre têm filha moça já dentro de casa. E aí as filhas vão pra cozinha, cuidar da comida.

Fábio: Dá uma orientação...

João: É, exato.

Fábio: E o pessoal segue direitinho o que o médico passa?

João: Com certeza. Agora mesmo tem uma menina, uma criatura, ela está internada em Camaçari. Ela é diabetes. . Ela é diabetes. Então diz que quem é diabetes não pode cortar, não pode cortar, não pode se arranhar, pessoa que sofre de diabetes. Então essa pessoa está lá em Camaçari. Ouvei falar que está apta até a perder a perna, executar a perna, é. Assim mesmo a gente tem alguma esperança. Ela mora ali, ela está ali, só com a companhia de uma filha. Ela também tem esse problema de diabetes. Meu sogro também teve esse problema de diabetes, executou uma perna, mas depois ele voltou a andar.

Fábio: Como não tem médico aqui, quando o pessoal pode ir até Salvador, até Candeias, tem alguém que dá uma orientação, eu ouvi falar, por exemplo, que tinha muita parteira?

João: Hoje não tem mais.

Fábio: Mais tinha muita parteira?

João: Antigamente tinha.

Fábio: Tem o pessoal que reza?

João: Antigamente tinha muita parteira, tinha muita gente que rezava. Hoje em dia não está tendo mais nada disso, hoje. Não tem mais nada disso hoje.

Fábio: Então o pessoal tem que socorrer lá...

João: Lá, e lá tem que ir mesmo pro médico. Não tem uma criatura aqui pra dar neném, já sabe. Tem que ir pra salvador. Aí o barco dá socorro, até a base naval, aí base naval dá o transporte até o Caribe. Vai ganhar neném lá. Antigamente não precisava viajar, tinha as três parteiras aqui. Parteira sabia trabalhar. Só vivia (...). Hoje não, hoje não tem parteira. Hoje tem que ir pra Salvador mesmo.

Fábio: E fora a diabetes, tem outras doenças que são comuns aqui?

João: Fora a diabetes, que eu saiba, só negócio de pressão. Uns têm pressão, alta, outros têm pressão baixa. É assim. Mas somos livres das doenças perigosas.

Fábio: Não tem conhecimento.

João: Não tenho conhecimento, pode até existir, mas não chegou ao conhecimento, né?

Fábio: São poucos, não deu nem pra preocupar.

João: É, pra preocupar.

Fábio: Morre muita gente aqui?

João: De vez em quando aqui dá uma temporadazinha pra morrer, pra morrer gente aqui.

Fábio: O pessoal costuma ficar forte assim como o senhor?

João: É.

Fábio: E perdurar até quando Deus quiser.

João: É.

Fábio: Então, o pessoal aqui tem saúde boa?

João: É.

Fábio: E geralmente quando falece alguém como é? Vocês fazem velório? Tem cemitério aqui pra enterrar o pessoal.

João: Tem cemitério. Agora só que tem que é um pouco distante.

Fábio: É aonde?

João: Lá em Santana. Fica pra lá de Praia Grande.

Fábio: E aí, como é? Leva a pessoa...

João: Leva na mão grande.

Fábio: Leva a pé mesmo?

João: É.

Fábio: Tem funerária aqui pra vender o caixão ou como é, vocês fazem...

João: Compra em candeias ou Salvador.

Fábio: Não faz por aqui?

João: Não, não. Ou candeias ou Salvador.

Fábio: Aí leva no braço mesmo?

João: É, no braço, leva na tora.

Fábio: Leva quanto tempo daqui até lá?

João: Rapaz, daqui pra lá é seguramente uma hora e meia, duas horas de relógio. É longe.

Fábio: É chão.

João: É, e quando é maré grande meu camarada... hum...

Fábio: Aí fica mais difícil ainda.

João: Quando é maré grande não tem lado que a gente não faz por dentro da maré. Não tem lado aí, que não vá passar por dentro da maré. É, tem que passar por dentro da maré. Mas vai (risos). Ele vai.

Fábio: Andou tanto nessa vida, depois de morto...

João: Ele vai (risos). Ele entra no pijama dele (risos), é pijama de madeira, é pijama de madeira. E vai embora.

Fábio: O senhor falou que perdeu a sua mãe e dois irmão, não foi? Eles faleceram de quê?

João: rapaz, meus irmãos, um... um não, todos dois moravam do lado de lá, do lado de Mapele, você conhece Mapele?

Fábio: Já ouvi falar.

João: É, eles moravam do lado de lá. Eu sei que um adoeceu então o médico disse que era problema de... que ele bebia muito e fumava muito. Pediu a ele que largasse de usar cigarro, de usar a cachaça. Mas ele não obedeceu, continuou. Continuou a beber, continuou a fumar. Eu sei que quando ele resolver recolher pro médico já foi... não vai ter jeito, não vai ter jeito mais. O jeito que teve foi entrar no pijama de madeira e fazer uma viagem (risos).

Fábio: Ele faleceu com quantos anos?

João: Rapaz, eu agora não tenho memória de quantos anos ele tinha. Teve uma vez que chegou um rapaz aqui pra fazer uma entrevista, sobre o menino aí (...). Tem um rapaz com nome Marcos, não sei se você conhece ele. Ele sempre vem aqui. Ele vem direto em Maré (...).

Fábio: Ele é o quê? Da universidade? Do IBGE?

João: eu sei que ele trabalha lá em cima, no Pelourinho. Ali no esqueci o nome do lugar. Então ele chegou aqui. Chegou aí na porta, perguntou se podia entrar, eu disse: “pode sim”. Conversou nada demais. “É casa de pobre, mas pode chegar.” Ele entrou. “Pode sentar aí, fica a vontade.” Ele sentou, procurou saber meu nome. Eu dei meu nome pra ele. Procurou saber quantos filhos eu tinha, eu dei a quantidade. Aí me bati quando ele procurou saber a idade dos meninos, que ano nasceram... aí me perdi todo, vou falar a verdade, me perdi todo. Sorte que a mulher foi chegando e encontrou ele aí. Foi essa entrevista comigo. Ela foi, deu todos os detalhes. Mas por mim, ficava no meio do caminho. Rapaz, porque eu vou te dizer, é uma “cabessação” pra levar tanta coisa. (risos)

Fábio: Tanta data, não é?

João: É, não é brincadeira não meu camarada. Eta, não é brincadeira não. (...) Foi ela que chegou, foi ela que deu detalhe por detalhe a ele. Está mais por dentro do que eu.

Fábio: E o pessoal, quando nasce filho registra no cartório, tira certidão, tudo certinho?

João: Tira. Todo mundo tem certidão aqui.

Fábio: Quando vai vestir o paletó de madeira também tira certidão de óbito?

João: É, é. Se não tiver, não enterra.

Fábio: Tem que ser tudo dentro da lei...

João: Dentro da lei, se não tiver, não adianta.

Fábio: O IBGE vem aqui de vez em quando fazer perguntas pra vocês, dizer quantas pessoas têm aqui?

João: É, sempre aparece aqui.

Fábio: E geralmente, pra nascer o senhor falou que não tem mais parteira aqui. Aí o pessoal nasce em Salvador, registra lá mesmo?

João: Não, é natural de Salvador, mas registra aqui. Aqui mesmo em Maré.

Fábio: tem cartório aqui?

João: Porque aqui tem cartório. Digamos assim, na ocupação. Nasce um filho meu hoje em Salvador. Seu eu for lá, eles vão me perguntar: “o senhor é de onde?” – “Sou de Ilha de Maré” – “ Não, o senhor tem que ir então lá, vá para o escrivão, tem escrivão lá pra isso.” – Eu tenho que ir pra lá.

Fábio: É aqui em Bananeiras mesmo?

João: É lá em Santana, um rapaz com nome Lídio. Lá em Santana. Tem que ir pra lá.

Fábio: Eu estou vendo que Santana é um tipo de centro de referência pra vocês resolverem as coisas.

João: É, exato.

Fábio: É o lugar mais desenvolvido da Ilha.

João: Exato, porque o “cacau” é lá dentro. Se fizer um documento tem que ir lá. Tem que ir lá, onde está o escrivão. E se falecer uma pessoa sua daqui, tem que ir pra lá, é. Tem que ir pra lá.

Fábio: Vocês têm banco aqui?

João: Não.

Fábio: O pessoal daqui recebe aquele cartãozinho do governo, o bolsa família?

João: O bolsa família alguns aí tem, outros não. Aí em casa mesmo a mulher recebe da menina. Tem duas meninas aí... ah não, não, não. Recebe bolsa escola. Agora eu fui a fundo e ia esconder. Recebe é bolsa escola pra (...). Bolsa família não recebe.

Fábio: O pessoal daquele programa que tem enfermeiro, médico, o saúde da família, passa aqui de vez em quando?

João: Programa saúde da Família? Rapaz, de vez em quando eles passam aí. Não passa todo dia, nem toda semana. Eles têm um negócio de um (...) que vinha, né? É mesmo que o pessoal do INSS, sabe? Então, eles não vêm todo dia, nem toda semana. Eles têm o (...) por etapa. Pra eles chegarem até aqui, pra correr a ilha.

Fábio: E quando vem, pega a meninada aí, pesa, faz tudo direitinho?

João: Pega aqui... se eu não me engano eu acho que é outra pessoa que pega aí.

Fábio: Aquelas moças que estavam...

João: Aquela moça que estava me falando ali. Pra dar uma entrevista comigo.

Fábio: Carminha?

João: Eu acho que é ela.

Fábio: Mas ali é pela universidade. É porque tem um programa do governo que é só pra fazer isso. Geralmente também para as crianças tem um cartãozinho, que é sempre que pesar, anotar e botar vacina. O senhor já viu se os meninos aqui têm, seus filhos tiveram esse cartãozinho?

João: Não, não.

Fábio: Não teve nenhum cartãozinho, né?

João: Da única coisa que chega pra eles até aqui é a vacina. O cartão da vacina eles têm.

Fábio: É um cartãozinho azul?

João: Agora eu não sei que cor é, mas eu acredito que não, que não é azul. Mas pra negócio de pesar, a não ser essa moça aí... ela quando vem fica aí, na casa das meninas aí. Ela pesou os meninos. Mas esses outros aí, a não ser que devam estar vindo aí, correndo a ilha (risos).

Fábio: Está chegando ainda.

João: Está chegando (risos). (...) Caranguejo (...).

Fábio: É, eu estava vendo andando...

João: (risos) Aí é o caranguejo. Pra apanhar esse aí é bravo!

Fábio: Se você for pegar é uma luta!

João: Aí é. Aí é bravo! É o homem mais bravo que tem no mundo. É ele!

Fábio: O senhor estava falando que tem dois netos. Foi seu filho ou sua filha que teve filho?

João: Meu filho. E minha filha mais velha que mora em Salvador. Ela é acasada e tem um filho também.

Fábio: E a esposa do seu filho, quando estava grávida, ela fez algum acompanhamento? Como é que foi? Ela ia no médico regularmente?



João: Ela ia no médico.

Fábio: Ia sempre? Fez pré-natal?

João: fez.

Fábio: Geralmente aqui quando as meninas engravidam...

João: Fazem pré-natal. Volta pro médico para examinar se é menino, se é menina. Aquele negócio... é aquele problema mesmo (risos).

Fábio: E aqui, com relação a garotada, o pessoal conversa com os meninos sobre quando é a hora de namorar, dão uma camisinha para o menino? Como é?

João: Os meninos aí andam é com o bolso cheio de camisinha.

Fábio: vem um pessoal aqui pra explicar pra eles como é que é o procedimento?

João: Sempre tem uma palestrazinha aqui. Sempre tem um negócio de uma palestrazinha aí sobre esse problema aí. Camisinha não falta pra eles.

Fábio: Sempre distribuem...

João: Andam aí de bolso cheio (risos)!

Fábio: E conversam com os meninos também?

João: Conversam. Sempre tem as palestras. A palestra deles é ali. Ficam ali, botam um bocado de cadeiras que une todo mundo ali. E aí a gente tem palestra ali. Sempre tem uma pessoa para dar toda informação, instrução. Sempre dá orientação, tem que ter camisinha. Meu Jesus! No meu tempo não existia camisinha, não existia nada.

Fábio: Era tudo na naturalidade.

João: Oxe! Era sem camisinha mesmo (risos)!

Fábio: As meninas aqui começam a ter filho com que idade?

João: rapaz, 15 anos, 16.

Fábio: Tem muita menina nova grávida por aqui?

João: Não, não. Até que não tem pouca por aí. Como é que diz, quando as coisas vão aparecer a barriga já está na boca, né? (risos) Aí complica. As vezes que mandam fazer aquele negócio ali é tapeação.

Fábio: Mesmo que seja nova, quando a menina engravida aqui, tem a criança, não tira, não é?

João: Não, não.

Fábio: Não tem muito caso de aborto aqui, não?

João: Tem não.

Fábio: Acho que eu já tomei demais o tempo do senhor.

João: Não, que nada.

Fábio: O senhor já deve estar com fome.

João: Não, não. Eu não tenho horário de almoçar, pra mim, qualquer hora é hora.

**ENTREVISTA COM DONA MARIA – BANANEIRAS**  
**DIA: 06/08/2005**

A: Qual seu nome:

B: Maria Simões

A: A idade:

B: 58.

A: É casada?

B: sou

A: D. Maria a senhora pode falar como é morar em Maré?

B: coisa é bom, mas em outro é difícil. Aqui ainda não tem um posto médico. Pra ir pra Salvador é difícil. Quando cai uma pessoa doente, tem que ir para base Naval de fratu. Tantas mães já deram a luz no meio do mar. Já teve gente que morreu no meio do mar por falta de socorro. Tudo isso. E também é bom nos assuntos, porque quando a gente quer ir aqui na ilha mesmo, não fica esperando transporte, nem nada. Vai andando e volta. Agora a lama que é um fracasso. Quando chove, a estrada cheia de mato, cheia de lama. As pessoas tomam banho, se arrumam, ficam todas chiques, mas quando chega no caminho, destrói tudo a lama(risos). Aí é difícil por isso.

Não tem ginásio para as crianças estudarem. (...) temporal, vê a hora de acontecer algum desastre com as crianças. E chega em Ceboto, pegam ônibus e vão para Candeias. E os que estudam em Passe, tem que andar daqui até Passe, de lá pra cá, debaixo de chuva, debaixo de sol. Então é difícil a vivência aqui.

Só é bom assim, porque quem é preguiçoso já vai fazer uma pescaria, já apanha um marisco. Às vezes não tem nada para comer meio dia, mesmo que esta difícil o marisco por causa da poluição, mas ainda arranja alguma coisa. Vai na maré, marisca, chega em casa, faz um tempero, fazer a comida, comer. Mas em Salvador tudo tem que ter dinheiro, pra tudo. E aqui (...) pra comprar outras esta difícil.

A: Como são as pessoas daqui? A convivência é boa? Qual a impressão que a senhora tem?

B: a convivência com o povo aqui é boa. Quando cai uma pessoa doente todo mundo chega junto pra ajudar, pra dar socorro. Um carrega de um lado, outro do outro. Tem gente que quando vai de canoa ainda fica aborrecido porque não chamou pra ajudar a arrumar, e tudo. A vivência com o pessoal aqui é muito bom. Não tenho nada contra esse pessoal. Muita amizade nos temos por aqui. Tem algumas mas coisas, mas da pra levar (...). vai levando a vida como Deus quer.

A: a senhora nasceu aqui mesmo?

B: nascida e criada.

A: a senhora poderia falar um pouquinho como foi sua infância aqui em Maré? As vivências que a senhora tem?

B: minha infância foi ótima. Fazia muita festa. Meu pai era um carrasco com a gente, mas também ele não tratava (...) toda festa que tinha ele ia, levava minha mãe, levava a gente com ele. Tinha lugar que ele ia pra festa, pra levar até um dia lá no lugar que ia ter

feira. Carnaval, São João, nos íamos pra Passe, pra Botelho, pro Querente. Nos fazíamos festa em todos esses lugares com meu pai.

Agora só tinha uma coisa, que a gente não podia namorar. Conversar com rapaz se ele visse! Batia na gente na frente de quem tivesse. E dizia “ você agora vai pra casa, os outros ficam e você pra casa” . Quando meu primeiro namorado(...) é esse, que moro com ele, que é João. Comecei a namorar com ele escondido de meus pais com 10 anos, escondido, mas ele nunca desconfiou. Até o dia que eu resolvi acompanhar ele pra casa dele e estou vivendo com ele até hoje.

Tenho nove filhos, três netos e estou vivendo com ele. Naquele tempo era melhor a vivencia, porque tinha mais peixe, mais marico. Meu pai era embarcadismo e era pescador também. Criou a gente com minha mãe teve 21 filhos, meu pai fez um cambalacho, ainda arranjou outra por fora pra fazer 22 (risos). O time e a reserva, que são os dois da reserva. Melhor não era porque meu pai brigava muito com minha mãe e nós que somos filhos sofremos muito, porque ele gostava muito de arranjar mulher na rua. E quando ela sabia e falava alguma coisa, ele aí batia nela, brigava com ela. Mas ele era um bom pai não deixava faltar a comida da gente de dentro de casa. Ele viajava, comprava as coisas pra dentro de casa, e tudo. Bebia com minha mãe. Agora só tinha essa coisa, que ele era muito nervoso e era muito mulherengo, arranjava muita mulher na rua. E a gente sofria muito de ver nossa mãe sofrendo.

Mas minha infância não foi das piores apesar disso. Agora depois que minha mãe faltou, quando minha mãe ia fazer dois anos, meu pai faltou. Quando meu pai ia fazer dois anos perdi um irmão. Aí começou a tristeza, porque pai e mãe é a riqueza que nos temos. Quando a gente perde não acha nunca mais. Aí só fica a dor e a saudade pra gente. Eu comecei a ficar triste, depois apareceu aí essa associação que Dedé chegou, mandou Nega me convidar. Eu nem queria ir, porque eu só vivia chorando, só vivia triste, eu não comia. Foi tanto que eu tinha umas fotos do meu pai com a minha mãe, meus filhos pegaram e escondeu, deu fim em tudo para eu não ficar sofrendo muito.

Depois que eu comecei nessa associação foi que começou a sair. Foi que Deus ajudou que eu melhorei mais. Não esqueci eles, porque jamais agente esquece. Mas eu melhorei mais.

A: a senhora vive com seus filhos e seu marido.

B: é, eu tenho nove filhos.

A: e os netos?

B: 3 netos

A: todo mundo na mesma casa?

B: não, só tem dois que moram fora. Três, porque o mais é da casa de Neuza (...), ele dorme lá. Mas o dia fica comigo, come lá e tudo. E tem um casado, que é o pai dos dois meninos, que moram aqui do lado da casa dele, e tem a outra que mora lá em Cosme de Farias que tem um filho. Mas os 7 moram tudo dentro de casa.

A: então, a senhora, seu João e mais 7 filhos. O total nove pessoas na casa?

B: é

A: a senhora foi a escola?

B: eu fui a escola, mas não aprendi nada. Eu nem meu nome sabia assinar. Eu aprendi a assinar meu nome depois que estou na associação. E quando nos íamos para um contato,

tinha uns colegas, tinha Pimpin, tinha Cacauzinho, Nega mesmo. Eu ficava até com vergonha, por isso que eu não queria nem entrar. Eu disse: “ ah, Nega, eu não vou entrar nessa associação. Vou fazer o curso de agente multiplicador, porque eu não sei ler, não sei escrever e eu tenho vergonha de ficar no meio do pessoal,tudo, pra assinar o nome, e eu não sei assinar o meu. Ela disse: “ não Dona Maria, Dedé disse que não tem problema, que a senhora não sabe ler nem escrever, mas a senhora sabe chegar num lugar, conversar, direitinho”. Aí eu fui: aí quando nós íamos pra algum encontro assim, tinha Cacauzinho de Pipiu que na hora da gente assinar o nome na presença, ele pegava o papel, o caderno, botava o nome dele e botava logo o meu. Aí já tinha botado meu nome, aí me dava o caderno pra eu fazer que estava escrevendo meu nome. Depois ele e Nega me davam uma folha de caderno para eu ficar ali sentada na reunião e fazendo o meu nome. Botavam meu nome em cima e mandava eu ficar escrevendo embaixo. Agora eu chego em qualquer lugar eu já boto meu nome. Mesmo torto assim, subindo e descendo, mas eu já coloco meu nome. Mas eu não sabia nada,nada mesmo. Porque naquele tempo não tinha esses colégios como tem hoje. As chances que os meninos tem hoje, não tinha. Meus pais não tiveram condições de botar a gente pra estudar. Nenhum de nós. Eu só tenho dois irmãos que sabem ler, somente, os que moraram em Salvador, Gorgina e Sueli. Elas sabem ler, mas os outros ninguém sabe nada. Só mesmo assinar o nome,mais nada.

A: como é a escola daqui hoje em dia?

B: Hoje em dia é ótimo. Hoje em dia não sabe ler quem não quer, eu mesmo não estou estudando a noite porque estou com problema nas vistas. Eu não enxergo nada. Até de dia para eu poder ler eu tenho q ficar (...) pra eu poder botar meu nome. E de noite eu olho e não vejo nada. Até de dia pra eu poder escrever eu tenho que ficar (...)pra eu poder botar meu nome. E de noite eu olho e não vejo nada. Eu olho assim e não vejo nada. Minhas vistas ficam ardendo, formigando,só vendo. Essa Neilma pegou até um caderno, me deu pra eu ficar botando meu nome, pra botar um dever de casa pra mim. Aí eu faço o dever, depois devolvo o caderno pra ele. Ela torna a passar outro dever pra mim e eu faço em casa de dia. Mas no colégio mesmo eu não estou por isso.

A: e os filhos da senhora estudam?

B: só tem três, que é o mais velho Mundinho, que agora está no telecurso, vai se formar em Dezembro. E tem as duas, que o ultimo ano de uma é esse agora que ela está estudando, e tem da outra que falta 2 anos para terminar o estudo ainda. Agora os outros terminaram tudo na 3º série. Elas sabem botar o nome delas, sabem ler um pouco. Mas eu mando elas irem para o Colégio, mas ficam com vergonha. Tanta gente sabe ler e elas não sabem ler, ficam com vergonha. Eu digo: “ aí é que vocês não vão saber ler mesmo”, porque o que eu não aprendi eu queria que todos os meus filhos aprendessem, alguma coisa. Mas sei lá.

A: as filhas da senhora ainda estudam, estudam o que?

B: em Passe. Uma em Passe e outra em Candeias. Que é Janete e Elenita.

A: a senhora falou que seu João dói seu primeiro namorado da senhora, logo depois foram morar juntos ou casaram?

B: nós fomos morar juntos. Meu pai no tempo ainda queria até casar. Mas eu não quis. Eu disse pra ele: “se casados vivem, tem solteiros que vivem muito melhor”. Porque eu

vejo muitos casados por aí que brigam, se acabam e eu mais ele pelo menos nós não brigamos.

Às vezes tem alguma conversa assim... assim mesmo porque eu fico falando, quando eu me dano eu falo alguma coisa,mas ele não faz coisa pra brigar serio, nunca tocou a mão em mim.

A: aqui na ilha em bananeiras, é comum o pessoal casar, se juntar? Como é o casamento aqui?

B: aqui tem muitos que casam. Tem mais gente casada depois que entrou na lei de crente, aí a igreja exige casamento, eles casaram. Mas tem poucos aí que... tem uns aí que não são crentes, mas são casados também. Eu tenho uma irmã mesmo que é casada, minha irmã mais velha é casada. Ah, tenho irmãos que são casados, uma que mora em Salvador, que é Georgina e tenho outra que mora aí, Durvalina, que é casada. Todas as outras são juntadas. Juntou-se e pronto. (risos)

A: A senhora falou que tem algumas pessoas que são crentes aqui. Quais são as religiões que a gente encontra?

B: A Igreja Universal, a Assembléia de Deus, tem gente que é testemunha de Jeová.

A: Qual é a mais comum?

B: É vejo tudo uma coisa só. Pra mim a melhor mesmo é a católica, que é a minha. Mas tem uns crentes aí meu irmão, que são só nos dizer. Porque diz que é crente, mas na hora quando tem uma briga, grava todo mundo, xinga as pessoas. E nós que somos católicos, não somos crentes, vivemos melhor que eles, porque dificilmente falamos das pessoas, fazemos só ajudar e eles não. Só fazem mais criticar as pessoas, que as pessoas quando morrem vão para o inferno e eles vão pro céu, da boca, não é?(risos) então a melhor de todas é a católica a religião da gente.

A: a senhora vai na igreja aqui?

B: A católica eu vou. Agora a universal, que tem muita gente minha que é da igreja Universal, mas eu não vou. Ele vai lá, me convida, mas eu não vou. Aí teve uma que disse: ‘ ela não vai não, porque ela não fé em Deus’. Eu tenho, eu tenho Deus no coração desde que nasci, agora eu não sei é fingir. Porque eu não vou para a igreja dizer que eu sou o que não sou, pra quando eu sair da igreja esta fofocando, dizendo da vida do outro, xingando um xingando outro por debaixo do pano. Eu sou logo o que eu sou. Se alguém chegar e me ver falando alguma coisa de alguém, não tem o que criticar de mim, porque eu não gente.

A: E tem missa regularmente aqui?

B: agora mesmo dia 5 de outubro vai ter uma de São Benedito.

A: Por que São Benedito?

B: É o protetor daqui que foi escolhido.

A: Padroeiro da Ilha ou de Bananeiras?

B: De Bananeiras e da gente que somos negros. Então, é um santo muito querido por nós, porque ele faz parte da gente.

A: A senhora é devota de São Benedito?

B: eu sou

A: Tem devoção a algum outro santo?

B: Não, o meu é o que me protege aqui, é o São Benedito abaixo de Deus. Primeiro Deus e depois São Benedito.

A: e tem batizado aqui?

B: tem, muito batizado.

A: tem alguma data do ano que batiza?

B: natal e tem o São Benedito também que tem batizado. Quando tem alguma criança para batizar, batiza também.

A: os filhos da senhora são batizados?

B: todos são batizados

A: e o candomblé ainda existe aqui na ilha?

B: só em praia grande. Aqui não existe mais. Sempre tinha Candomblé aqui em Bananeiras. Sinal minha mãe era do Candomblé, minha irmã era, minha tia, minha avó. Todo mundo fazia parte do Candomblé. E eu gostava muito do Candomblé, mas depois que eu perdi minha mãe... primeiro perdi meu cunhado que era marido da irmã, que era pai de santo. Depois perdi minha mãe que era do Candomblé, que dizia que ela era de santa Bárbara. Ai minha mãe vivia doente, que deu derrame a 1º vez. Vivia doente e era um(...) danado. Ela mandou ir lá na casa do pai de santo dela na Praia Grande, que o pai de santo dela era o sogro dela mesmo, que morreu, o marido de minha irmã. E ele disse: ' ah, ela ta doente porque ta chegando o dia 4 de dezembro, que é o dia de santa Bárbara, e ela não arrieio uma comida pra santa, não faz nada'. Ai eu disse: ' eu vou fazer alguma coisa, vou fazer um caruru esse ano pra santa Bárbara, pra ela proteger minha mãe, dar a saúde a ela. Nesse tempo a gente não tinha condições. Ai eu fui pra maré, estava um temporal, chovendo eu fui pra maré, marisquei, peguei rala coco, 4 quilos de rala coco, mandei vender em Paripe e mandei trazer de cada uma coisa ½ kg. Acertei com minhas irmãs, vou fazer um caruru. Ai quem deu todas as coisas fui eu, comprei. Mesmo precisando pra meus filhos, eu não comprei um pão pra meus filhos. Eu comprei as coisas, nós fizemos o caruru. Arriei pra Santa Bárbara, rezei, ofereci pela saúde de minha mãe e tudo (choro). No dia 26 de fevereiro minha mãe morreu. Desculpa Fábio, 'Num coisei' muito para candomblé por isso eu fiquei muito triste com isso.

A: Com relação as doenças que têm aqui na ilha. Tem alguma doença que seja mais comum, que ocorra mais?

B: aqui tem muita coisa com a coluna. Problema de vista, dor nas costas, dor nas pernas, nos ossos. E derrame também que de vez em quando acontece aqui.

A: a senhora falou que não tem posto de saúde, mas o pessoal tem algum forma de cuidar das doenças daqui?

B: não, vai para Candeias, pra Salvador quando esta assim com esse problema. E problema de pressão também, que esta tendo muito por aqui. Mas agora nós estamos com a enfermeira aqui perto, mesmo fazendo assim voluntariamente, mas esta protegendo alguém assim, quando esta com problema de pressão alta ou baixa. Ela tira a pressão, depois vê a situação que esta, manda ir para o médico, e tudo. Mas eu tenho fé

em Deus que Deus é de ajudar que é de ter posto médico aqui pra ela ficar direto aqui trabalhando pra gente.

A: ainda existe curandeira, parteira aqui na ilha?

B: aqui \_\_\_\_\_. Tem a avó dela que é D. Donga, que ela fez parte. Quando tem precisão urgente, ela faz parte aqui. E tem ela também agora que é enfermeira, que sabe fazer também, que já morreu, a mãe de minha mãe. Foi quem pegou 21 filhos, que minha mãe teve, ela pegou tudo. Fez muito parto aqui na ilha toda.

A: e a senhora acha que acabou assim porque? O pessoal parou de aprender a fazer parto?

B: é parou, não e interessam mais. Minha avó ensinou muito a minha mãe, mais a minha tia, mas ela disse que não tinha coragem de fazer. Minha mãe aprendeu muita coisa, mas ela nunca aprendeu parto. Só teve uma prima minha que teve neném e ela pegou, que foi Celina. Não teve assim bastante \_\_\_\_\_ que minha mãe pegou, mas ela não tinha coragem. Minha mãe ficava muito tremendo, nervosa e não tinha coragem.

A: e em relação a remédios, o pessoal costuma fazer chá das folhas, usar algum alimento especial quando esta doente?

B: é o chá da folha se faz muito. Muito chá de folha. Eu mesma tinha um menino que tinha uns problemas ai, tinha cansaço, ficava coisa, eu fazia muito chá de folha. Tudo quanto era chá de folha eu fazia para ele. Até que teve uns dois que ficaram bons. Agora tenho uma filha que esta com problemas depois de 20 anos, ela começou com um problema, que é Jane, que fica cansando, toda abafada. Quando ela começa assim, ela não deita para dormira noite toda com dor nas costas. A gente fica sentado do jeito que a gente \_\_\_\_\_. Toda abafada, não come, nem nada. Depois volta para vomitar, esta com uns três anos atrás, que ela levou 3 anos \_\_\_\_\_ com isso. Eu saia correndo para a emergência com ela. Chegava lá fazia exame, tirava raio X, nunca deu nada. E ela continuava... melhorou....a visto do que ela vivia ela melhorou mais. Mas ainda tem esse problema.

A: e os partos da senhora, dos seus filhos foram feitos aqui ou...

B: aqui, eu só tive duas que eu tive fora. Que eu tive problema de hemorragia e minha avó me levou para Salvador. Uma eu tive na Ticila Balbino e a outra eu tive ai na Crisu.

A: foi a avó da senhora que fez?

B: na maternidade ?

A: não, aqui.

B: aqui foi. Mas os meus, desde o mais velho foi minha avó quem fez.

A: e seus filhos mamaram?

B: mamaram muito. O primeiro não mamou muito, porque antes de fazer 1 ano eu já estava grávida de outro. Porque quando eu fui morara com ele, a gente não morava ali onde eu moro. Nós morávamos lá em cima no quintal, só tinha pé de arvore, bananeira, pé de limão, abacateiro, jaqueira. Aí, cedo eu e ele só dentro de casa, terminava tudo, a gente ia o quê?(risos) Não tinha televisão, não tinha luz nem nada. Sempre nós estávamos na cama deitados. Ai não tinha nada para fazer, ia fazer o que? Menino (risos). O mais velho, quando eu estava com oito meses do mais velho, eu engravidei do outro. Do outro, quando eu passei nove meses, engravidei do outro. Só os dois últimos



foi que demorou mais que Janete esta com 19 anos, Elenise esta com 17 anos. São 2 anos. Mas os outros vieram um atrás do outro.

A: antes deles pararem de mamar, a senhora dava só peito ou dava mais alguma coisa?

B: dava papa de farinha, botava água com um pouquinho de açúcar, mexia no fogo e dava pra eles comerem. Quando eles acabavam de comer, eu dava uma mama. Era o leite que eles tomavam, era esse. Meus filhinhos não tomaram leite. Só o meu mesmo, outro leite não.

A: e geralmente o pessoal faz essa papa pra dar para as crianças?

B: é, faz. Agora que tem muito que não querem dar mais papa de farinha, que compram outra farinha assim, maisena, essas coisas e fazem mingau. Mas minha mãe, eu fui criando os meus como minha mãe criou a gente eu criei os meus. E os meninos viviam fortes, não viviam doentes. Não viviam doente, não vivia em médico, nem nada. Só iam assim tomar vacina, tomavam e ninguém via eles doentes. Tinha que fazer o pirão bem mexido no fogo até ficar soltinho na panela, papa e dá. Dava 8 horas, quando eram 12 horas eu dava e 4 horas da tarde. Eu fazia aquela papa bem cozidinha e dava, eles comiam numa altura.(risos)

A: quando a senhora dava o peito para ele, qual era a sensação como? Boa...

B: era uma sensação boa sim, porque a gente vê, a gente ali com nosso filho se alimentando do nosso leite próprio, era uma sensação boa. As vezes quando eles estavam sabidinhos agarravam a gente, alisando a gente, olhando para gente e dando risada. A gente sente mesmo aquela alegria com nossos filhos. É ótimo.

A: aqui não tem posto de saúde, mas tem algum programa do governo? Tem equipe de saúde da família? Algum benefício do bolsa família, alguma coisa assim?

B: é, aqui tem umas que recebem bolsa família, recebem escola, vale gás. Recebe pet. E tem uns que não recebem nada. Eu mesma recebo só 50 reais do bolsa família. Eu recebia do Pet também de minhas duas netas que estudam, mas teve \_\_\_\_\_ cortaram o pet delas. E o bolsa escola eu nunca recebi delas nenhum.

A: quando as pessoas falecem aqui, enterra aqui na ilha mesmo, levam para outro local?

B: lá em Santana.

A: e como é? Tem o cortejo?

B: tem, o pessoal carrega daqui até dentro de Santana. Vão um bocado de gente, vão trocando no caminho. Quando é maré pequena e não esta chovendo ainda é melhor. Mas quando esta chovendo, está meio escorregado, cheio de lama. E maré grande que as pessoas tem que ir por dentro da água com aquele peso até ganhar Santana. É muito difícil.

A: Tem algum ritual especial? Vocês velam a pessoa por algum tempo? Tem alguma coisa?

B: todo dia de finado, eu mesmo não vou. Mas eu mando minha filha ir lá em Santana acender vela para meus pais. Nunca desprezo de mandar acender uma vela pra eles. Agora eu mesmo não vou. E quando eu vou para um enterro também, eu não entro no cemitério, causa das lembranças. Ai fico triste, acompanhar, eu acompanho, mas entrar eu não entro.

A: o pessoal tem luto aqui? Costuma vestir preto?

B: não, vestir preto ninguém veste mais. Antes era assim. Vestia levava um ano de preto. Mas agora não veste mais. O luto da gente guarda no coração.

A: e porque o pessoal abandonou isso?

B: não sei. Eu sei que depois que eu comecei a me entender como gente (risos), aí não existia mais isso. Acho que o pessoal não se veste de vermelho. Mas também de preto não se veste mais. E tem muitos que nem estão tendo mais essa coisa assim. As vezes \_\_\_\_\_ antes de 2 meses tem uma festa, com um mês já tem uma festa. Os parentes já estão naquela festa, já estão bebendo. Isso e aquilo. Eu sei que as pessoas não bebem só de alegria, de tristeza também bebe. Mas chegar na porta de um bar, sentar para beber, com som ligado, então eu acho que isso não é sentimento. Porque os bebem de alegria e bebem de tristeza, também. Mas não pra chegar na porta de um bar, sentar, com aquele som ligado, pra esta bebendo, ali naquele \_\_\_\_\_ então também está participando daquela alegria que esta ali.

A: a senhora poderia falar um pouquinho sobre a história de Maré? O que a senhora sabe? como é que surgiu Maré? Como se formou aqui a comunidade de Bananeiras?

B: a comunidade se formou porque a gente viu que estava \_\_\_\_\_ tinha que ter uma comunidade aqui. Porque aqui era um lugar esquecido, apesar de ser distrito de Salvador, mas eles nunca botaram \_\_\_\_\_ dizem que aqui na ilha \_\_\_\_\_ acho que nem no mapa existia Ilha de Maré. Ai a gente achou que tinha que formar uma comunidade pra poder então se aparecer e ir para o mapa de Salvador. Porque aqui era um lugar esquecido mesmo. Só lembravam daqui em tempo de eleição, aí eles viam, a gente ficava feito abestalhado, votávamos para eles. Quando eles estavam lá em cima, nem se lembravam que tiveram votos daqui da Ilha. Ai a gente essa comunidade. De primeiro existia uma. Mas eu não estava ainda, que foi Nega, as meninas, formavam a comunidade aí. Mas só que o presidente não levou em frente. Ele resolvia tudo sozinho, não comunicava ao pessoal que estava junto com ele. A comunidade \_\_\_\_\_ só fazia o que ele queria, tinha vontade. Ai depois acabou assim. Quando surgiu uma briga mesmo numa festa que ele deu, ele em vez de acalmar, foi o primeiro a incendiar, fazer e acontecer. Ai dessa ultima festa que deu, aí acabou a associação daqui. Depois surgiu a associação de pescadores e moradores da Ilha. Foi quando essa que nós estamos lutando até hoje e não vai acabar nunca. Vai ficar de geração essa comunidade, essa associação da Ilha. Agora que está sendo vista, depois que estamos correndo atrás...

Fim do Lado A

...estrada, agora eles estão olhando aqui pra ilha. O Prefeito de João Henrique já esteve aqui duas vezes. Na semana retrasada vieram 14 vereadores aqui na Ilha também. Nós estamos lutando. Foi assim que surgiu a associação daqui, junto com a comunidade. Porque a gente não se une a gente só. Primeiro a gente reúne a diretoria. Quando é depois reúne junto com a comunidade para passar o que a gente discutiu, o que a gente “coisou” aqui pra ilha. Ai a gente comunica pra comunidade também.

Porque nos não estamos fazendo nada sozinha. Tem que ter o apoio deles e a comunicação da comunidade toda.

A: a ilha no geral, como foi que as pessoas começaram a chegar aqui? A senhora já ouviu falar como foi que surgiu? Porque aqui é considerado comunidade quilombola.

B: é, quilombola. Eu mesmo vejo falar que quando o navio passava carregado dos africanos, muitos com medo de morrer se jogavam dentro d'água e vinham para cá, onde tem ali o museu. Do outro lado tem o museu que acho a gente mesmo viemos assim do museu. Minha família veio do museu para cá. Outros de Praia Grande também, disse que se jogaram no alto mar do navio, nadavam para praia grande. Aí se foi criando... foi tendo a geração, de geração pra geração e onde esta com fé em Deus a força da gente na ilha.

A: o pessoal aqui trabalha muito com a pesca e a mariscagem, não é?

B:

É, com a mariscagem, o trabalho aqui. Alguns trabalham nas indústrias, mas a maior parte é de pescadores e marisqueiras, e assumem e não querem outra coisa. Mesmo estando difícil a pesca, não está tendo mais pescada por causa da poluição das indústrias, mas mesmo assim continuam pescando.

A: e na família da senhora tem muitos pescadores?

B: a gente mesmo foi criado assim, meu pai pescava, minha mãe mariscava e criavam a gente assim, de pescaria. E quando eu criei meus filhos e estão aí até hoje. Antes tinha muito marisco, tinha caranguejo, aí quando amanheceu o dia e não tinha nada pra comer, mas tinha farinha, tinha sal, eu dizia: ' meninas, eu vou ali no mangue pegar um caranguejo, um aratu, dez horas batem a água do marisco no fogo e deixem aí'. Saía, quando dava 10 horas eu estava em casa. Pegava caranguejos, pegava aratu, pegava siri, sururu, fazia aquele escaldado e a gente comia. E agora não, nós saímos pode sair 8 horas pra ir mariscar, duvidar nós viemos pra casa e não trazemos nada para comer, porque esta difícil. Os caranguejos morreram todos. Perdeu os caranguejos. Nós íamos, chegávamos a juntar em um túnel. Tanto caranguejo andando. E esse ano que passou, não deu caranguejo nenhum. Só andou caranguejo no 1º mês, que foi janeiro. Mas nem fevereiro nem março, não andou mais caranguejo, porque não tinha. Pra chegar no mangue, tanto caranguejo morto, que fazia dó.

A: foi por causa da poluição?

B: é, pra mim foi a poluição, porque nunca teve isso aqui. Às vezes nós chegamos na maré, tem tanto rala coco aberto na beira da praia, sarnambi, é tudo, tudo morto. Peixe esses tempos não tem aparecido morto, mas teve um tempo que foi tanto peixe morto na beira da praia, até baiacu que é um peixe muito difícil de morrer, morreu. Tanto peixe! Ainda teve um bocado de gente que apanhou, eu também apanhei pra comer. Teve uns que comeram passaram mal. Eu mesmo não tive nada. Comi, fiz moqueca, não tive nada. Mas teve muita gente que passou mal. Muito peixe mesmo. Depois que a gente soube que foi derramamento de produto. Mas se a gente tivesse que morrer, morria, porque já tinha comido a 1ª vez, aí desse dia pra cá que a gente não pegou mais.

A: como é essa poluição? Como as fabricas poluem aqui?

B: é produto que despejam jogam no mar. As vezes derramam, tem vazamento, aí mata os frutos do mar.

A: fora a poluição, fora esse problema que esta acontecendo agora, como é a vida de marisqueira? Como é esta no mangue mariscando?

B: é bom porque eu mesmo no dia que eu não vou mariscar eu fico doente, porque eu gosto tanto de mariscar! Eu vou de manha para maré, volto. Quando a maré... que eu vou pegar siri no mangue e de noite ainda vou pescar de rede. Se eu pudesse saia 6 horas da tarde e chegava em casa toda vez 6 horas da manha, porque eu já gosto de passar a noite no mar. Porque eu acho muito bom. E a vida... só é pior a vida de pescadora aqui, porque as vezes vai e não apanha nada. E o temporal também cai, que a gente não pode sair de canoa pra ir pescar em outro lugar. Os pescadores de camarão, de peixe não podem sair pra pescar, é assim.

Fica difícil. Mas a pescaria é boa (risos). É bom ir mariscar. Eu ainda nado... Fifiu estava reclamando comigo, dizendo ‘ dona Maria, uma mulher aposentada e fica na maré!’ ‘ olha Cícero, eu tive um acidente, se eu tivesse ficado aleijado para eu não mariscar, eu já tinha morrido’. Porque eu já tinha dado fim na minha vida, porque a maré para mim... não sei se é porque eu fui nascida e criada mariscando, e foi com o que eu criei meus filhos, a maré pra mim é como se fosse uma família minha que eu gosto muito.

A: E o que é maré para a senhora?

B: a maré para mim é tudo (risos). É uma coisa boa. Às vezes estou preocupada dentro de casa, com a cabeça quente, eu pego minha vasilha e vou para a Maré. Quando eu estou na maré eu esqueço todos os problemas. Não fico preocupada, não fico pensando nada. Mesmo que quando volte pra casa comece tudo de novo. Mas a maré pra mim é muito importante.

A: a senhora falou que teve um acidente, não foi? O que foi que aconteceu?

B: foi acidente de carro. Vai fazer dois anos no dia 2 de outubro que eu ia por necessidade dar entrada em minha aposentadoria. Aí lá em Periperi o carro me pegou. Me “ assaltou” em cima do meio fio. Ai eu caí, abri aqui o queixo até aqui assim, perdi os dentes, essa parte daqui os dentes ficaram pra cá pra cima. Eu fiquei no HGE 8 dias internada. Eu tenho problemas nas pernas também depois do acidente. Tive um desvio na bacia. Ai eu fiquei sem poder mariscar, nem nada. Não podia andar direito dentro de casa. Depois que eu melhorei, eu voltei a mariscar de novo. Eu agradeço a Deus todos os dias por estar podendo andar, não ter que ficar \_\_\_\_\_. Mesmo que eu sinta muita dor nas costas e as pernas também doem muito. E agora eu estou sentindo também os dentes, que eu não estou podendo nem mastigar direito. Mas eu já liguei para o cara que me acidentou, me atropelou, ele já mandou mandar minha identidade que ele vai colocar no convênio dele.

A: e os homens também mariscam?

B: marisca e pesca. Eu tenho ... e tem Edson e tem Natanielton, que o nome dele é Mussum. E tem \_\_\_\_\_ também que é casado. Quando ele não esta fazendo trabalhando, vem direto aqui. Agora mesmo, esses tempo ele esta desempregado, o pai dos dois meninos, esta indo pra Maré catar sarnambi. Natanielton que esse pessoal chama

Mussum, tira rala coco do pé\_\_\_\_\_. Edson também. Edson tira rala coco e pesca camarão também. E João também, tira rala e coco e pesca.

A: es as mulheres também pescam?

B: pesca siri e marisca. Agora de rede elas não pescam. Agora de rede eu pesco.

A: e elas vão para o barco junto com os homens ou pegam o barco sozinha?

B: não, elas não podem ir. Remar sozinha,não. Elas vão, alguém levando elas vão. Agora eu , eu remo. Não sei nadar, que eu cair no meio do mar eu viro pescueiro, mas eu pego a canoa, vou pra qualquer lugar de canoa.

A: é verdade que pescador não sabe nadar?

B: é. Aqui tem muita gente que não sabe nadar. É pescador,mas não sabe nadar. Tem muitos que sabem, mas tem muitos que não sabem. Eu mesmo de meus meninos, quem sabe nadar é Edson e Natanilson. \_\_\_\_\_ mas Josial não \_\_\_\_\_,mas não sabem nadar. Eu mesmo três vezes pescando mais João a canoa virou tarde da noite com a gente. Teve uma vez que eu bebi um bocado de água (risos). Quando a canoa virou a gente pegou um bocado de peixe. Ai eu disse João, vamos secar esse peixe. Aí nós secamos. Porque ele vai remando e eu soltando a rede. Aí na hora de bater a vara dentro d'água. Tinha dia que eu batia,mas depois desse acidente eu não bato mais a vara, senão eu sinto dor nas costas. Ai e eu fui e me sentei. Quando ele suspendeu a vara, que arrumar dentro d'água, ele disse que ligou. Quando ele disse que ligou, que caiu e eu cai também. Fundão. Ai eu descí, quando mergulhei assim pra baixo, em vez de subir para poder pegar não. Eu \_\_\_\_\_ ai meu Deus\_\_\_\_\_. Engoli um bocado de água (risos). Ai eu subi correndo. Ai ele fez assim, quando eu subi em cima d'água, esta ele, já estava sentado na canoa. Eu disse ' oh João, você nem me pegou. ' Eu estava eperando ver se você subia'. 'Você estava esperando para ver se eu subia o que João! (risos). E outra vez foi lá no topete, naquela parte bonita do Topete. A canoa virou, emborcou mesmo. Até o peixe que a gente já tinha apanhado, desceu tudo. Não perdi a \_\_\_\_\_ porque foi plástica, ai caiu emborcada. Mas perdi a faca que a gente pra pescaria, e tudo, perdeu tudo. Ai eu cai dentro d'água. Assim que eu subi fui logo ligeiro pra beira da canoa ' eu disse bote a canoa pra terra,mais pra terra'. Ai no lugar que eu tomei pé, eu embarquei. Nesse dia ele não se molhou, eu me molhei toda. Eu estava com a camisa de manga comprida e tudo. Ai ele doído querendo dar risada. Se ele der risada, ele vai ver o que vai acontecer. Ai eu embarquei na canoa, com um frio! Que estava chovendo. Aí fiquei sentada. Quando eu João enxuto que não se molhou e eu toda molhada,mas me deu um ódio. E eu quieta! Ele olhava pra mim, eu via bem que ele queria dar risada. ' e agora?' – ele coçava a cabeça, eu via bem que ele queria dar risada. Eu bem na minha. Quando demorou, demorou, que eu dei risada, João deu graças a Deus dar risada. Mas deu tanta risada! Eu disse: ' agora tu ta dando tanta risada, tire sua camisa, me dê e você vai ficar de corpo nú'. Peguei a camisa que tu ta vendo ele vestir e ele ficou com frio.

A: e para mariscar geralmente as pessoas usam o que?

B: colher, pra cavar marisco e uma cuia, uma panelinha pra fazer ajuntador pra encher e ir despejando na panela.

A: e na pesca?

B: na pesca, as pessoas... só mesmo de rede e a vasilha pra botar o pescado e leva a faca também, porque pode precisar pegar algum peixe que ficou na rede, qualquer coisa, ai \_\_\_\_\_.

A: a senhora falou que geralmente a mulher não pesca de rede,mas elas podem pegar de rede?

B: pode, pode pegar. Porque antes o pessoal tinha o preconceito, os pescadores, que quando canoa de pesca mulher não embarcava. Se a rede tivesse na canoa, a mulher não podia embarcar pra não pisar em cima, não benzer a rede, que disse que dava azar. Mas isso é só ilusão deles, né? Porque os homens diziam, a gente a achava poderoso que eles eram poderosos. E eles tinham poder e as mulheres não tinham. Mas agora acabou esse preconceito deles, porque os mesmo direitos que os homens tem, as mulheres também têm. E tem mulher que tem até mais direito do que os homens, porque antes os homens trabalhavam não queriam que as mulheres fossem arranjar emprego, se empregar pra viver só depende a ele, não é? Por que eu mesmo nunca fui dependente de homem, nunca fui. Mesmo de pescaria, mas eu sempre lutei pra não esta dependendo de homem. Ai teve uma mulher que ia comprar um tempero pra fazer uma comida, ‘fulano me dá um dinheiro!’. Pra que? Você quer dinheiro pra que?’ tem que dizer a ele pra que é, pra que não é. E eu não. Eu mariscava, eu tinha minhas coisas. Comprava as coisas pra minhas filhas. Eu não chegava a ele pra pedir as coisas. Só quando viajava pra fazer compra. Fazia a nota, ‘tome, compre o que botei aí’. Mas eu nunca cheguei pra esta pedindo as coisas a ele não. Eu nunca gostei de ser dependente de homem. Dependente você entende, né? Nós lutamos, vivemos juntos, tudo tem que ser na combinação, mas negocio de star se humilhando a homem, pedindo dinheiro, isso e aquilo,não. E naquele tempo a gente nem sabia nossos direitos de mulher. Como minha mãe mesmo que viveu o tempo todo se humilhando a meu pai, mas depois a gente começou a ver nossos direitos, melhor ainda, fortaleceu mais a gente mulher, porque (risos) os homens... porque teve uma vez que a gente foi num encontro lá em \_\_\_\_\_, e agente multiplicador da associação. Ao chegou um professor... foi pra gente discutir, pra ver que as mulheres tinham o mesmo direito que os homens tinham. O que tinha mais direito era a mulher ou o homem. De minha opinião eu achei que os direitos são iguais, agora porque tem homem que vai pra certo lugar, que a chegada da mulher não podia ir. Aí eu disse ‘a mulher pode ir sim, agora só que a mulher por ela procurar se respeitar e vê a vida dela ela que toma as medidas dela’. Aonde cabe ela, eu, ele não cabe. Porque se tem um lugar que a gente vê que não é pra gente, nos temos que dar nosso valor. Nós não vamos, não né? Nós que temos que dar nosso valor,porque\_\_\_\_\_. ‘meu marido foi, eu vou também’- não. Ali ele foi, mas ali não é o lugar da gente, nós vamos nos dar o nosso valor. Porque se a gente não se dar nosso valor, nenhum vai dar valor a gente. Nem os próprios maridos dão, quanto mais os outros. Então, nós que temos que dar nosso valor. Aí como eu disse a eles lá, porque tem uns lugares assim, como tem esses lugares \_\_\_\_\_ que as mulheres não podem ir e os homens vão. Mas tem muita que diz ‘eu vou’ e vai. Agora, só que já um lugar que tem gente que respeita, nós sabemos que não cabe a gente, nós não vamos. Mas os direitos são iguais. Depende eles quererem que vão e vão e pronto. Mas eu acho que os homens não tem

mais direito do que a mulher. Os direitos são iguais. Se o homem tem direito de trabalhar, a mulher tem. Se o homem tem direito de ir a uma festa, a mulher tem também, que não ficar só sendo escrava dentro de casa. Só cuidando de cozinha de menino, isso e aquilo e os homens saem pra festa, vai pra aqui, vai pra ali e as mulheres dentro de casa, só esperando ele chegar feito uma abestalhada. Tem uma festa, a mulher pode ir, tem que ir também pra festa não é? Se a mulher vai fazer uma comida dentro de casa, o homem esta ali, não esta fazendo ...ele tem o direito de ajudar fazer aquela comida. O homem come, a mulher tem que botar o prato na mesa, o homem come. Pega o prato da mesa, bota lá dentro; se é uma água pra tomar banho, tem que botar no banheiro, isso e aquilo. Eu não faço. Eu já fiz, mas depois que eu soube dos meus direitos... quantas vezes João já entrou no banheiro, ‘ Maria’, ‘é o que?’, ‘eu esqueci de minha roupa ou de minha sandália, pega ai?’ E disse ‘ já tirou a roupa?’! ‘ já!’ . ‘ vista a cueca e venha pegar, venha pegar porque eu não sou sua empregada, não sou sua escrava, venha e pegar viu moço?’ ficava bem na minha sentada. Diante agora não, que ele tem as meninas que botam. Mas porque lê nunca gostou de ir para a panela tirar comida, nunca desde quando ele morava com a irmã dele, ele nunca gostou de ir para a panela tirar comida. Aí as meninas botam a comida pra ele, as vezes eu boto a comida \_\_\_\_\_ ‘ Maria, tem café preto aí?’ . Eu digo ‘lá tem’ . \_\_\_\_\_ ’ vá pegar a comida’. Aí eu boto na mesa, porque ele nunca gostou de ir mesmo, às vezes eu boto a comida na mesa. Mas servi de empregada não sirvo, não sirvo mais o porque o tempo da escravidão já acabou hoje.(risos).

A: voltando a falar um pouquinho da pesca, como é o barco?

B: aqui nós temos canoa. Temos canoa. Só que canoa pra sair pra pescar é ruim com temporal. Ainda mais essas canoas baixas, porque quando a gente vai entra muita água, as vezes alaga, pode até virar com a gente. Pra pescaria, era bom pra gente um barco a motor, um barco grande a motor. Mas só que aqui nós não temos um barco. Aí tem que ir de canoa.

A: quando vocês vão pescar, mariscar tem alguma forma de vocês pedirem proteção? Vocês fazem algum tipo de oração?tem algum santo que protege?

B: é a proteção da gente é de Deus. A gente pede a Deus que na hora de sair de dentro de casa, faz oração, pede a Deus para proteger a gente e pra levar a gente e trazer sã e salva. Só proteção de Deus que a gente coisa e ...com fê,não é? Só reza.

A: a senhora falou que é uma sensação boa, que a senhora esquece dos problemas. Como é estar no mar? É, por exemplo, a senhora falou que gosta de passar a noite vendo o céu estrelado, o nascer do sol. Como é essa sensação

B: é uma sensação,porque quando dá meia noite em diante (interrompe) ...quando esta amanhecendo o dia que fica aquele ventinho frio, bom, aquela sensação boa. Eu acho legal. Quando de meia noite pro dia que é melhor, fica assim, quando esta amanhecendo o dia que fica um ventinho frio, aquela sensação boa. Aí toda vez que eu saí pra pescar com João, quando ele chega em casa eu chego zangada com ele, porque ele não quer demorar mais no mar, amanhecer o dia no mar. Aí nós pescamos,principalmente quando não esta pescando nada. Nós pescamos, pesca de vento, vou cair fora. ‘ To cansada’. Eu digo ‘ainda é cedo João, que pressa é essa? Vamos no Topete, vamos na ilha’. ‘ eu não

vou pra lugar nenhum, eu vou pra casa!'. Aí eu fico de mal com ele. Toda vez que a gente vai pescar, nós chegamos em casa zangados. Só quando amanhece o dia, mas quando não amanhece eu fico zangada, porque eu gosto de amanhecer o dia no mar.

A: é o mar é o que na vida de vocês?

B: Pra mim é uma coisa boa, viu. É uma sensação boa mesmo que a gente sente no mar, porque é o ganha pão da gente, é a riqueza da gente que é, uma coisa assim, enquanto a gente pensa assim, pensa que criou nossos filhos com os frutos do mar, então só isso pra gente é grande coisa.

A: e na mariscagem, geralmente quais são os mariscos que vocês pegam?

B: é sarambi, ralacoco, é os sururu, a ostra, o siri, pra catar, assim. É o \_\_\_\_\_ também que chama lambreta, mas esse eu não sei tirar. E ostra também, depois do acidente eu não estou tirando mais, a não ser que tenha na beira do mangue, aí eu vou numa canoa, encosto na beira do mar e vou pegando \_\_\_\_\_ da ostra e vou tirando a ostra. Mas pra eu andar dentro da lama no mangue, eu não posso andar mais, por causa da perna.

A: na pesca quais são os peixes mais comuns que o pessoal pesca?

B: tainha, pescada, cavala que chama soroca e o camarão. E carapeba também. Baiacu também que pega de linha, com anzol. Tem o miroré, caramuru e arraia também, que as vezes as pessoas estão pescando embaraça alguma na rede e pesca, pega.

A: e desses peixes e mariscos, quais os que vocês usam pra consumo e quais vocês geralmente só vendem?

B: eu mesmo, a gente lá em casa, dificilmente nós vendemos peixe. Nós pescamos, podemos apanhar a quantidade que apanhar, mas as vezes nos damos aos nossos parentes mesmo e o outro deixa pra comer. E o que a gente mais pega mesmo é tainha, porque a gente tem taineira. Temos não, tínhamos taineira, porque agora esta toda acabada. O que a gente mais pega é a tainha e a carapeba.

A: tem algum que vocês aqui, o pessoal em geral, não só na família da senhora, aqui na ilha, não coma ou não goste, ou então algum outro motivo, apenas pesca pra vender?

B: é, pesca para vender. Tem muita gente que quando apanha muito vende, quando apanha muito. Mas não porque não gosta, porque aqui dificilmente eu vejo uma pessoa dizer que não gosta de peixe. Não vejo ninguém dizer... Agora tem uns que gostam mais e outros que gostam menos. Uns não comem tainha, outros não comem sambeiro, outros não gostam de miroró porque dizem que é cobra. É assim, mas eu mesmo, eu gosto de todos. Todo peixes pra mim é bom.

A: fora a pesca, o pessoal também planta alguma coisa? Tem costume de fazer agricultura? Ter uma rocinha?



B: tem, planta aipim, planta mandioca, planta coqueiro, pé de laranja, acerola, \_\_\_\_\_, pra fazer suco, essas coisas assim. Cana, tem muita gente que planta cana, planta milho.

A: Mas tudo isso pra usar ou alguma coisa pra vender?

B: pra vender também, planta pra usar e pra vender.

A: e o que vocês geralmente compram? O que vocês não conseguem aqui nem na pesca nem na agricultura?

B: nós compramos farinha, açúcar, o café, compra coco, quem não tem compra. E a laranja, limão, tem muita gente que tem no quintal não precisa comprar. Pimenta tem muita gente que tem, não precisa comprar.

A: e antigamente quando a senhora era mais jovem, quando era criança, mudou muita coisa? O pessoal começou comprar mais coisa fora e plantar menos aqui ou está a mesma coisa?

B: mudou muito, porque banana mesmo, aqui era muita banana. E agora, não sei porque, não sei se através da poluição também que até os \_\_\_\_\_ começou a coisa, que banana aqui mesmo esta difícil. Eu mesmo, lá onde eu morava tem um quintal lá em cima que tem umas bananeiras, era tanta banana que botava, botava pra madurecer. Vendia também, mandava vender os cachinhos maiores. Mas tem não sei quantos anos que eu nunca mais fiz isso. Nós não estamos achando pra comer, quanto mais pra vender.

A: pra o pessoal comprar aqui é difícil? Demora pra chegar as coisas? Ou é fácil, é barato, é caro, como é?

B: muito caro. Verdura mesmo, aqui vende nesses mercadinhos. As pessoas quando vão para Salvador compram as coisas baratas, verduras, compram de tudo que querem. E aqui não, aqui tudo é caro. Aqui é tudo é caro. É limão, é batatinha, essas coisas de verdura. Tudo caro aqui. E quando nós vamos para Salvador, pra esses lugares, se compra sai mais barato. Em Candeias, Salvador, mas aqui não. Aqui tudo é caro. \_\_\_\_\_

A: e com relação a comida daqui, o que o pessoal come mais frequentemente?

B: feijão, come mais feijão, moqueca de peixe, essas coisas. A comida que mais 'coisa' aqui é essa. As vezes que faz algum cozido, alguma coisa assim, mas, é mais mesmo feijão. Feijão, arroz, essas coisas.

A: e tem alguma diferença do que geralmente os meninos comem, os adultos, os mais velhos?

B: aqui as crianças praticamente comem a mesma coisa. Agora, só tem uns que fazem a comida separada porque não come pimenta. Não é tudo quanto é coisa, que os mais velhos comem muito azeite, óleo de comida, e as crianças não comem. Mas lá em casa

mesmo, eu fazia tudo junto pro meus filhos. Eles desde pequenos comem pimenta(risos). Comem pimenta, e o que eu fazia pra um fazia pra todos. Não tive separação.

A: e tem alguma comida especial pra alguma época do ano? Tem comidas que vocês não comem? Em alguma situação?

B: tem época do ano que a gente faz, \_\_\_\_\_ como vem agora o dia dos pais, aí eu invento de fazer uma comida diferente das que eu faço direto dentro de casa. Eu só não, muita gente aí faz essas comidas diferentes. As vezes eu faço um caruru, faço um vatapá com moqueca de peixe ou marisco. Mato uma galinha de quintal, faço comida, aquele pirão mexido que ele gosta muito dia dos pais pra ‘diferençar’.

A: geralmente quando a mulher sta menstruada em alguns lugares tem algumas coisas que não se come. Aqui também tem isso?

B: aqui não, a única coisa que quando a mulher esta menstruada não come é arraia, camarão, esses peixes mais assim remosos, elas não comem. Diz que jaca dura... mas eu mesmo nunca tive essas besteiras comigo, eu como. Abacaxi diz que não pode chupar, mas lá em casa todo mundo usa e nunca teve nada.

A: e quando esta com alguma doença, com algum problema, tem algum \_\_\_\_\_ especial?

B: tem , porque não pode comer essas peixes remosos nenhum, peixe de couro não pode comer. Ai tem que fazer outra coisa, tem que comer carne, galinha, essas coisas, pra não inflamar mais ‘ o coisa ruim’, ‘ coisa’ que tem no corpo. Aí faz umas comidas diferentes.

A: e quais são os peixes que são remosos?

B: Baiacu, tainha, esse arraia mesmo, camarão, esses peixes assim. O peixe melhor pra gente comer é o vermelho, né ? carapeba também não pode comer, que diz que é muito remoso. Cavala , que chama sororoca também não pode comer.

A: e a senhora poderia explicar o que é remoso?

B: é porque dizem que o peixe é de couro, que tem couro. Aí não pode comer por isso, porque inflama mais a enfermidade que a pessoa tem no corpo.

A: e com relação a comidas especiais assim, que deixar a pessoa alegre, com mais vontade de namorar tem também aqui?

B: (risos) Dizem que o escaldado de camarão é como nó rapaz.

## Entrevista em Porto de Cavalos com D. Aparecida (rezadeira) - 22/10/05

Fábio: A senhora poderia falar seu nome completo e idade, por favor.

D. Aparecida: Aparecida Ramos, 76 anos.

Fábio: A senhora sempre morou aqui, D. Aparecida?

D. Aparecida: Nasci e me criei aqui. Minha residência toda foi aqui. Criei minha família aqui.

Fábio: Como é viver aqui em Maré em Porto de Cavalos

D. Aparecida: Aqui a vivência nossa sempre foi de roça, outros mariscavam, ????, mangue, pegar marisco pra vender, pra comer. Sempre a residência nossa foi aqui, porque é um lugar muito fravo. Sobre emprego, essas coisas, é muito difícil. Então, nossa residência desde criança sempre foi essa. Agora é que está melhorando um pouco. Alguma pessoas já saem, arrumam emprego por fora, já têm mais outros jeitos de vida. Mas \_\_\_\_\_

Fábio: A senhora falou do tempo de criança. Como foi a infância da senhora aqui em Porto de Cavalos?

D. Aparecida: Minha infância foi muito em, porque eu fui criada com um pessoal que só vivia de roça. Todo mundo mesmo trabalhava junto com eles, meus pais na roça. Agora, graças a Deus, eu fui bem criada. E vivia bem, graças a Deus. Não fui maltratada. Então, eu fui criada sempre a vontade, mas trabalhando, trabalhando na roça.

E depois que eu procurei família, aí mudou.. \_\_\_\_\_. Quando eu trabalhava na roça, eu também trabalhava na mariscada. Meu marido morreu, depois o mais velho ficou com 10 anos de idade, criei, fiquei com 6 filhos. Mas criei, graças a Deus, todos. Eduquei. \_\_\_\_\_. Porque anima as pessoas, porque já me ajudavam. E eles trabalhavam, já estavam acostumados a trabalhar. Aí continuavam trabalhando sempre. Graças a Deus estão todos criados. \_\_\_\_\_. Estão empregados.

Até \_\_\_\_\_ então  
\_\_\_\_\_ trabalhando  
mais, a idade chegou, eu ando às vezes doente, vivendo sempre de uma ajudazinha  
\_\_\_\_\_.

Fábio: Quantas pessoas moravam com a senhora, quando a senhora era pequena, na sua infância? Quantas pessoas tinha na casa?

D. Aparecida: Eram quatro pessoas, porque meus pais não tinham filhos, só era eu, que fui adotada. Eles me criaram como filha e outro rapaz também, que foi criado na casa. Eram quatro pessoas que moravam na casa e trabalhavam. Fomos criados juntos e trabalhávamos junto com meus pais.

Fábio: E hoje em dia quantas pessoas moram na casa da senhora?

D. Aparecida: Agora ultimamente só mora comigo um rapaz, que é meu neto. Faz tudo dentro de casa pra mim. Uma mulherzinha que criei \_\_\_\_\_ bisneta, mas está \_\_\_\_\_ comigo também. Agora os outros estão todos espalhados, cada um na sua casa.

Fábio: A senhora chegou a cursar a escola?

D. Aparecida: \_\_\_\_ Nunca fui de colégio, não. Porque meus pais foram esse pessoal de sertão. Aprendi assim, assinava meu nome mal com uma cunhada minha, já depois de casada. Como ela sabia, eu comecei a treinar. Assino meu nome mal, mas \_\_\_\_\_ document, pra não tirar muito... analfabeto direto. Mas colégio nunca tive não \_\_\_\_\_

Fábio: A senhora casou com que idade?

D. Aparecida: Eu casei com 16 anos.

Fábio: E o pessoal aqui é muito religioso? Qual a religião que mais tem aqui na região?

D. Aparecida: O pessoal aqui é pouco religioso. Alguns têm negócios de programa de crente. A maior parte mesmo é de religioso de igreja.

Fábio: E aqui tem muita igreja de crente? Ainda tem terreiro de candomblé? Como é que é?

D. Aparecida: Candomblé aqui já teve, algum tempo já teve. Mas agora ninguém vê mais assim não. Agora, igreja católica aqui mesmo tem quatro. Tem quatro igrejas católica. Aliás cinco, porque tem uma capelinha. E crentes têm uns espalhados, Praia Grande, Santana, aquelas igrejinhas aí de crete. \_\_\_\_\_ tem uma também. Alguma pessoas frequentam, mas frequenta mais gente de fora que daqui, nessas igrejas assim. São poucas essas igrejas de crente que têm.

Fábio: E o candomblé acabou por que aqui?

D. Aparecida: Porque o candomblé foi aquele pessoal mais antigo, que usava esses negócios, caruru essas coisa. Quer dizer que aquele pessoal foi se acabando, aí os novos que foram chegando não forma mais usando aquelas coisas. Aí foram abandonando. Aí os \_\_\_\_\_ já partiram para o lado de negócios de crente, outros pra igreja católica. E daí foram abandonando aqueles negócios. Acabou mesmo, que não se vê mais esse negócio aqui não. Alguma pessoas dão caruru assim, mas \_\_\_\_\_ . Acabou mesmo, graças a Deus. Foi até coisa boa que acabou.

Porque não gostava não, aquilo era mais uma perturbação. Não prestava não. Que bom que acabou, graças a Deus.

Fábio: Porque as pessoas não gostavam? A religião estava incomodando os moradores?

D. Aparecida: É, incomodava muito mesmo. Porque no lugar onde batia negócio de candomblé era aquela zuada, aqueles batimentos, aqueles coros. Muitas festas, eu sentia mal com aquilo. Aquilo incomodava bastante. Outros cantavam aquelas perturbações, fazendo algumas coisas que não era suficiente. Dizia que deva espírito. Aquilo era um negócio... não prestava mesmo. E foi desaparecendo, graças a Deus.

Fábio: E com relação a problemas de saúde, D. Aparecida? Tem muito problema de saúde aqui?

D. Aparecida: Problema de saúde aqui é um pouquinho puxado, porque o pessoal sempre anda com uns meninos doentes, tal. \_\_\_\_\_ Coração. A doença que mais atinge aqui é o problema de tensão. As pessoas sofrem de coração, como eu mesma.

Essas doenças mais perigosas... mais pouco, mas é difícil se vê. São mis esses problemas de tensão, gripe. Até que gripe está melhorando, depois que começou a dar esse negócio de injeção, aliviou mais essas gripes brabas.

É mais problema de tensão \_\_\_\_\_, coração, essas coisas. Até que o pessoal não é muito doente assim, pra dizer que vivem doentes. Quando tem problema dá logo um jeito lá em Candeias, que é o socorro mais próximo que nós temos. Aí vai em Candeias tomar remédio, tal. \_\_\_\_\_, toma soro, aí melhora. Aquela criatura mesmo que estava sentada de junto a mim, ontem mesmo ela levou o dia todo no soro em Candeias. Ela estava se sentindo mal, foi pra Candeias ontem de manhã. Aí botou no soro, problema de tensão alta. O problema de saúde aqui mais é esse.

E crianças é assim, negócio de criança que sempre tem um negócio de gripe, essas coisas, uma febrezinha. Criança sempre é mais... graças a Deus também não é muito atingida pela doença.

Fábio: Quando pessoal não tem como ir pra Candeias ou não quer ir ao médico, tem algum receio, como é que vocês fazem?

D. Aparecida: Aqui propriamente mesmo, qualquer coisinha vai logo pra Candeias. Qualquer problema. Não tem outro recurso. Corre logo pra Candeias, procura logo um médico.

Se for pelo dia, sempre tem médico em Passé (?). No rio do Cunha sempre tem médico, porque têm uns postos médicos, aí sempre tem médico atendendo. E se for pela noite, vai direto pra Candeias.

Aqui não facilita, qualquer coisinha vai procurar logo um médico.

Fábio: Aqui tem poços da Petrobrás, não é isso? E a Petrobrás dá algum auxílio a vocês? Presta algum atendimento?

D. Aparecida: Por enquanto ainda não tem nada feito pela Petrobrás aqui. Nada, de atendimento por enquanto nenhum. Prometimento tem muito. Mas eu não sei de nada ainda. Espero que talvez eles queiram fazer, mas por enquanto não tem nada feito pela Petrobrás aqui não.

Dizem que vão fazer um posto médico aí, mas ainda está em \_\_\_\_\_. Não tem nada feito ainda. Remédio, essas coisas, pela Petrobrás nada tem aqui. Já era pra ter, porque é o lugar que mais eles tiram riqueza é aqui.

Aqui tem na base de uns 10 poços da Petrobrás funcionando direto. Era muito óleo? Muito óleo. Ali na frente mesmo, só o \_\_\_\_\_ na frente têm uns 6 poços da Petrobrás funcionando direto. Lá adiante têm mais dois. Têm dois cá na frente, têm dois mais adiante.

Eles por enquanto... agora que o pessoal está apertando eles um pouquinho, é que eles estão fazendo umas promessas. Vamos ver lá adiante as promessas (risos)

Fábio: E com relação a presença da Petrobrás aqui, os poços de petróleo na ilha, isso causa algum mal a vocês? Tem alguma consequência?

D. Aparecida: Não, por enquanto não teve consequência nenhuma ainda não. \_\_\_\_\_ . Não foi prejudicado ainda em nada. \_\_\_\_\_

Fábio: Então eles não estão poluindo? Não tem contaminação?

D. Aparecida: Por enquanto não. Dizem que teve... foi atingido um pouco aí, mas foi pela parte de lá da marinha. Mas aqui na parte da Petrobrás não, teve nada não. Por enquanto não teve.

Fábio: E tem alguma outra empresa que trabalha aqui na região também?

D. Aparecida: A empresa que trabalha aqui só é mesmo a prefeitura, que lida da limpeza, somente. Por enquanto não tem empresa nenhuma trabalhando aqui.

Fábio: Desde que a petrobrás chegou, que essas empresas se instalaram aqui, mudou alguma coisa na região? As plantas, os peixes? Teve alguma mudança?

D. Aparecida: No mar atingiu um pouco, porque no lugar que batia aquela borra, daquele óleo, os mariscos e os peixes morriam, não agüentavam aquela “quentura”. Atingiu um pouco o mar.

Agora, em terra não, mas no mar atingiu. Ficaram mais escassos os mariscos, os peixes. Escassou mais, porque morreram muitos mariscos. A gente chegava na coroa mesmo assim, encontrava os mariscos em cima da terra. A gente olhava, quando pegava de olhar já tava tudo morto. Aquele óleo tinha batido ali morria

Fábio: E a senhora acha que isso acontecia porque? Qual era o mal que este óleo estava causando?

D. Aparecida: Eu não sei. Eu achava que era a quentura muita do óleo que batia na areia, naqueles mariscos e os mariscos não aguentavam. Aí morriam. Porque é muito quente aquele negócio daquela borra, aquele óleo, é muito quente. E tudo que ele batia na maré, aquela quentura ofendia os mariscos. Eles aí não aguentavam e morriam.

Teve ocasião mesmo da gente ir na coroa e não achar nada. Agora que está aparecendo alguns, porque eles fizeram também muitas linhas pra tirar aqueles... não está mais tendo aquelas borras, aqueles óleos, como ficava a maré.

A gente chegava assim num lugar e via aquilo preto, aquelas borras. E depois eles tiraram isso. Não se vê mais em lugar nenhum. Se tiver problema em qualquer uma linha que \_\_\_\_\_, aí a gente telefona logo, os \_\_\_\_\_ telefonam, aí eles vêm logo limpar aquilo, tirar aquela borra daquele óleo da água e capar aquilo para não atingir. Aí melhorou.

Fábio: E esse óleo só fazia mal aos mariscos e as plantas ou ele causava alguma coisa nas pessoas?

D. Aparecida: Não, só atingia os mariscos, as pessoas não. Só os mariscos mesmo, mas porque tem muito poço no mar. Então esses poços que tinham no mar foram que prejudicaram os mariscos. Aquele óleo, aquela borra daquele óleo atingiu muitos peixes e mariscos. Mas o pessoal nunca foi atingido.

Fábio: E alguém chegava a comer esses mariscos, esses peixes?

D. Aparecida? Não, se a gente pressentia que \_\_\_\_\_ daquele problema, daquele óleo, ninguém comia não. O pessoal tirava ali, mas jogava fora. Porque achava que aquilo não ia fazer bem a pessoa nenhuma.

Porque tudo o que aquele óleo batia, naquele peixe, naquele marisco, a carne ficava moída. Não servia.

Fábio: Com relação aos problemas de saúde que já tinham aqui, a senhora acha que com a chegada da petrobrás aumentou ou continua a mesma coisa?

D. Aparecida: Continua a mesma coisa. Não aumento nada. Continua sempre a mesma coisa.

Fábio: Professora Neuza estava me falando que a senhora conhece muito das plantas, das folhas. Usa de vez em quando pra alguns probleminhas que as pessoas têm. A senhora poderia falar um pouco sobre isso?

D. Aparecida: Algumas folhas assim... eu conheço porque esse pessoal, meus pais que me criaram, er pessoal do sertão, que conhecia muita coisa, tal. Naquele tempo os médicos eram difíceis demais. Às vezes a gente tinha uma febre, uma gripe... não era com hoje que quando a gente tem alguma coisavai logo no médico. Naquele tempo se fazia um chá em casa, um xarope, pra vê se ia melhorar. Aquilo se aquilo não melhasse, então tinha que procurar o médico

Mas eu fazia muito em casa xarope pra gripe, um chá pra febre, a gente fazia assim. Naquele tempo tinha muito sarampo, catapora, essas doenças. Fazia alguns remédios.

Eutenho muita experiência nesses problemas assim \_\_\_\_\_, como sarampo mesmo. A pessoa começava com uma febre, que se via que era sarampo, a gente pegava a folha do sabugueiro ou folha ou a flor, fazia o chá pra tomar, fazia o banho também pra tomar. Porque o chá, se ele tiver \_\_\_\_\_ bota pra fora. E o banho também é bom \_\_\_\_\_. A flor do sabugueiro pra gripe, pra fazer o xarope é ótimo também.

Uma flor também que se chama baba tenã (?) a gente apanhava muito pra fazer xarope. Jurubeba, raiz da jurubeba. Tudo isso a gente... trabalha com isso pra fazer xarope pra gripe e outrsa coisas.

E melhorou. Meus mais velhos me ensinaram muitos remédios assim. Às vezes eu digo “criei meus filhos”, não vivia todo dia no médico. Falo a verdade. Só se fosse algum problema grande. Mas não vivia todo dia correndo pro médico com a criança. Se era uma gripezinha corria pro médico. Se era qualquer febrezinha corria... Graças a Deus os criei sadios, porque eu sabia fazer muitos remédios pra eles.

\_\_\_\_\_ difícil de cansar, agora uma criança começava a cansar corre logo pro médico. Chega lá, o médico da um injeção \_\_\_\_\_, aquele dia ele parou. Mas no momento, quando chegar a conjunção da lua aquilo volta mais forte.

E a gente faz o remédio em casa, abate mais ele. É muito remédio que tem que fazer. Um xarope que vai dando àquela criança, vai abatendo mais \_\_\_\_\_. Quando ele \_\_\_\_\_ já está mais fraco, tudo isso. Meus pais, meus \_\_\_\_\_ me ensinaram muitos remédios pra isso, essas coisas.

Fábio: E hoje em dia, D. Aparecida, as pessoas ainda procuram muito a senhora ou ainda fazem muito uso de folhas, dos chás, pra curar as doenças?

D. Aparecida: O pessoal hoje em dia não usa muito isso. Porque tudo hoje é o médico, qualquer coisinha é o médico. Nã uso mais assim um remédio em casa pra uma doença, uma gripe, uma cois, agora corre logo pro médico. Só o médico, médico.

A gente tem que procurar o médico mesmo. Mas a gente tem que fazer em casa também pra ajudar, pra ajudar. Porque se o médico passa um remédio, às vezes até aquele remédio não dá propriamente pra aquela doença. E se a gente fizer um remédio em casa, já ajuda aquele remédio que elee passou.

Quer dizer que vai enfraquecendo mais aquela doença. Ajuda. Não é somente ficar castigando só naquele remédio do médico não. A gente precisa fazer em casa pra ajudar. Pras crianças que estudam. Em casa os meninos também não ensinam pra ajudar o professor? É o mesmo caso também do remédio.

Em casa a gente tem que ensinar, pra eles fazerem um dever pra ajudar ela. É o caso do remédio também. O médico dá o remédio, mas a gente tem que fazer um remédio em casa, que é pra ajudar também.

Fábio: A senhora falou, por exemplo, em relação a um os remédios, que o período da lua ajuda, né? E além da época que se aplica o remédio tem mais algum fator que possa tornar ele melhor? Como, por exemplo, se a pessoa tiver a fé, tiver alguma crença mais?

D. Aparecida: Tem Porque a pessoa vai fazendo aquele remédio, além daquela injeção certa \_\_\_\_\_ doença, aí vai fazendo aquele remédio, já vai abatendo cada vez mais. Não precisa só fazer \_\_\_\_\_ que ataque. Tem que fazer antes. Porque quando chegar naquela época de \_\_\_\_\_ atacar aquela doença, ela já está mais fraca. Porque está mais fraca, aí já está mais forte, mais resistente (????)

---

---

---

A gente faz um chazinho ligeiro com aquela folha do campo, dá aquela criança para abater aquela febre. Se não ceder com aquele chá, a gente vai no médico. Se tiver algum problema, aí o médico olha, passa exme, vê qualquer problema. Mas aá a gente dá logo aquele chá porque tem muita criança que às vezes tem uma febrezinha por qualquer besteira, você dá aquele cha é ela melhora.

Fábio: E no caso a senhora aprendeu com seus pais, foi isso? E com quem foi que seus aprenderam? Como surgiu essa questão de usar as plantas, as folhas?

D. Aparecida: Meus pais aprenderam no local que eles nasceram e foram criados, porque eeles eram do sertão, não eram daqui. Então lá no sertão tem aqueles mais velhos deles também, que já vinham labutando com isso, aí ensinaram a eles. E já eles me ensinaram. Aí vai passando de um pra outro.

Fábio: E tem alguma relçaõ do poder de cura das plantas com a religião?

D. Aparecida: \_\_\_\_\_ Tem alguns que têm fé. \_\_\_\_\_

Fábio: Hoje em dia ainda se encontra muita olha por aqui, muita planta, ou está mais difícil?

D. Aparecida: encontra. Ainda encontra muitas folhas. Encontra meuitas plantas mesmo. Depende da pessoa querer saber que \_\_\_\_\_. Porque também tem que saber fazer. A gente pega a raiz da planta, \_\_\_\_\_, daquele remédio, a gente pega ela, lava bem, tira aquela pelinha, bota pra cozinhar. E quando ela estiver cozida, a gente coa ela bem, e agora bota o cravo, a canelinha o açúcar. E faz aquele xarope, dá ponto mesmo de xarope natural.

Tirou, botou pra esfriar, vai dando as colherzinhas pela noite, pela manhã. Xarope mesmo natural.

( FIM DO LADO A)

... tem muitas plantas pra isso, qualquer problemazinho. O pessoal acha a maior dificuldade às vezes em adoecer, o problema de certas doenças. Como o rim, pedras no rim, é um problema sério. Vai pro médico, faz um exame, “tá com pedra no rim”, ele passa um remédio pra pessoa.



Nós temos um remédio natural, passa e fica bom. Aqui já teve pessoas que teve o problema, já estavam \_\_\_\_\_ pra operar. Usou o remédio, curou. Não precisa nem operar. A coisa mais fácil.

Fábio: Com relação à comida das pessoas, isso também ajuda?

D. Aparecida: Ajuda, agora com relação às comidas o que eu acho é que muitas coisas estão existindo, causando muitas doenças é sempre o problema das comidas. Porque as comidas \* no tempo que era criança, que eu fui criada, eram aquelas comidas perfeitas. A gente criava um animal, uma galinha, criava no terreiro ali naqueles tempos; então quando matava aquela galinha, ela tinha sido criada com aquela ração, era uma carne saída. Já hoje é tudo \* produto. É criado tudo com produto. Aqueles com a ração é aqueles produtos (???)

Aqui já pra mim não é mais uma vida legal, porque eu acho que esses produtos prejudicam. Porque o pinto nasce hoje, antes de dois meses eles já estão distribuindo aqui na porta. É água pura, a carne daquela galinha não vale nada. A gente trata uma galinha, compra uma galinha na rua, trata ela, tempera, bota no fogo. Não precisa nem botar água, cozinha sem botar água porque a água é da própria galinha. Eu acho que essa comida não é sadia. Eu acho que prejudica um pouco.

A carne de boi é a mesma coisa. A gente não acha mais uma carne boa. Pra sentir o gosto da carne de boi perfeito, carne natural como era antigamente. Mesmo todo o tempero que botar é aquela carne sem graça. Os animais criados a pulso daquela ração, com aquele produto. Isso não pode fazer bem.

Fábio: A senhora acha que esses produtos causam o quê nas pessoas?

D. Aparecida: Algumas doenças. Eu acho que causam uma doença um pouco perigosa.

Fábio: Mas essas doenças, esse mal, ele ocorre apenas na comida que vem de fora ou a senhora acha que a comida daqui da ilha também pode causar isso?

D. Aparecida: Tanto faz. Mais a comida que vem de fora, porque a comida daqui que mais se usa é peixe, uma coisa assim. Compra tudo fora, não é criado... aqueles animais... um galo, um porco... é criado só pra matar aqui, distribuir aqui mesmo, não. Compra fora.

A galinha é a mesma coisa. Então todas as comidas que a gente usa aqui mesmo são compradas fora. A carne que a gente usa aqui, que é daqui mesmo, é o peixe, marisco. Mas o reto, tudo é comprado fora. Que já vem com aquele problema.

Fábio: Então o peixe e o marisco...

D. Aparecida: São mais sadios.

Fábio: E com relação não com comida causando essas doenças, mas como a senhora usa as folhs pode-se também usar a comida pra ajudar a curar alguma doença?

D. Aparecida: A comida é mais difícil. Pra ajudar mesmo, só se a pessoa \_\_\_\_\_. por exemplo, eu como hoje uma comida, mas vejo que aquela comida não me fez muito bem, então eu evito mais de comer ela. Evito mais de comer ela, mais difícil. Só assim pode evitar mais a doença. Porque se eu senti que ela não me fez bem, aí eu vou evitando mais de usar ela.

Se a velha continuar a comer aquilo, insistir, vai prejudicando mais. Então a gente vai evitando aquelas comidas.

Fábio: Além do peixe e mariscos, o que mais se come aqui?

D. Aparecida: Tirando o peixe e o marisco a gente compra fora: galinha, carne, essas coisas. Daqui mesmo só se usa o peixe e o marisco, que a gente acha pra usar. Pra outras coisas é comprando fora.

DI.

Fábio: A senhora falou que quando era pequena, trabalhava na roça. E hoje em dia acabou a roça?

D. Aparecida: Não acabou, tem algumas pessoas que ainda tralblham na roça. Mas nem todo mundo está mais usando esse negócio de roça. Com essa folia de emprego o pessoal acalmaram mais esse negócio de roça.

Quase todo mundo hoje em dia quer ser empregado. Então abandonarm mais. Algumas pessoas que ainda usam \_\_\_\_\_ roça, pessoas de idade que não arranjam mais emprego, ainda trabalham na roça. Mas a maior parte procura negócio de firma.

Aqui mesmo o pessoal plantava muita cana, muita banana, milho, feijão, mandioca pra fazer farinha. Tinha uma casa de farinha. Hoje em dia não tem mais casa de farinha nenhuma. Acabou tudo.

O pessoal plantava muita mandioca, fazia muita farinha aqui mesmo. Aqueles mais velhos foram se acabando, os mais modernos forma chegando, já foram procurando negócio de emprego. Foram abandonando essas coisas, foi enfraquecendo.

Fábio: Além da roça, na pesca também aconteceu isso?

D. Aparecida: A pesca sempre eles continuaram. Muitos continuaram pescando. Agora estão mais difíceis os peixes, mariscos, camarão, essas coisas. Tem ocasião que fica mais escasso um pouco. Mas sempre tem muito pescador. Tem muito pescador aqui que labuta com negócio de pesca.

Fábio: A pesca aqui ocorre muito junto com a mariscagem ou são coisas que ocorrem separadas?

D. Aparecida: Tanto faz. A pesca do peixe às vezes tem a rede diferente, essas coisas. E a mariscagem é diferente também, porque a mariscada é de acordo com a maré. Maré grande, que vasa, no lugardas coroas, esses lugares, o pessoal mariscava.

E a pesca qualquer tempo eles podem sair. Qualquer maré eles podem sair pra pescar. As diferenças são essas.

Fábio: Quando a senhora era marisqueira, como a senhora se sentia? O que era ir pra maré?

D. Aparecida: Eu me sentia muito bem. Chegava o horário, fazia tudo que tinha pra fazer dentro de casa. Chegava o horário e ia pra maré. Ia de barco, era de \_\_\_\_\_. tinha aquela disposição. A gente achava muito marisco e sentia bem mesmo. Eu gostava muito, marisquei muito. Gostava mesmo de mariscar.

Hoje eu olho assim, quando vejo a maré vazia, digo “ é verdade como \_\_\_\_\_ a maré?” Porque eu gostava mesmo. Me sentia bem! Sentia saúde. \* Eu me sentia saúde com a maré.

Fábio: E hoje que a senhora não marisca mais, como é que a senhora se sente?

D. Aparecida: Me sinto até pouco... triste,\* porque não posso mariscar. Não posso fazer. Aliás, me sinto até \_\_\_\_\_ quando eu vejo assim, vejo os compadres, as companheiras \_\_\_\_\_ cada uma com seu remo, com as cestinhas, cada uma com seu barco na maré.

Eu fico olhando assim... Assim, chateia. Eu digo “ é verdade, não posso ir” eu fico um pouco chateada. Já gostei tanto, labutei tanto nessa vida. Era uma vida distraída, tinha aquela alegria, era feliz \_\_\_\_\_ maré \_\_\_\_\_. Cada qual tem um tempo.

Fábio: D. Aparecida a senhora acha que as mulheres que estão na mariscagem têm mais saúde, menos doença? Estar na maré ajuda a pessoa a ser mais forte?

D. Aparecida: Ajuda, a maré ajuda. \_\_\_\_\_ dá muita saúde à pessoa.

Fábio: E comer marisco que vocês pegam na maré? Isso também traz saúde?

D. Aparecida: De acordo com a \_\_\_\_\_ que a pessoa usar. Se a pessoa tiver algum problema, se não puder comer aquele marisco, se evita um pouco. Mas se não tiver problema nenhum, então come, se sente bem, sente saúde com aqueles mariscos. Porque são mariscos naturais, não têm certos produtos, não foram criados com aqueles produtos \_\_\_\_\_. Eles são naturais. Ajuda muito, é forte o marisco.

Fábio: A senhora falou também que tem problema de coração, não é isso? Esse problema surgiu antes da senhora prara de mariscar ou foi depois?

D. Aparecida: Esse problema meu apareceu agora, há poucos anos \_\_\_\_\_ mariscar mesmo. Mas esse problema meu foi mais prejudicado também porque \_\_\_\_\_ quem tem família nunca deixa de se contrariar, se aborrecer. Então, eu tomava muita raiva, me contrariava muito, me aborrecia muito e tal. Aí foi indo, foi indo. Comecei a sentir uns problemas. Fui no médico primeiro, ele me disse que fui mordido por barbeiro.

Passou uns exames. Eu fiz os exames, mas não deu mordida de inseto. Aí depois eu fui a outro médico. E tornou a passar outros exames pra mim. Eu fiz. O último exame que fiz foi em Simões Filho, numa clínica. Nesse fo que veio descobrir que eu estava \_\_\_\_\_ com \_\_\_\_\_ problema \_\_\_\_\_ no \_\_\_\_\_ coração

---

---

---

Mas também não está tão grave \_\_\_\_\_.

Ele passou os remédios, eu usava os remédios graças a Deus. Melhorei; graças a deus fiquei muito bem. Toda semana eu vou ao médico, ele toma minha pressão, dá tudo normal. Eu deixei de \_\_\_\_\_, ele me evitou de pegar peso, de subir muita ladeira, porque eu subia muita ladeira... ele me evitou de subir ladeira, pegar peso, andar muito \_\_\_\_\_ ir assim pra maré, pra mariscar assim, ficar com a cabeça baixa mariscando. Eu deixei essas coisas.

Graças a deus, os trabalhos em casa eu faço e nnão sinto nada. Passo e lavo a minha roupa, faço uns trabalhos dentro de casa \_\_\_\_\_. Agora, eu uso remédio \_\_\_\_\_ direto. \Tomo 5 remédios durante o dia.

---

---

---

Fábio: A senhora acha que além das chateações que a senhora teve, o fato de ter parado de mariscar teve alguma influência para pra que a senhora ficasse doente?

D. Aparecida: Não porque eu acho que com a mariscagem não teve problema nenhum. Porque minha pressão era baixa e eu me sentia bem na maré. Me sentia bem,

com saúde. Porque pressão baixa a pessoa se sente bem. Eu mesmo me sentia muito bem, com saúde. O problema meu não tem nada com mariscagem.

Fábio: Mudou alguma coisa na sua alimentação por causa desse problema?

D. Aparecida: Minha alimentação mudou, porque farinha mesmo eu não como. Minha comida mais é a carne de boi; galinha como uma vez ou outra, ou o peixe, que eu como mais. A carne de boi ou peixe

\_\_\_\_\_.

Café eu não tomo. Gostava muito de café, mas eu deixei de tomar o café. Azeite de dendê eu não como. Óleo eu como pouco. Eu estou mais evitando esses negócios.

Eu acho que \_\_\_\_\_ um problema \_\_\_\_\_. Aí estou deixando mais. Como mais é verdura, essas coisas, aí eu me sinto bem. Comprei verduras pra comer, aí e me sinto bem mesmo.

Fábio: A senhora mudou sua alimentação por conta própria ou foi por orientação de alguém?

D. Aparecida; Por conta própria, porque o médico não me deu dieta. Mas eu, por mim mesmo, comia algumas coisas que eu via que não me fazia bem. Me sentia mal com aquilo, então eu fui deixando. Quer dizer que já mudou quase por minha conta própria. Aquilo que eu via que não me fazia bem, eu \_\_\_\_\_ mis aquilo.

Fábio: O que levou a senhora a mudar? Como foi que a senhora começou a perceber isso e ver que era importante mudar sua alimentação?

D. Aparecida: Me ocorreu de fazer um pirão pra comer, uma farinha, eu sentia aquele inchaço, parecendo que estava inchada, o estômago ficava inchado, não podia comer mais nada naquele momento. Sentia aquela falta de ar. Aí eu fui prestando atenção. Eu senti que aquilo não me fazia bem. Já no outro dia eu não comia. Aí eu sentia diferença. Fui deixando.

## **Entrevista com D. Dora – Santana**

**Dia: 20/01/2006**

A sr<sup>a</sup> pode falar seu nome completo e a idade, por favor?

*Dora Maria de Andrade Aquino, 60 anos*

D. Dora, a sr<sup>a</sup> sempre morou aqui em Maré?

*Desde quando nasci. Nasci aqui junto de onde estou*

Sempre aqui em Santana?

A sr<sup>a</sup> pode falar como é morar em Maré? Qual a sensação de viver aqui?

Muito boa. Eu gosto porque é tranquilo. Agora que está tendo às vezes algum problema de pessoas que vêm de fora e aqui não tem delegacia. Aqui não tem ninguém que procure saber quem são aquelas pessoas, que às vezes fazem um certo erro. Mas aqui é muito bom, Maré é ótima. Só falta um ancoradouro aqui, porque as pessoas de mais idade não têm como embarcar fácil; os meninos vão para escola molhados lá em São Tomé. Quando voltam... lá tem em São Tomé, mas aqui não tem para soltar. É uma dificuldade. Tem uma neta aqui que estuda lá, é uma dificuldade, ela já está querendo desistir. Só falta um ano para terminar. E já está querendo desistir.

A sr<sup>a</sup> poderia falar um pouco como foi sua influência, as lembranças que a sr<sup>a</sup> tem? Como foi ter passado sua infância aqui em Maré?

Em termo de paz foi ótimo. Brincava muito, nunca tive foi muita saúde, mas sempre brincava, porque menina mesmo sem saúde, mas brinca. Na hora que não tinha energia, não tinha água. A gente esperava água no mar, \_\_\_\_\_ pra carregar para casa. A situação financeira era mau, porque pai morreu, deixou mãe com sete filhos, 6 nascidos e 1 na barriga. Então eu e minhas irmãs trabalhamos para comer, com 7, 8 anos de idade. A gente ia pra maré mariscar para comer. Se não fosse isso, ir para o mato apanhar dendê pra mãe bater, fazer azeite, a gente morria de fome. E toda a população aqui era assim. Agora, graças a Deus, melhorou tudo.

A paz não é como antigamente, não é das piores, mas não é como antigamente. Mas melhorou muito, porque a maior parte tem emprego, ganhando pouco ou muito, mas tem. Tem bar, as pessoas vão trabalhar no bar. Outros mariscas e vão vender no bar. E naquele tempo não tinha bar, não tinha nada. Por um lado foi bem melhor, a tranquilidade da gente. Era ótimo

E a sr<sup>a</sup> gostava de antigamente ou de hoje em dia?

De antigamente, porque a gente aqui vivia tranquilo. Hoje não estamos vivendo tão tranquilo. Eu digo que é bom, porque o povoado de São Tomé pra baixo é muito ruim, que eu ouço no rádio. Mas antigamente era mais tranuilo. Era muito melhor do que agora.

A sr<sup>a</sup> falou que não tem muita saúde

*Não tenho*

Por que?

Eu tenho problema de labirintite. De vez em quando o cálculo renal aparece. \_\_\_\_\_ Roberto Santos, Ernesto Simões, para CARIBE, é um sacrificio de barco aqui. Tem que pedir favor, às vezes quando acha para pagar não tem com o que pagar, se para também.

E sempre... gripe, dói aqui, dói ali. Nunca tive muita saúde. Aqui precisa mesmo é de um hospital, mas que tenha médico 24h, que não tem. Quando vem é assim: vem de manhã, meio dia vai embora. E é três vezes na semana. Teria que ter um médico aqui ou enfermeiro também. Os meninos se cortam, precisam dar um ponto ou dois, tem que viajar. Se não tiver dinheiro, não viaja, fica aí \_\_\_\_\_. É um problema.

E a sr<sup>a</sup> atribui a algum motivo especial, a alguma causa específica a sua falta de saúde?

Não, porque eu já nasci com esses problemas. Desde pequenininha que mãe contava que eu vivia sempre doente. \_\_\_\_\_ de nada.

E quando precisa de médico que não tem aqui, vocês vão pra onde?

Pra São Tomé, atravessa pra S. Tomé e de S. Tomé vai pra Paripe. Ou vamos pra base naval. Lá dá um socorro e leva pra Caribe, em Paripe.

A sr<sup>a</sup> falou que começou a trabalhar muito cedo...

Muito, na maré mariscando siri mole. Minha irmã hoje ela é, eu já falei isso pra vocês, ela é aposentada da universidade, ela está aqui nessa casa que é dela, aí junto. Ela ia apanhando siri duro e eu apanhando siri mole nas poças, porque ela não sabia como era para apanhar. Eu vendia o mole pra comprar alguma coisa, farinha, limão, uma coisa pra mãe comprar. E aí o duro que ela apanhava a gente comia. \_\_\_\_\_ que eu queria era gostoso, até hoje eu gosto e ela também.

A gente trabalhava desde pequeno. Meus irmãos também, são todos mais novos do que eu, os homens. Essa irmã é mais velha. E todo mundo trabalhava para comer, pra botar dentro de casa. Eles pescavam, meninos pescando.

Quantas pessoas tinham na casa da sr<sup>a</sup>?

*Éramos 7 irmãos e com mãe 8 pessoas*

A sr<sup>a</sup> falou que era feliz, que apesar de todas as dificuldades era boa aquela época. Por que?

Porque não se preocupava com nada. A preocupação era ter o que comer. A gente arranjava ali, comia pronto, estava feliz (risos). Era bom. E agora tem mais consumição. Tenho filhos, tenho netos. E aí a gente se preocupa mais. Quando ‘tá menino’ não tem preocupação de nada, era muito bom.

*No ato de mariscar Dora se considera mais eficiente que sua irmã, ainda que tenham sido treinadas pela mesma mãe, desde a mais tenra idade. O trabalho de mariscar é com as mãos. Depois da mariscagem vem o ato de catar o marisco para ser mais aceito no mercado. Ao catar, movem-se as mãos de dentro para fora num ritmo cadenciado em que os braços também se ocupam. O trabalho mais importante é com os dedos polegar e indicador, repetidas vezes. Nessa imagem a mulher cabisbaixa parece se concentrar no ato de catar mariscos.*

Foi mãe. Ela me levava junto dela e quando chegava na poça tinha o sirizinho mole, ela ia (deixava-a sozinha para que aprendesse). Ele (siri) fica sempre cobertinho de areia. Aí eu ia procurando até que encontrava. Quando ficava difícil ela (a mãe) fazia assim com o pé (cavava no areia) e me mostrava. Aí eu pegava.

Seu pai, morreu quando ela tinha sete anos, e seus irmãos ainda eram todos menores. “Tinha um sem nascer”. Geralmente são as mães que ensinam as filhas a mariscar, e o pai, o filho a pescar. Nessa tradição, o marido de Dora ensinou aos seus filhos o perigo do mar, o cuidado para não lesar a rede, os tipos de pescados, os mais valorizados no comércio, o que se consome na unidade doméstica. Inicia-se na infância, a pescaria. Dora se refere que seu filho “pescava desde 5 anos de idade com o pai”.

Na pesca não há desemprego. O marezeiro sempre será pescador. Além da tradição, a pesca é uma forma de sobrevivência e sustento da família, seja como principal ofício ou até mesmo de forma a complementar outra atividade desenvolvida pelo chefe da família. Neste contexto o mar é tido como fonte provedora do alimento da família, conforme é relatado pela informante: “Ele (filho) vai pescar com o pai. Pesca desde 5 anos de idade. . Não se aperta, se ele desempregar, ele vai pescar. Não vai ficar com fome.”

Dona Dora relata a diminuição do pescado na região. Para ela a principal causa disto é a pesca com uso de bomba, “vai matando os peixes, mas sempre se arranja o de comer. Aí vai levando”. Mas apesar desta queda na produção ela afirma que o mar continua sendo uma importante fonte de alimento.

E a pesca aqui hoje em dia?

Está fraca. Está muito fraca a pesca. É bomba que se bota pela redondeza, vai matando os peixes e aí vai \_\_\_\_\_. Mas sempre se arranja o de comer. Aí vai levando

Conforme relatado anterior, nota-se que a mariscagem é uma atividade feminina transmitida de mãe para filha enquanto a pesca tem uma conotação eminentemente masculina, sendo ensinada de pai para filho. “Não tem nada de separação, agora menina custa muito de pescar. Pescar no mar é mais para meninos.” Porém D. Dora nega esta distinção de gênero, e afirma que o mar é um lugar apropriado para os homens. “

O mar não é espaço de lazer para os adultos, mas sim de trabalho. Por isso não se aprende a nadar, mas se pratica o mergulho com arpão e outros instrumentos de coleta e pesca. (colocar fala)

Mas essa separação, o menino sempre aprende com o pai, a menina aprende com a mãe...

Nada a ver. Não tem nada de separação, agora sempre que negócio de menina custa muito de pescar. Menina custa, a não ser mariscar. Mariscando pega. Mas pescar no mar são mais os meninos.

D. Dora, a sr<sup>a</sup> relatou que a dificuldade maior na sua infância foi quando faltava a comida. Que sensação a sr<sup>a</sup> tinha quando isso acontecia?

Que sensação? Era ruim. A gente só pensava que ia pior. Foi quando Deus ajudou que foi melhor, porque tudo foi melhorando, foi chegando aqui as coisas melhores. Chegou a luz, teve como se botas um bar, o pessoal começou a botar os bares na praia. Uns foram servir de garçom, outras pessoas vão cozinhar; quem pega um peixe é mais fácil vender, porque tem os bares pra vender. E aqui não tinha, a dificuldade que tinha danada. Um rapaz ali comprava gelo lá em Salvador, de madrugada levava pra vender em Salvador o peixe para poder trazer o dinheiro, aquele pouquinho de cada pessoas, pra poder comprar farinha, o tempero do peixe que deixou em casa.

*Que agora é melhor é, em termo de situação financeira é*

A sr<sup>a</sup> me falou anteriormente que também as meninas daqui costumavam a fazer renda. É isso?

Menina não. Eu também faço. A minha está ali, tem até pronta.

Esse costume ainda está presente nas famílias hoje em dia?



Está. Não. Estão as meninas querendo muito fazer, mas ainda sabem fazer. Todas não, como antigamente não. Mas tem muita gente ainda fazendo

As meninas querem fazer o quê?

Querer a maior parte é nada. Querem é curtir (risos). A maior parte quer nada, quer curtir. Eu comecei a mariscar com a idade dessa menina aqui; 7 anos. 7 anos eu comecei a mariscar, porque pai morreu e a gente não tinha o que comer. Aí eu comecei a mariscar

O que é melhor, mariscar ou fazer renda?

(risos) Mariscar, porque é mais divertido a maré. A mãe boa ??? a gente ficava... o pior era o sal, mas é divertido. E a renda cansa, só num lugar sentada. É mais divertido a maré

o que a sr<sup>a</sup> sente quando está na maré?

Eu me sinto bem. Quando não está o sol muito forte, eu me sinto bem. Marisquei muito. Eu ainda vou, semana passada eu fui, peguei 3 siris moles

No local onde vocês mariscavam cada família tem o seu lugar ou todo mundo marisca...

*Todo mundo marisca em qualquer lugar, não tem essa*

A sr<sup>a</sup> falou também sobre a questão da escola, que tem dificuldade do transporte e tudo mais. E a sr<sup>a</sup> cursou até quando a escola?

Quase nada. 3º ano primário. Mas eu lhe digo que não me troco pela 8ª nem pelo 3º ano, como se fiz, do ensino fundamental, não é? Muita gente aqui que está estudando, saindo já formado, eu pergunto certas coisas que eu aprendi e não sabem responder. É verdade. Não ensinam nada de assunto como era antigamente

Como era sua escola?

Era fraca, mas ensinava bem, porque a gente pegava um livro pra estudar a lição de história do Brasil, de tudo, pra gente responder o professor. Tinha a pergunta e embaixo tinha a resposta. A gente decorava para no outro dia responder. E hoje não é mais assim, é assistir à aula. Se a pessoa tiver uma cabeça muito boa prende, se não tiver, não aprende. Bem pouco aprende. Eu decorava!

E hoje em dia seus filhos estudam, já estão formados?

Estão todos formados. Formados nada. Todo mundo tem família já, olha um ali, esse é o caçula. Ele estudou até a 7ª série. Mas depois parou. E trabalha. Um estudou só até a 4ª aqui. Saiu, trabalha lá no ferry boat... estava no ferry boat, agora saiu porque acabou a comadre e aí ele está em outra firma no mercado modelo. Ele é marítimo. E a mulher

que mora aqui também estudou até a 4ª. Não tinha como... porque hoje em dia é que tem essas lanchas pra levar \_\_\_\_\_, mas antigamente não tinha nada disso.

C:

*Estudou aqui até a quarta e acabou.* \_\_\_\_\_

Seus filhos nasceram aqui mesmo? Todos?

Todos. Seis, morreram 3, ficaram 3. todos aqui em casa.

Nasceram de parteira?

C:

Morreram as parteiras daqui, só tem uma senhora ali, mas não pode mais, está com vista curta. As outras duas que tinham já morreram

E hoje ninguém mais se interessa por aprender esse ofício?

Tem algum pessoa aí que disse que vai. Já veio chamado da secretaria. Depois que vocês estiveram aqui, já teve chamado pra umas aí, que querem aprender e fazer curso. Já teve chamado. Uma agente comunitária da saúde que estava aí, você se lembra, Cleuza, ela foi morar em Paripe, ela ligou pra mim, pra dar recado a uma criatura daqui que lá estavam chamando três pessoas, que ela fosse e levasse as outras duas. Mas ela já fez o cadastramento, as coisas pra isso, pra treinar

Como a srª conseguiu cuidar dos seus filhos quando eles estavam doentes, quando tinham alguma dificuldade? Resolvia por aqui ou levava pra Salvador?

Às vezes resolvia por aqui e às vezes eu ia pra lá. \_\_\_\_\_ Caminho de areia, para o posto de reidratação que tinha no Caminho de Areia, eu acho que não tem mais; Portão de Roma, esses lugares. Os centros de saúde eu já fui muitas vezes e mais a base naval

D. Dora, o governo dá assistência aqui?

Quase nenhuma. Esses médicos aí são pela prefeitura, que vem aqui, uma bobagemzinha, pouca assistência. Bastava ter uma delegacia, não é? Não tem nada aqui pelo governo. A luz que foi aquele menino que botou aqui, João Durval Carneiro, foi ele quem fez isso. Não tem assistência de governo quase nenhuma

Seus filhos chegavam a ir a alguma rezadeira aqui na região? Ainda tem rezadeira aqui na região?

Eu não sei se ainda tem. Tem alguém que ainda reza aqui, ainda tem uma senhora que se chama Mudinha (?), que tem uma venda ali. E ainda reza. \_\_\_\_\_ e se

davam muito bem. Teve uma que morreu, uma menina. Quando ela tinha 15 dias de nascida, uma senhora que também já morreu, chegou, olhou e disse assim: ‘ ela é bonitinha, é diferente do outro’ que eu tinha tido um primeiro: ‘ ela é moreninha’ – pronto, ela saiu, a menina começou a chorar, chorar, o tempo estava ruim. \_\_\_\_\_ dormindo aqui comigo falou ‘ quando chegar a hora da lancha’ – que a lancha saia daqui 2 horas da manhã – ‘ eu vou levar ela pro médico’. Quando foi 1:30h ela morreu. Foi de olhado. Mas está acabando muito isso.

\_\_\_\_\_ -eu fui levar uma vez a Mudinha pra rezar.

E a sr<sup>a</sup> acha que é por causa da igreja que estão acabando as rezadeiras?

Acredito que sim, de crente. Porque a católica não tem nada a ver, pode \_\_\_\_\_, pode rezar, mas a do crente não pode

Qual a religião que mais tem aqui?

Minha filha, é dividido. Tem uma quantidade da católica, uma quantidade da assembléia de Deus, tem uma quantidade da Testemunha de Jeová.

Candomblé, tem?

Agora não. Tinha, mas agora não tem mais, porque \_\_\_\_\_ que tinham esse negócio já morreram. Só tem em Praia Grande

Aqui na ilha só tem lá?

*Só em Praia Grande e Botelho, aqui em Santana não tem*

A sr<sup>a</sup> amamentou todos os seus filhos?

Todos. Esse daí foi 1 ano e 5 meses. A mulher foi 1 ano e 6 meses não comia nem uma banana. Só era amamentando

Só o leite?

*Só o leite*

Todos eles foram assim?

O outro não. O mais velho que mora em SSA só mamou 3 meses, porque eu pensei que estava grávida, tirei a mama e não estava. E de todos é o mais mole. Ataca assim, de vez em quando está com problema, de doente, todo mole

Eu não tinha muito leite \_\_\_\_\_, mas tem pessoas que têm mania de falar assim ‘ oh! Ta acabando comigo’ - mentira! O leite é mesmo pra dar as crianças

Eu falo aqui toda hora. ‘ ele deixou’ – mentira! Porque você não deu, deu logo mingau, a criança larga. Não tem barriga pra tomar mongau e mamar.

Qual a sensação de amamentar pra senhora?

Eu acho bom, porque dá mais saúde para as crianças. E até no trabalho da gente é menos de estar na beira do fogo, fazer mingau, de liquidificador, qualquer coisa. Dar mama \_\_\_\_\_

Quanto das crianças quanto adultos, quais são as doenças que se vê mais por aqui?

Gripe, dor de barriga, vomitar, de vez em quando aparece. Quer dizer, nas crianças. De adulto hoje em dia é mais labirintite, pressão alta, essas coisas. Lairintite e pressão alta é só o que se vê o povo se queixar. Pressão alta, pressão alta. Agora mesmo tem tido vários casos de derrame

E a sr<sup>a</sup> atribui a algum fator essa queixa dessas doenças?

*Não isso é comum. Isso é normal, toda vida existiu isso*

E quando começaram a se instalar as empresas na região, a senhora acha que mudou alguma coisa?

*Qual empresa?*

O pólo de Aratu, a Petrobrás

A gente se queixa. Levou uma época que os mariscos sumiram. Matava os mariscos. Hoje em dia já melhorou mais. Mas levou uma época que o marisco sumiu. Diminuiu muito mesmo, que disse que era a descarga que estava matando os peguari, sapiro

Além da diminuição do marisco teve alguma outra consequência?

*Que eu saiba não. A diminuição do marisco, do peixe. É isso mesmo que está aí*

A sr<sup>a</sup> acha que de alguma forma afetou a saúde das pessoas daqui?

Não foi descoberto nada disso, mas não deixa de afetar. Porque se aquilo... se o marisco está comendo deve estar afetando alguma coisa. Eu acredito que sim. Mas aqui não tem ninguém que analise nada

De que forma pode estar afetando a saúde das pessoa, através do que? \_\_\_\_\_ , com elas consumindo o marisco ou \_\_\_\_\_ ?

Falam na televisão que o mercúrio, as descargas que eles vão dando prejudicam as pessoas. Tem dias que a gente não suporta o mau cheiro, de noite, depende do vento. É um mau cheiro terrível que chega aqui de amoníaco, às vezes é de coisa queimando. Dizem que é tudo de lá do Pólo e da Petrobrás

E a sr<sup>a</sup> já chegou a sentir alguma coisa por causa desse cheiro, dessa operação (ou alteração) no ar?

*Eu não, mas tem pessoas que se sentem mal \_\_\_\_\_ e tudo*

E as pessoas daqui falam o que dessa sujeira, dessa contaminação?

So se queixam que está mau cheiro, que está um mau cheiro, mas não falam de nada não. O pessoal daqui é muito acomodado

Além do marisco, o mangue, a maré mudou alguma coisa?

Está mais limpo agora. Depois da JG que botou o pessoal pra trabalhar, porque aqui era só a limpurb. A limpurb foi aposentando, foi morrendo, só tem poucos. Meu marido mesmo é um da limpurb. Ele já está com 64 anos, não era mais para estar trabalhando. Tem 4 homens aqui pra levar lixo \_\_\_\_\_, embarcar aqui, desembarcar lá, limpar a rua toda, roçar, não tinha condições. Aqui em Santana só tinham quatro restos de homens (risos) tudo já velho, já resto

Agora botaram nova firma. Foi uma maravilha. A JG entrou e está limpando mesmo. Até no mangue, tem um pessoal aí que faz reciclagem, que cata as garrafas, os plásticos e melhorou a limpeza do mangue

Então a sr<sup>a</sup> acha que a ilha está ficando mais limpa?

Está. Depois que a JG entrou está ficando mais limpa, porque a limpurb também trabalhava, mas não tinha condições porque são muito poucos homens que trabalham e já tudo velho

E a questão do esgotamento sanitário aqui, a sr<sup>a</sup> acha que é um problema?

É fossa. Quer dizer, aqui em casa é fossa. A maior parte é fossa. Agora tem alguns que botam pra praia ainda. O pessoal que vai um jeito de tirar. Mas aqui a maior parte é fossa. E aquele rio ali que é, você vê, não tem um rio aqui no meio da rua? Rio descoberto, que é rio horrível, bem na passagem do povo aí. Todo mundo vem, tira foto, vem, tira foto, mas nunca cobre aquele rio. \_\_\_\_ desastre.

Além desse rio e das indústrias, tem algum outro perigo que vocês acham que possa contaminar aqui, que possa fazer algum mal a saúde de vocês?

*Que seja do meu conhecimento, não*

Com relação a comida, aqui vocês têm muito pescado, muito marisco. A sr<sup>a</sup> gosta desses produtos?

(risos) não gosto muito de comer marisco, porque não posso também, por causa do rim que não é bom, tem muito cálcio. Marisco contém muito cálcio, é o que os urologistas falam. E peixe como lá um dia, não faço muita questão. Eu como mais é galinha, é carne. Minha comida mais é essa. Agora peixe é que sempre tem. Meu marido é pescador também, é gari mas é pescador. Faz um pouquinho de cada coisa

Qual a comida que a sr<sup>a</sup> mais gosta?

Não sei nem dizer. Qualquer uma eu gosto, depende do dia e da hora, da vontade. Mas qualquer uma pra mim é boa. Só não gosto muito é de caruru. \_\_\_\_\_

Por que?

*Porque fica me embrulhando o quiabo. Não sou chegada a caruru*

Dos problemas de saúde que a sr<sup>a</sup> tem, a sr<sup>a</sup> pode até citar, tem algum que além do marisco lhe proíba de comer mais alguma coisa?

O sal por causa do rim e da pressão. A minha pressão não fica muito alta. Minha pressão sempre era baixa, mas depois das crises de labirintite foi que ela deu pra subir um pouquinho. Mas não fica sempre alta, pra dizer assim que eu sou hipertensa. Ela sobe um dia assim até 16, 15 e depois ela desce, porque também eu não como muito sal e aí sempre está controlada. Não tem muita proibição. Eu que já procuro evitar de comer certas coisas, por causa da gordura pra dentro do fígado, como tenho agora um pouquinho de gordura no fígado. Eu estou tomando remédio pra combater isso. Não tem muita coisa não. Eu também não sou de comer muito

Aqui no seu quintal tem horta...

*Não, tem nada. Aqui é tudo comprado mesmo*

O pessoal daqui costuma plantar alguma coisa?

*Banana. Olha a barraca dele, só o que vende aí é banana*

E por que o pessoal não planta mais hoje em dia?

*Não sei. Ninguém quer saber mais disso \_\_\_\_\_*

FIM DA FITA → LADO A

... o pessoal quer coisa que dê renda. Então, essas bobagenzinhas é só pro sertão que o pessoal vai plantando aí. Mas aqui é só banana, às vezes cana, tem algum que planta aí. Não tem muita plantação

E criação de animal, o pessoal cria alguma coisa aqui?

Eu crio galinha, solta aí pelo fundo da casa, pela rua aí. Agora porco vive aí na rua, porco e cavalo vivem aí. Mas toda vida se criou aqui assim

Vocês criam pra comer ou só...

*A galinha? Pra ter ovos e pra comer*

A sr<sup>a</sup> prefere a galinha do quintal da senhora ou a da granja?

*Essa é melhor*

A da sr<sup>a</sup> é melhor?

E do gosto é mais dessa. Mas eu custo de matar, eu quero ver elas pondo que é pra pegar os ovos pra comer. Dar a meus filhos, a meus irmãos

Por que ele acha melhor a do quintal?

*Ele diz que é melhor. Ele gosta mais da de quintal*

Tem alguma comida que a sr<sup>a</sup> não come por receio ou por que acha que é suja?

Frutas sim. \_\_\_\_\_ jaca, abacaxi eu tenho receio, não como. É muito forte. Tenho muito medo de comer. Não gosto de comer essas coisas.

Tem mais alguma?

Tem algumas que eu não como, porque não gosto. Mas não por.. se é um mocotó dizem que é muito forte, mas aqui se come. Eu boto pouco, mas boto. Sempre na comida. Eu também não sou muito chegada nele, mas...

O que geralmente a senhora compra na feira? A sr<sup>a</sup> faz compra aonde?

*Não, ele que faz lá na feira de S. Joaquim*

E geralmente vocês compra, o que lá?

Carne do sertão, abóbora, cebola, pimenta, limão, coentro, chuchu, batatinha, essas coisas

A sr<sup>a</sup> conhece a feira?

*Conheço*

A sr<sup>a</sup> gosta?

(risos) só não vou todo mês porque tenho medo de estar viajando, aí não gosta dali

vocês comem mais do que compra lá ou do que seu marido pesca de vez em quando, seu filho?

Tudo junto. É tudo junto. Do meu filho é na casa dele. E a minha é aqui. Dele é dele. Eu como tudo, do que compra, do que pesca

E aqui o pessoal costuma fazer trocas, por exemplo, uma pessoa que planta um temperozinho troca pelo marisco. Acontece isso aqui?

*Não cada um vende o seu e come depois*

E do que se pesca e marisca, o que mais se vende e o que mais se consome?

*A mesma coisa, o peixe e o marisco. O que se vende como o que consome*

Como a sr<sup>a</sup> falou, por exemplo, quando a sr<sup>a</sup> era menor o siri mole era para vender e o duro era para comer

*E a situação era outra. E agora não, agora é mais fácil*

Agora se come, a mesma coisa

*Vende e come, a mesma coisa*

E o pessoal que vem de fora, comprar aqui ou comprar em S. Joaquim? Eles compram o que?

*Que vem comprar aqui?*

É

*Os de lá não vem comprar aqui assim não*

Então, quando vai pra ... qual o marisco, peixe que mais se vende?



*Marisco, o papafundo*

Chumbinho?

*Chumbinho, é. Peguari. São os mais*

E de peixe?

Cavala, sororoca, pescada. São os peixes que mais se vende pra fora. Nos bares mesmo só compra mais são esses, sororoca ou pescada

Das preparações que se fazem na região ou até mesmo as que a senhora faz em sua casa, a sr<sup>a</sup> pode falar sobre algumas? Tanto com o marisco como com o peixe?

Moqueca, ensopado, frigideira, siri catado. A gente faz aquela frigideira. São essas coisas fritas, também, se come frito. Escaldado ontem mesmo eu fiz de peixe. Pra gente comer. São essas comidas. Ensopado, frito moqueca e frigideira também de marisco e de siri catado

Vocês costumam vender pra quem?

*Para os bares da praia*

Dessas comidas ou de outras que a sr<sup>a</sup> queira citar também, tem alguma que as pessoas usam como remédio, com algum fim específico?

Marisco... dizem que marisco é muito bom, principalmente esses de casso que é bom que é cálcio. É bom pra certas coisas \_\_\_\_\_ falta de cálcio, pra pessoa comer a química, poder repor o cálcio. Pra mim é que não serve, às vezes eu como por teimosia, mas não posso

Tem alguma lenda, alguma restrição que as pessoas comentam aqui na ilha? Ah, não deve comer tal coisa quando a mulher está menstruada; não deve comer tal marisco quando está com ferida, alguma coisa assim?

Peixe tem muitos que não se deve comer, que aqui tem. E assim tipo da mulher tem frutas, umbu, abacaxi, banana crua. Muitas coisas dessas que as mães não gostam que as filhas comam, quando estão nessa época de menstruação. E peixe tem vários que a pessoa não pode comer, porque a garganta está doente, porque está com ferimento. A sororoca que é a mesma cavala, sardinha, xinxarro, tem vários peixes assim que não se come

Não se come esses peixes e essas frutas por que?

*Porque diz que é carregado, muito carregado não pode porque vai inflamar mais ainda*

A sr<sup>a</sup> falou agora que é carregado. Eu já ouvi falar aqui também que existem peixes remosos

*É a mesma coisa, remoso e carregado?*

A sr<sup>a</sup> poderia explicar melhor o que significa isso?

Não sei, eu sei que dizem que ele é muito remoso. E é mesmo, quando a gente está sentindo um pouquinho a garganta que comer a sororoca, no outro dia está pior. Se está sentindo o dente inflamado, no outro dia está pior

Tem muito sangue (hora? Da entrevistada)

Ela mesma está aí sem comer esses peixes por isso. Ontem mesmo não comeu a comida de casa, porque era sororoca e o dente está inflamado. Fica pior mesmo. É verdade

Essas restrições, esses alimentos que não se deve comer, como é que vocês descobriram isso? Foram observando, os mais velhos foram falando?

Os mais velhos foram observando e foram passando pra cá. Muitas pessoas vêm. ‘Ô Dora você sabe se esse peixe a gente pode comer?’ – ‘Não’! porque mãe me dizia isso. E é verdade mesmo, porque quando a pessoa como aparece, piora. Eu tenho uma irmã, que fez uma cirurgia, ela mora em Salvador e ela já foi criada lá mesmo \_\_\_\_\_. Que pai morreu, levaram pra lá. Ela operada com um dia, comeu um peixe que se chama pintado e ficou toda inflamada. Precisou tomar remédio. Depois ela me perguntou se fazia mal. Depôs que já comeu, que se sentiu mal foi que perguntou! Já tinha feito. Tem muitos peixes que são remosos, tem muitos mesmo

A sr<sup>a</sup> estava falando com a vizinha, que ela passou aqui procurando folha pra chá. Tem muita folha que o pessoal usa aqui pra fazer chá, pra algumas doenças?

Tem. Quebr-pedra eu tomo muito por causa do rim. Essa favaquinha é boa para o colesterol. Tem a folha de tamarindo também que é boa para o colesterol. Cidreira que é bom pra acalmar. Melissa que é boa pra acalmar. Tem o que mais? Espinho cheiroso que é bom para o útero da mulher, pra saúde da mulher. Tem muita folha boa que a gente cata por aqui pra fazer um chá. Tem a favaquinha graúda. Aí tem umas folhinhas de hortelã que é bom quando está de diarreia, pessoa tomar o chá. Tem muita folha boa.

A sr<sup>a</sup> falou que seu filho mamou durante muito tempo, e depois que a criança deixa de mamar o que ela passa a comer?

Banana batida, pão molhado no café, peixe de escaldado, é o pirão, faz escaldado, feijão com arroz, e aí vai crescendo. Quem tem isso, quem não tem vai comendo qualquer coisa que for arrançando (risos)

\_\_\_\_\_ o momento específico que os meninos começam a comer comida do adulto, começa a comer o peixe, o marisco, tem?

Quando vai crescendo a gente já vai comendo e eles também ali junto no \_\_\_\_\_. Vai comendo e vai acostumando pronto. E aí comer tudo mesmo

Geralmente a criança que vai pegando o hábito do pai, da mãe...

Isso mesmo, vai pegando o hábito. É pobre mesmo, tem que comer tudo. Acostuma logo desde pequeno

Tem alguma separação aqui de comida de criança, comida de adulto?

Quando eles estão pequenos a pessoa podendo fazer faz, sem pimenta, com pouco azeite, às vezes sem azeite. Faz separada assim

Vocês usam muito azeite aqui?

Usamos. Eu agora estou comendo pouco, mas que se usa muito azeite, muita pimenta usa.

O pessoal aqui gosta muito de pimenta. Tem algum motivo? A sr<sup>a</sup> tem alguma explicação pra isso?

Hábito mesmo, hábito de comer muita pimenta. Pai comia. Ficou com cirrose de pimenta (risos), foi mesmo, muita pimenta. Pimenta e azeite haja! Pra o pessoal daqui da ilha...

Com relação aos alimentos que vocês égam na maré ou pescam, o que é que o mangue dá para você<sup>s</sup> comerem? O que o mar oferece pra você<sup>s</sup>?

O mangue dá muito carangueijo, aratu. O mar dá muito peixe, siri, sapiro, pap-fundo que é o chumbinho. Pegauri eu já falei, ostra. O que a gente come mais são esses mariscos. Se existirem outros, são diferentes por aí

A sr<sup>a</sup> falou que está mudando muito aqui, está tendo muito crente agora. A sr<sup>a</sup> nota se essas pessoas comem diferente do resto da população? Essa religião faz alguma orientação pra que eles deixem de comer isso ou aquilo? Tem isso ou é normal?

Comida não, comida é tudo igual. A roupa que é diferente. A roupa tem que ser comprida, tem que ser de manga. Mas comida é tudo a mesma coisa

A sr<sup>a</sup> falou que tem um pessoal aqui, os cachoeiranos, que eles são os que mais plantam na ilha. Por que eles mantêm essa tradição? A sr<sup>a</sup> sabe dizer o por quê?

Na certa é porque trouxeram de lá. Eles vieram de lá, hospedaram ali na terra dos outros, ficaram aí. E plantaram pra sobreviver \_\_\_\_\_ emprego \_\_\_\_\_. E lá tem mais lugar pra eles plantarem, o lugar onde eles ficam, os cachoeirinhos. Nesse instante tinha um rapaz vendendo aí, deles

C:

Eu nem sei dizer, porque não me aproximo muito daquele lado. Dizem que são muito valentes (risos). Mas se tratar bem, eu acho que eles tratam também. Não bulindo com eles, eles não vão fazer nada com ninguém. Então eles ficam lá, e eu estou cá.

Falam que aqui é um lugar que vinham muitos escravos antigamente

Pra essa historia aí eu sou pouca nela

A sr<sup>a</sup> falou alguma coisa sobre seus avós, que eles nasceram e faleceram aqui na ilha. Daquela época, o que a sr<sup>a</sup> acha que ficou de costume, de comida?

A mesma coisa, pimenta, azeite, resguardo de não comer isso por causa de tal doença. Não comer aquilo porque é muito forte. Que aquilo interfere, não pode... são como você falou moça, da menstruação, não chupar umbu, \_\_\_\_\_ pé frio, fruta fria, araçá, banana crua, jaca, abacaxi. Isso é coisa de nossos avós

Como é essa questão de fruta fria?

É coisa deles. Sabia o que é e muita gente quando chupa mesmo, come, não se dá bem

C: seus avós eram daqui?

Eram. Morreram velho, mesmo. Todo mundo velho que morreu. Agora não morre ninguém velho, mas naquele tempo era. Meus avós, bisa, da parte de mãe, meus bisavós morreram ali. Vocês saltaram lá em Itamuabo, foi?

Em Neves

Mas passaram por Beriço

Passamos

Aquele terreno ali era de meus bisavós. Meu bisavô morreu num terreno ali atrás, velhinho. Caiu, morreu. A minha bisa velhinha morreu ali também dentro de casa. Nunca tinha ido ao médico até 90 e um bocado de anos. Quando foi um dia ela estava concertando rede embaixo da janela. Ela abaixou pra pegar a agulha, que caiu. Quando ela levantou a cabeça, o ferrolho da janela fechou a cabeça dela. Aí foi que ela foi no médico. Viajaram pra levar ela. Foi a 1<sup>a</sup> vez que ela foi no medico. Nunca tinha tido doença pra ir no medico

Por que a sr<sup>a</sup> acha que antigamente as pessoas morriam de velhice e hoje em dia...

Porque os produtos eram outros pra gente comer. Comia, era mais difícil a situação, mas comia tudo natural. E hoje em dia é tudo contaminado de agrotóxico. Eu acredito que seja. A minha avó era filha desses dois de lá, ela morreu com 95 anos.

Quando a sr<sup>a</sup> olha pra Salvador, assim pra fora da ilha, qual sentimento que a sr<sup>a</sup> tem o que a sr<sup>a</sup> sente quando vê a imagem da cidade?

Eu só sinto saudades dos homens meus que ficaram lá, que eu não vejo todo dia. Falo mais por telefone. Mas não sinto muita falta de lá. Só porque não tem transporte terrestre, porque eu tenho medo do mar, somente por isso. Porque eu fui pra lá, que me levaram apulso. Mas eu voltei, não quis saber de ficar lá. Não gosto muito de ficar lá. Não me acostumei de maneira nenhuma. Chorava e vinha embora. Chorava e vinha embora, ainda trazia esse que está aí gritando a menina. Aí ficamos só nós dois aqui. Os outros estão todos morando lá. Eu ainda estudei lá um pouquinho, morando lá. Não gostei de ficar lá

Das pessoas que vêm de lá pra ilha, a sr<sup>a</sup> acha o q?

Não me aproximo muito de pessoas estranhas, de veranistas, pra ficar por dentro. Não ou muito chegada a ficar assim, puxar o saco. Me dou com todo mundo, me tratam bem, todos me tratam. Mas pra ficar de dentro, não gosto muito não.

## **Filmagem da mariscagem no mangue – Bananeira 13/05/06**

### **1º Entrevista (Renata)**

F: Renata, a pouco você mencionou sobre a falta de proteção quando entra no mangue por não ter os equipamentos devidos e ser uma atividade difícil. Mas você mencionou também que chamam por Deus quando entram para Mariscar. Existe algum ritual, algum outro tipo de proteção que vocês fazem, que vocês realizam para sentirem-se mais seguros aqui?

Marisqueira 01: Eu estava contando agora mesmo que eu gosto muito de cantar cânticos nossos, da nossa origem ou rezar, sempre agradecendo. Eu vou mariscar, eu agradeço muito pelo que eu consegui recuperar, sendo que é uma coisa que é Deus que nos dá. , nos pertence. E o ritual acho que todo mundo usa é esse aí, é pedir proteção que entre no manguezal pra mariscar e que saia com seu marisco que vai ser o seu sustento, pra sua família e que não aconteça nenhum acidente que possa deixar a gente afastado disso.

F: Renata, quais são esses cânticos?

M1: Cânticos (risos)? Cânticos nossos, de nossa origem, de nossa raça, cânticos de negros, como nesse instante eu e minha irmã cantamos esse cântico negro que acho que vem da época dos escravos que é: “lê, lê, lê, lê, lê... lê, vida de negro é difícil, é difícil de viver, vida de negro é difícil, é difícil de viver!” Esse aí (risos) é um dos.

F: Você falou que agradece o sustento, que agradece a mariscagem. A quem vocês agradecem?

M1: Agradeço a quem nos dá tudo isso, a Deus que criou a natureza. É a ele que pertence, eu acho que é a ele que temos que agradecer. Eu agradeço a Deus, nunca reclamo, se eu mariscar eu agradeço a ele o pouco que ele me deu, se eu não consegui, se eu consegui, eu sempre agradeço, “obrigado meu Pai”, hoje eu agradeço, “obrigado Senhor”. Eu consegui pegar uma quantidade de siri boa, aí eu agradeço e estou aqui agora e se eu não consegui mariscar ou o que dê pra me alimentar e minha família, eu vou continuar agradecendo. Eu não botei nada aqui, eu não trouxe nada, eu só vim tirar da minha terra.

F: E você poderia falar um pouquinho como é estar aqui no mangue? O que isso representa pra você?

M1: Olhe, eu graças a Deus sou uma pessoa que aprendi morando em Ilha de Maré, que a gente tem mais que agradecer pelo que a gente tem. Eu me sinto bem, eu gosto da lama na minha pele, eu gosto de botar a mão e vê que eu estou arrancando alguma coisa que está sendo útil e eu me sinto privilegiada por ter tudo isso que não é todo mundo que tem e eu tenho. Eu posso chegar aqui, pegar meu marisco, levar pra minha casa, colocar na minha mesa pra minha família comer. Então eu acho que eu faço isso com muito amor, não só porque eu preciso mas também por muito amor.

F: Você tem algum sonho, algum desejo especial?

M1: Eu tenho, meu sonho de consumo entre nós mariscadeiras e marisqueiras, como o pessoal fala, é que a gente tivesse um meio de sobreviver aqui mesmo, um meio de exportar essa riqueza que a gente tem pra fora. Da gente se orgulhar de ter no fim do mês os nossos salários do que a gente arranca aqui na terra, do que a gente colhe no mar, no nosso manguezal. Eu acho que se a gente tivesse uma “empresazinha”, alguma coisa que começasse pequeno mas que tivesse espaço pra expandir, acho que seria este o meu sonho de consumo.

F: E quais as maiores dificuldades que você apontaria aqui em Ilha de Maré?

M1: eu acho que a dificuldade maior entre todas é o entusiasmo das pessoas. Eu acho que se todo mundo tivesse um pouquinho da minha coragem, da minha fé, que a gente teria conseguido já alguma coisa. Mas eu também sou um pouquinho pacífica, porque eu não acho essa coragem dos outros, aí eu me acomodo e não vou em busca. Mas eu acho que vou começar a reagir um pouco, vou começar a correr atrás e chamar esse povo pra gente lutar, que acho que está na hora. Eu já estou com 37 anos, eu acho que agora é a hora. Ou agora ou eu acho que vou desistir se eu não conseguir.

Fábio:

Essa entrevista acaba de ser realizada com uma marisqueira aqui em seu local de trabalho e onde a gente pode constatar o quanto é difícil, o quanto é puxado o trabalho destas pessoas e ao mesmo tempo arriscado. No momento da entrevista eu estava com lama até acima dos joelhos, tanto que para sair tive que contar com a ajuda dessa marisqueira e pude ver o quanto é difícil a locomoção e imaginar um pouco de como são os riscos que eles relatam. E quanto é gostoso a obtenção deste sustento pra essas pessoas. Mas que apesar de tudo elas têm muita honra, muita dignidade. Se sentem muito valorizadas, especiais como marisqueiras, apesar da sociedade não reconhecer isso. E que a maré ainda é um lugar o qual elas têm apego e o qual não querem abandonar.

## **2º Entrevista (Cristina)**

Fábio: Como é que as mulheres daqui de Maré se cuidam? Como é que elas se enxergam?

Marisqueira 02: É... a gente se cuida, a gente vem pra Maré... a gente se cuida... As vezes, nem toda vez a gente tem tempo de se cuidar, porque quando a gente chega da Maré, a gente vai fazer lenha pra cozinhar, a gente vai cuidar de casa, fazer comida, cuidar de filho e as vezes não tem nem tempo de se arrumar.

F: Mas como é que vocês acham que as pessoas que vêm de fora, os homens, percebem vocês? E se a mariscagem tem alguma relação com isso?

M2: Não porque eu não tenho vergonha de ser mariscadeira. Eu gosto de ser mariscadeira. Alguém... Eu digo que escondo minha mão, mas eu não tenho vergonha de ser uma mariscadeira. Vergonha sim, de andar a toa.

F: E qual o sentimento que a senhora tem em ser marisqueira, mariscadeira?

M2: Eu tenho um sentimento bom de ser, porque na cidade mesmo se a gente não tiver o trabalho, a gente morre de fome. E aqui a gente tem ainda essa maré que Deus deu a gente, pra gente... Eu acho que estou no paraíso, com muita dificuldade, mas estou no paraíso.

F: E além de ser o ofício da senhora, de tirar dele o seu sustento, mariscar tem algum outro significado pra senhora?

M2: Como assim?

F: É algo que te traz sensação de prazer? A senhora se sente como quando está aqui no mangue? Como é que a senhora pensa esse lugar, essa natureza?

M2: Não sei o que eu tenho que falar, tanta coisa!

F: Quando alguém fala assim, a palavra Maré, o que é que significa pra senhora?

M2: Pra mim significa muita coisa, significa que dali... desde quando a gente... desde quando eu me conheço como gente, desde os 10 anos que eu marisco. Desde os 10 anos que as vezes o pai da gente não é empregado, a gente ia com nossa mãe mariscar. Eu me sinto com o maior prazer de alguém me dizer, quando falam no mar. E eu me sinto mal quando a maré não está boa pra mariscar.

### **3º Entrevista (Márcia)**

Fábio: A senhora falou que compra muita coisa. Onde é que vocês geralmente compram esses gêneros, essa comida?

Marisqueira 03: A gente... eu realmente tenho que sair, porque algumas coisas a gente acha aqui, a gente compra aqui. E alguma coisa a gente tem que ir pra Candeias, Passe, que são lugares que tem mais outras coisas, que a gente não acha caro. A gente tem que ir comprar, porque aqui a gente acha um frango, carne de sertão, mas outras coisas a gente tem que comprar lá fora, em Candeias. Então a gente tem que comprar... alguma coisa básica a gente tem que comprar aqui e o que é mais caro a gente tem que procurar onde tem alguma coisinha mais em conta.

F: E quais são essas coisas que vocês geralmente compram fora daqui?

M3: É uma carne de boi, uma galinha assim, porque aqui já é mais cara. Então... farinha, eu mesmo procuro comprar em outro lugar, que é pra comprar... Em vez de comprar 2 kg, 3 aqui, eu compro mais em conta lá fora, pra comprar maior quantidade. Então eu mesmo procuro atravessar para o outro lado pra comprar minhas coisas, porque eu acho... se vou comprar de 1,10 aqui e eu achando de 1 real lá, eu tenho que



comprar lá que é mais barato, claro, pra economizar 1 e pouco pra aquilo. O dinheiro que eu tiver vai dar pra comprar mais coisas.

F: De quanto em quanto tempo vocês geralmente saem pra comprar alimentos?

M3: Eu mesmo procuro juntar meu dinheirinho, fazer minha comprinha de mês. Então minha compra é basicamente (...), tomo base daquilo que eu gosto e procuro fazer de mês em mês.

F: E vocês plantam? Criam algum animal aqui?

M3: eu realmente assim, na porta tem uns meninos lá que criam uns franguinhos, mas eu não gosto de galinha inteira porque eu tenho nojo de comer, então eu prefiro mesmo comprar sempre aquele do abatedouro.

F: Por que a senhora tem nojo dessa galinha?

M3: É porque uma galinha criada solta ela come muita porcaria. Eu tenho nojo de comer.

F: Como vocês mariscam muito, pescam, então tem algum produto que certamente vocês vão ter mais do que outros. Então é comum que as pessoas realizem algum tipo de troca aqui?

M3: O que a gente tem mais aqui é o peixe. As vezes tem muitos colegas que trocam marisco morto, mas não trocamos. As vezes bota uma rede, apanha muito peixe, aí dá um pouquinho pra cada um. Como uma vez o menino dela botou rede, apanhou peixe e saiu distribuindo pra todo mundo, dando um pouquinho a cada um. Mas marisco mesmo, cada um procura mariscar o seu. E aquele que apanha mais, procura vender pra interar seu dinheiro.

F: A senhora mencionou que algumas coisas aqui são mais caras. A diferença de preço daqui pra salvador, candeias e outros lugares que vocês compram é muito grande?

M3: Não, pode não ser muito grande, mas eu mesma como já tenho é tempo no lugar que eu compro que é Passe, então minha comprinha eu faço assim, eu já tenho uma pessoa certa que eu compro em um mês e pago no outro. Então eu acho que lá é mais em conta, porque aqui a farinha mesmo eu compro lá por 1 real. Então pode até não ter diferença, porque se for botar o dinheiro da passagem, vai dar a mesma coisa. Mas eu não sei se é devido ao costume mesmo. Eu faço questão de comprar fora mesmo.

F: Tem algum gênero especial, alguma comida que a senhora não deixa faltar a mesa? Que sempre vocês consomem?

M3: O feijão, um arrozinho, a carne, porque a gente não vai viver também só de peixe, porque eu mesmo se comer peixe a semana toda, eu enjôo. Então a carne, o feijão, o arroz e a farinha pra mim são necessários, que não podem faltar realmente.

F: Tem separação da comida, por exemplo, do adulto, de criança, se tiver alguém mais velho a comida é a mesma pra todo mundo ou tem uma separação, uma preparação pra cada um?

M3: Eu na minha casa eu faço... Na minha casa quando não tem menino pequeno eu faço a preparação tudo junto, é a mesma preparação, porque lá são todos praticamente adultos, então não tem separação nenhuma.

F: E quando tem menino pequeno?

M3: Quando tem sim, porque quando eu tinha o meu pequeno eu fazia o quê: um arroz, um caldo de galinha pra dar ao menino, uma sopinha. Então eu procurava fazer a comidinha separada.

F: dos peixes que vocês pescam, dos mariscos que vocês extraem aqui do mangue, tem aqueles que são voltados mais pra vender e os que vocês consomem mais?

M3: Tem sim, tem a ostra que é mais pra vender, o sururu e tem o caranguejo mesmo e o aratu que a gente tira mais esse tipo de marisco pra comer.

F: E por que tem essa diferenciação?

M3: Porque a gente acha que é o marisco que vende mais rápido.

#### **4º Entrevista (Carmem)**

Fábio: Carmem, agora a pouco você estava falando da falta de opções de lazer aqui em Ilha de Maré e por conta disso os jovens costumam sair daqui, costumam buscar diversão em outro lugar ou até pensam em se mudar, pra Salvador, Candeias?

Marisqueira 04: Mudam muitos jovens daqui. Saem daqui também por falta de estudo, também por falta de diversão. Muitos hoje em dia estão entrando no mundo das drogas, porque não tem outro meio de ocupar a mente, não tem uma diversão. A violência está aumentando, porque está em porta de bar dia de sábado ou domingo, o dinheiro que pega é gastando, não têm outra opção, pra dizer: “eu vou pegar esse dinheiro, eu vou pra um cinema, eu vou pra um lugar melhor.” Então a opção do jovem aqui é pegar o dinheiro e ir pro bar. Aí vai gerando a violência, violência e daí pra pior. Muitos saem daqui pra ter uma coisa melhor, pra trabalhar, pra se divertir, mas aqui dentro o meio de lazer é muito ruim.

F: Mas apesar de algumas pessoas terem esse desejo, você acha que seria interessante deixar a Ilha de Maré?

M4: (risos) Não, por um lado não. Seria assim... Eu penso em sair daqui da ilha no seguinte, pra trabalhar, pra realizar um sonho meu, porque aqui dentro eu sei que não vou conseguir, é muito difícil. Mas se aqui dentro tivesse como realizar meu sonho, eu não pensava em sair daqui. Seria a última coisa que eu pensaria, era sair daqui.

F: E em relação a... Você mencionou que alguns jovens acabam consumindo drogas. Isso é um problema comum aqui ou são casos isolados?

M4: ... casos... deixa eu ver (risos)... acho que não sei, são casos comuns.

F: Têm muitos jovens que consomem drogas aqui?

M4: Muitos, estão chegando... Já está “coisando” muita gente. Está “evoluindo “ muitos jovens aqui, por causa dessa drogas.

F: e geralmente qual o tipo de droga que eles mais consomem?

M4: De droga eu não entendo nada (risos), só sei que são drogas, agora (risos), agora não sei que tipo de droga que eles consomem. Eu não sei explicar que tipo.

F: E o que você acha que poderia se fazer pra melhorar essa situação? Pra que os jovens tivessem oportunidade, mais lazer?

M4: O que eu sempre tenho assim pra mim é que nós jovens não temos oportunidades. Se nós jovens tivéssemos oportunidade, acho que o mundo não estaria do jeito que se encontra, tanta violência, , tanto roubo, tantas drogas. Acho pra mim que devia ter um pouco de oportunidade. Se tivesse uma coisa de ocupar a mente, acho que não precisaria dizer dizer: “não tenho nada pra ocupar a mente, não vou usar drogas, eu não vou roubar, eu não vou...” Sabe? Fazer coisas ruins. Tivesse coisas boas pra nos ocuparmos a mente seria melhor.

F: E em relação à violência, você acha que é um problema aqui em Ilha de Maré?

M4: É um problema muito grande. Violência está demais aqui na Ilha de Maré.

F: O que é que acontece aqui?

M4: É que a coisa está assim: brigas violentas, tudo é arma. Está andando de arma na mão achando que... Isso é coisa que já virou moda, os jovens estarem andando com arma na mão. Qualquer briguinha é motivo, qualquer coisa tendo criança ou não, eles estão com a arma na mão. Qualquer discussão eles não querem nem mais pegar peso de briga, já é... já estão dando tiro. Não respeitam as famílias que vivem aqui na comunidade. Pra eles tudo é do jeito que eles querem.

F: Além do grupo de dança, tem alguma outra atividade que envolva os jovens ou até os adultos, as pessoas aqui de Ilha de Maré?

M4: Aqui além da dança tinha o grupo de serigrafia que entrou muito jovem e o grupo também de capoeira. Entraram jovens e adultos também. Mas acho que não deram continuidade a estes grupos.

F: E quem é que realiza estas ações? Quem que organiza? Essas atividades?

M4: É a associação de pescadores e marisqueiras daqui de Ilha de Maré.

F: Você poderia dizer o que é essa associação, como é que eles trabalham, qual é o objetivo?

M4: O objetivo da Associação daqui de Ilha de Maré é trazer coisas boas pra ilha, pra nossa comunidade e para os jovens, como estes grupos... eles procuram ocupar a mente com esse grupo de dança, grupo de capoeira, grupo de serigrafia. Muitas coisas boas estão acontecendo aqui na Ilha de maré, chegando também. Agradeço a associação porque uma das coisas boas que eles fizeram em primeiro lugar foi o meio de nós ocuparmos a mente, para os jovens principalmente. Uma das coisas boas que eles fizeram foi isso. Os objetivos que eles estão fazendo muito bem são esses para os jovens e para a comunidade, porque eles procuram fazer o que há de melhor pra nossa comunidade.

F: E tem outras comunidades aqui na ilha, né? Como é a relação das pessoas aqui? Vocês visitam as outras comunidades? Fazem atividades juntos? Tem alguma forma, algum encontro entre vocês?

M4: nós visitamos a comunidade quando tem... o que precisar, tipo assim, vai ter uma reunião em Praia grande, outra comunidade aqui da ilha, aí nós jovens vamos pra essa reunião. Se for de encontro, tem encontro, nós vamos. É uma relação muito boa, assim, de uma comunidade pra outra comunidade, muito boa, nós nos visitamos.

F: Você mencionou sobre seus pais. Como é que os jovens percebem a família, a relação com os parentes?

M4: Não entendi, pode explicar?

F: Como é que as pessoas aqui, principalmente os jovens, como é que eles se relacionam com a família?

M4: A relação aqui dos jovens eu tenho pra mim que é uma relação boa, assim, porque nós jovens entendemos que nossos pais não têm condições de nos dar o que precisamos. Então aqui nunca vi casos de filhos que queiram forçar os pais a roubar ou a fazer o que eles não podem. Então eu acho que é uma relação muito boa porque nós sabemos que eles não têm condições, nós vamos procurar trabalhar pra ter o que eles não podem dar. E até dar pra eles o que eles não tem, nós filhos. Então eu nunca vi caso de dizer que os filhos forçaram os pais a roubar, a fazer coisas que não podem para dar o que eles precisam.